Collecção Antonio Maria Pereira
F. A. e Maia
Vencido
Romance

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição popular das suas principaes obras em 80 volumes in-8.º, de 200 a 300 paginas impressa em bom papel, typo elzevir

1 — Coisas espantosas.
2 — As tres irmans.
3 — A engeitada.
4 — Doze casamentos felizes.
5 — O esqueleto.
6 — O bem e o mal.
7 — O senhor do Paço de Ninães.
8 — Anathema.
9 — A mulher fatal.
10 — Cavar em ruinas.
11 e 12 — Correspondencia epistolar.
13 — Divindade de Jesus.
14 — A doida do Candal.
15 — Duas horas de leitura.
16 — Fanny.
17, 18 e 19 — Novellas do Minho.
20 e 21 — Horas de paz.
22 — Agulha em palheiro.
23 — O olho de vidro.
24 — Annos de prosa.
25 — Os brilhantes do brasileiro.
26 — A bruxa do Monte-Cordova.
27 — Carlota Angela.
28 — Quatro horas innocentes.
29 — As virtudes antigas.
30 — A filha do Doutor Negro.
31 — Estrellas propicias.
32 — A filha do regicida.
33 e 34 — O demonio do ouro.
35 — O regicida.
36 — A filha do arcediago.
37 — A neta do arcediago.
38 — Delictos da mocidade.
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios.
41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
47 e 48 — O judeu.
49 — Duas épocas da vida.
50 — Estrellas funestas.
51 — Lagrimas abençoadas.
52 — Lucta de gigantes.
53 e 54 — Memorias do carcere.
55 — Mysterios de Fafe.
56 — Coração, cabeça e estomago.
57 — O que fazem mulheres.
58 — O retrato de Ricardina.
59 — O sangue.
60 — O santo da montanha.
61 — Vingança.
62 — Vinte horas de liteira.
63 — A queda d'um anjo.
64 — Scenas da Foz.
65 — Scenas contemporaneas.
66 — O romance d'um rapaz pobre.
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
68 — Noites de Lamego.
69 — Scenas innocentes da comedia humana.
70 e 71 — Os Martyres.
72 — Um livro.
73 — A Sereia.
74 — Esboços e apreciações litterarias.
75 — Cousas leves e pesadas.
76 — Theatro: I—Agostinho de Ceuta.—O marquez de Torres-Novas.
77 — Theatro: II—Poesia ou dinheiro? — Justiça. — Espinhos e flôres. — Purgatorio e Paraizo.
78 — Theatro: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!
79 — Theatro: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
80 — Theatro: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores.

CAMILLIANA

Camillo Castello Branco — *Notas a margem em varios livros da sua biblioteca,* recolhidas por Alvaro Neves. — 1 vol.

Camillo Castello Branco — *Tipos e episodios da sua galeria,* por Sergio de Castro. — 3 vols., contendo inumeras transcrições da obra de Camillo.

Hosanna! Por Camillo Castello Branco. Fiel reproducção zincografica da 1.ª edição de 1852, hoje rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Os pundonores desagravados, por Camillo Castello Branco. Reproducção como acima da 1.ª edição de 1845. Tambem rarissima. Tiragem 60 exemplares.

Prefacio da 1.ª edição do Diccionario de Azevedo, por Camillo Castello Branco.

COLLECÇÃO ECONOMICA

VOLUMES PUBLICADOS

1 — Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon, seguidas de Tartarin nos Alpes, por A Daudet.
2 — Esgotado.
3 — Sergio Panine, por Jorge Ohnet.
4 — Esgotado.
5 — Esgotado.
6 — Esgotado.
7 — Esgotado.
8 — Esgotado.
9 — Esgotado.
10 — Esgotado.
11 — Esgotado.
12 — Esgotado.
13 — Um coração de mulher, por Paul Bourget.
14 — Esgotado.
15 — sEgotado.
16 — Esgotado.
17 — Esgotado.
18 — O ultimo amor, por Ohnet.
19 — Um bulgaro, por Ivan Tourgueneffe.
20 — Memorias d'um suicida, por Maxime du Camp.
21 — Esgotado.
22 — Esgotado.
23 — Camilla, por G. Ginisty.
24 — Trahida, por Maxime Paz.
25 — Sua Magestade o Amor, por A. Belot.
26 — Esgotado.
27 — Esgotado
28 — Esgotado.
29 — Mentiras, por Paul Bourget.
30 — Marinheiro, por Pier reLoti.
31 — Esgotado.
32 — A Evangelista, por Daudet.

33 — Aranha vermelha, por R. de Pent Jest.
34 e 35 — Esgotado.
36 — Parisienses! .. por H. Davenel.
37 — Ao entardecer!... por Iveling Rambaud.
38 — A confissão de Carolina, trad. de J. Sarmento.
39 — Esgotado.
40 — Esgotado.
41 — O abbade de Faviéres, por J. Ohnet.
42 — Esgotado.
43 — Esgotado.
44 — A nihilista, por C. Mendés.
45 — Esgotado.
46 — Morta de amor, por Deipit.
47 — João Sbogar, por C. Nadier.
48 — Viagem sentimental, por Sterne.
49 — O milhão do tio Raclot, por Emile Richebourg.
50 — A confissão de um rapaz do seculo, por Musset.
51 — Esgotado.
52 — O castello de Lourps, por J. K. Huysmans.
53 — Amor de Miss, por J. Blain.
54 — A sogra, por Laforest.
55 — Colomba, por P. Merimée.
56 — Katia, por L. Tolstoï.
57 — Alma simples, por Dostoiewsky.
58 — Duplo amor, por Rosny.
59 — Esgotado.
60 — A princeza Maria, por Lermontoff.
61 — Rosa de maio, por Armand Silvestre.
62 — Esgotado.
63 — O romance do homem amarello, pelo general Tcheng-Ki-Tong.
64 — A dama das violetas, por F. Guimarães Fonseca.
65 e 66 — Nemrod & C.ª, por Jorge Ohnet.
67 — Prisma de amor, por Paul Bonnhome.
68 — Historia d'uma mulher por Guy de Maupassant.
69 e 70 — Educação sentimental, por G. Flaubert.
71 — Depois do amor, por Ohnet.
72 — A fava de Santo Ignacio, por Alexandre Pothey.
73 e 74 — O herdeiro de Redclyffe, por Mrs. Yongue.
75 — Uma ondina, por Theuriet
76 — A familia Laroche, por Marguerite Sevray.
77 — As grandes lendas da humanidade, por d'Humive.
78 e 79 — A filha do Dr. Jaufre, por Marcel Prevost.
80 — A dama das camelias, por A. Dumas, Filho.
81 — Dezeseis annos..., por F. C. Philips.
82 e 83 — O Desthronado, por A. Ribeiro.
84 — Ninho d'amor, por A. Campos.
85 — Bodas Negras, por Almachio Diniz.
86 — Do amor ao crime, por Alphonse Karr.
87 — A ilha revoltada, por Ed. Lockroy

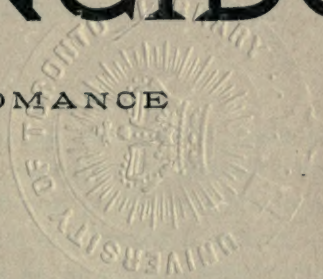
VENCIDO

TYP. DA EMPRÊSA LITT. E TYPOGRAPHICA
(Officinas movidas a electricidade)
R. Elias Garcia, 184 PORTO MCMXIV

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

Francisco d'Athayde Machado de Faria e Maia

VENCIDO

ROMANCE

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
44 — RUA AUGUSTA — 54
1914

PREFACIO DO AUCTOR

Este pequeno romance ou novella fazia parte duma serie de contos, escriptos ha bastante tempo já, alguns dos quaes foram publicados em jornaes, outros ineditos estavam destinados a morrer numa pasta de papeis velhos, se, ao relê-los recentemente, não sentissemos acordar a saudade do tempo inolvidavel em que a mocidade tem pruridos litterarios, despertos pela effervescencia dalma juvenil sempre vibratil, mas as mais das vezes impotente na exteriorisação do seu sentir.

Eram estes contos e novellas esboços de figuras, paisagens, bosquejos dalmas, de impressões, de emoções e de temperamentos. Tentativas litterarias, falhas de colorido, da força atica e exteriorisadora da palavra eloquente e vivificadora que deve caracterisar a verdadeira obra darte, ficam tão distantes desta como do quadro perfeito o bosquejo, em que as sombras são mal definidas, os traços hesitantes e duros, a luz grosseiramente distribuida,

ou como fica distante da imagem impeccavel do estatuario o esboço delineado no cepo, no toro.

Não temos, pois, a pretenção de haver produzido uma obra merecedora da attenção do publico. Apenas obedecemos, pensando em publicá-la, ao talvez futil mas humano desejo de dar vida, ainda que curta, ás phantasias, ás emoções, aos pensamentos que apprehendemos em nós e nos outros, e porventura ás observações que fizemos.

Certa exuberancia de estilo, alternada por vezes com pobreza, hesitando entre a prosa e o verso, juvenil tendencia para a imaginação exaltada, scenas mais narradas do que accionadas, todos os defeitos que a critica póde apontar neste livrinho, tem para o auctor um valor documental, constituem o padrão duma vida que não volta e que a saudade illumina. E como a saudade é luz que tudo prestigia, que os maiores defeitos adoça, que as maiores manchas apaga, assim se explica o ter o auctor

pensado em fazer a publicação de escriptos que durante annos uma justa visão das suas imperfeições reteve na gaveta.

Acceita pelo nosso espirito a idéa da publicação, um bello dia enviamos os manuscriptos á Parceria Antonio Maria Pereira a vêr se os quereria publicar. A resposta desta illustre casa editora foi-nos favoravel. Todavia, dava preferencia ao pequeno romance VENCIDO, reservando-se, comtudo, o direito de publicar aquelles dos outros contos que necessarios fossem para preencher o numero de paginas estabelecidas para as suas publicações.

Longe como estamos a ella deixamos o criterio da escolha e aqui lhe consignamos o nosso reconhecimento por nos ter dado a honra de incluir o nosso trabalho na sua preciosa collecção.

Ponta Delgada — Janeiro de 1914.

O homem tem sempre motivo para proceder. Ou esse motivo esteja nas condições excepcionaes da sua organisação, na sua idiosyncrasia ou na tyrannia do meio que o opprime, o analysta deve-o conhecer.

(Dos *Noivos*, de T. de Queiroz).

VENCIDO

CAPITULO I

O nosso heroe vive em Lisboa neste anno da graça de 1901. É um homem de 30 annos, de mediana estatura, de olhar doce e contemplativo, com a expressão do intimo alheamento das pessoas habituadas á vida da imaginação, á vida subjectiva.

O observador facilmente descobria nessa physionomia duma certa fixidez, terna e triste, um espirito sonhador, alheio á realidade da vida que o desgosta e sonegado ao mundo objectivo que fere a sua sensibilidade requintada.

Na sua vida isolada advinha-se um segredo que a houvesse determinado.

Conhecia-o ha tempos e andava com um ardente desejo de penetrar o mysterio daquella existencia. Presentia nelle um typo a estudar; uma destas organisações delicadamente artisticas e intelligentes com os desequilibrios proprios dum temperamento em que a força volitiva não é sufficientemente energica, para coordenar os impulsos da sensibilidade, afim de que esta se contenha nos limites da vida real. Adivinhava nelle um tem-

peramento sentimental em que o pensamento e a vontade, escravisados aos doidos vôos do coração, se alam vertiginosamente em busca dum ideal intangivel, para cedo recahirem exanimes, aos primeiros embates da vida, nas brumas do mais invencivel desalento.

Deduzia isto do seu modo excentrico de viver, de algumas conversações que haviamos tido.

Tendo attingido o limite da mocidade, entrando nessa epocha da vida em que, ao cessar a effervescencia das ambições sonhadas nos primeiros annos, o homem se lança avidamente na estrada das ambições concretas, buscando no mundo real a felicidade até ali inutilmente procurada, elle parecia manter-se propositadamente na phase sonhadora da juventude, mas com a resignação triste de quem conhece que só lhe resta a felicidade subjectiva dos sonhos.

Com alguma fortuna e talento, escolhera a capital para viver, não como quem procura um meio largo para realisar ambições, mas como quem deseja viver isolado no meio da vida agitada, no tumulto dum grande centro que não conhece aquelles que com elle se não identificam.

Num meio pequeno seria notado, apontado como um excentrico, porque a sua vida nunca se poderia moldar pelas regras e preceiceitos da sociedade, mas pela sua imaginação original; numa populosa cidade passava despercebido, na confusa massa dos habitantes anonymos.

É esta a principal vantagem dos grandes centros para o homem cuja vida intellectual excede a craveira commum e que, por isso, não pode submetter os menores passos e habitos da sua vida aos usos, preconceitos e convenções da sociedade que o rodeia.

A vida acanhada das pequenas cidades para estes individuos é penosa e nociva. Se possuem um temperamento que lhes torna a lucta um sacrificio, se são destes seres bondosos e meigos a quem repugna o minimo attrito, a quem a mais leve aspereza molesta e fere, então, ou se submettem resignados ao que chamam conveniencias sociaes, soffrendo a oppressão dum captivo, cujo espirito fraco e abatido a tristeza e o desalento cedo invadem, ou revoltam-se intima e platonicamente, adoptando como unica defeza o isolamento que pouco e pouco os leva a um misantropismo que lhes infelicita a existencia. Se são espiritos fortes, para quem a lucta é um prazer e um habito, saltam sorridentes por cima desses liames que obstam á plena expansão da sua personalidade, mas então a sociedade ferida e despeitada pela falta de submissão ás convenções que ella erigiu em principios inviolaveis e sagrados, vinga-se atroz e mesquinhamente do audaz que assim ousa quebrar, sorrindo-se, as formulas veneradas duma conducta preestabelecida.

Á censura com que, no começo, os ferem, segue-se, a infamia, a calumnia que não cessa, antes alastra progressivamente, como augmentam as cir-

cumferencias que num tanque se formam ao cahir duma pequena pedra na agua estagnada.

O nosso heroe não era um luctador. Era um sonhador.

Estabelecera residencia, dizia, na capital a fim de poder ahi levar a vida que mais lhe agradasse, sem que fosse discutido, criticado, para dispor da sua pessoa a favor dos seus gostos e desejos sem peias, nem entraves.

Apesar disso, ali mesmo, amigos haviam querido traçar-lhe um plano de vida; correligionarios antigos haviam tentado faze-lo sahir da apathia em que vivia, incitando-o a entrar na propaganda de ideaes republicanos de que, diziam, havia sido um grande apologista nos seus tempos de academico, mas todos esses esforços foram baldados.

Faziam-lhe vêr quão facil lhe seria tomar um logar de destaque entre os corypheus do partido republicano, pela sua palavra facil e eloquente, adquirir a celebridade ruidosa dum orador de comicios; mas, se, por momentos, se accendia no seu intimo um ligeiro desejo de ambição, logo renunciava a tudo, com a intima convicção de que a vida não vale um esforço, por menor que seja, de que a sociedade em que vivemos e as ideas em torno das quaes esta gravita não são dignas da attenção do homem de bem, impotente contra a onda avassaladora do mal.

Achava a politica um campo aberto a pequenas

e mesquinhas ambições, semeado de intrigas baixas e vis, atmosphera corrompida, viciada, em que as almas puras se maculam, asphixiam, morrem, pela ausencia dum ideal amplo e humanitario.

Com estas razões justificava a sua inactividade, a sua falta de iniciativa, e quando alguem lhe objectava que os ideaes não brotam espontaneamente, antes necessitam sempre de quem os semeie e fortifique pela acção continua da propaganda, respondia com eterno estribilho de renuncia: «estou aqui de passagem» concretisando assim, nesta phrase, o seu desprendimento pela existencia.

Á sciencia negava fóros de certeza e verdade, considerando-a uma serie de hypotheses criadas pelo espirito especulativo, na illusoria presumpção de explicar phenomenos que não póde penetrar.

Certeza e verdade considerava-as fóra do alcance humano, na atmosphera intangivel das forças supremas.

O homem — dizia — só encontrará a verdade absoluta na existencia do Além, no fóco da vida universal — em Deus.

Deus era a unica verdade absoluta que admittia, não por uma deducção infallivel de raciocinios, mas por uma revelação instinctiva do proprio Deus ao homem. Parcella diminuta do espirito divino, eterno, a alma humana só poderá obter a potencia plena da sua comprehensão quando aggregada ao todo d'onde sahiu.

Assim explicava a sua descrença por tudo o

que dimanava dos homens, por tudo o que os prende á vida.

A existencia organisada era para elle apenas estadio superior na evolução progressiva do espirito, e a unica felicidade compativel com a vida humana consistia no antegoso da libertação da materia, phase ultima e suprema da existencia universal.

Se vivesse na idade média seria um autentico asceta, um d'esses monges allucinados pelas visões do mundo sobrenatural.

Amava a natureza, a arte, a litteratura, como concretisações parciaes do bello absoluto — Deus.

A sua casa de celibatario era um pequeno museu de preciosidades artisticas. A sua livraria um sacrario de obras litterarias, tal era o amor com que as seleccionava.

Não amava, porém, a litteratura e as artes modernas que transportam para o papel, para o marmore ou para a tela, a verdade crua e flagrante das coisas e dos sentimentos, mas a litteratura e as artes da escola romantica ou classica, em que a rudeza material é attenuada e espiritualisada pelas abstracções e adições de um sentimento do bello.

As pessoas que o conheciam apenas superficialmente julgavam-no um pouco desequilibrado e elle olhava-as com o desprezo de quem se conhece incomprehendido. Isolava-se, pois; vivia retirado, entregue aos caprichos da sua ardente imaginação.

Que circumstancias haviam produzido aquelle

modo de ser? Que determinantes moraes haviam causado aquelle estado d'alma? — crise pathologica do seu espirito a um tempo sceptico e pessimista como o de Schopenhauer, espiritualista e crente como o de Lamartine?

Quando discutia com elle as suas crenças religiosas, a minha razão perdia-se embrenhada nas subtilezas theologicas da sua dialecta, e contra os meus argumentos materialistas, este ultimo e final argumento apresentava sempre:

— Tivesse você chegado á minha idade, e supportado os desgostos que tive, então pensaria como eu, ou acabaria pelo suicidio com uma existencia inutil.

Nada mais havia conseguido obter delle. Esperava, todavia, com a paciencia dum investigador a occasião em que me fosse dado perceber o facto determinante daquelle estado d'alma.

Pouco a pouco a nossa intimidade foi-se estreitando e, embora nas nossas conversações nada me revelasse sobre a sua vida intima, via que lhe ia inspirando sympathia e confiança. Esperava, pois, que um momento de expansão ás vezes tão necessario ás naturezas sentimentaes, o levasse a fazer-me o que eu antecipadamente classificava de confidencia.

Os meus calculos não falharam, como o leitor verá no capitulo seguinte.

CAPITULO II

Numa tarde de outomno, numa destas tardes em que a luz do sol poente esbate as coisas, a paisagem numa pureza suavissima de contornos que a espiritualisa, como que na, expressão resignada e triste duma dôr moral, sahi de Lisboa em direcção ao Estoril, desejoso de sorver a plenos pulmões, ar oxygenado, de espraiar a vista pela vastidão azul do mar.

Ao entrar no comboio, deparei com o nosso heroe já commodamente installado num compartimento de primeira classe. Cumprimentei-o alegremente e sentei-me na sua frente.

— Vae ao Estoril? — lhe perguntei.

— Ia — respondeu — Sentia a necessidade, de vez em quando, de passar algumas horas longe do bulicio do mundo, da vida agitada de Lisboa, de se sequestrar ao frivolo convivio dos homens, de tonificar o espirito e o corpo ao contacto purificante da natureza.

Disse isto numa voz indolente e ficou-se a olhar o panorama do Tejo, na concentração que lhe era habitual.

O comboio seguia veloz a margem do rio, perpassando-nos, em rapida mutação de kaleidoscopo, bellos trechos daquella dulcissima paisagem.

Azues e mansas corriam as aguas para a foz, esmaltadas, num tom brando, pela luz obliqua do sol poente. Aqui e ali um raio já vermelho purpereava a agua. Uma grande falua de velas enfunadas deslisava altiva, evocando a lembrança de ousadas navegações. Na Outra-Banda, casas brancas punham uma nota alacre na tela pittoresca. Um retalho de praia faiscava, por momentos, nos seus milhares de seixos batidos pelos ultimos raios do sol, desapparecendo na rapida sceniação do espectaculo. Pequenos chalets surgiam, alcandorados em monticulos de verdura. Depois via-se ao longe, uma larga e longa facha de espuma branca, o mar na sua eterna e impotente lucta para reter o Tejo, indomavel violador das suas aguas. Mais uns momentos e o Estoril surgiu festivo no verde escuro dos seus pinhaes, defrontando a praia extensa, a bahia azul da barra.

Durante este trajecto inutilmente havia procurado entabolar uma conversa com o meu companheiro. Ás minhas observações ou preguntas respondia laconicamente, por forma a cortar a conversação. No meu espirito procurava, sem encontrar, um assumpto que me permittisse encetar uma conversa atravez da qual podesse aperceber o segredo daquella existencia, minha constante preoccupação.

Descemos á praia. As ondas lambiam a areia fina num sentido queixume. Crianças palreiras patinavam descalças. Uma inglesa esbelta e loira, de olhar vago, vigiando as crianças, olhava o mar com a expressão nostalgica duma expatriada. O meu amigo sentou-se na areia e quedou-se na absorvente contemplação daquelle quadro, agora duma claridade glauca. Parecia deixar fluctuar o espirito num devaneio vago e inominado, emquanto olhava, ao longe, inconscientemente, um paquete enorme de cuja chaminé sahiam largas columnas de fumo, maculando a atmosphera.

Então acudiu-me a observação, a pregunta salvadora que até ali debalde havia procurado. A minha curiosidade excitada via nella a chave que me abriria o segredo daquella alma concentrada, e resolutamente preguntei:

— A contemplação deste mar faz-lhe sentir a nostalgia da sua terra onde ha tantos annos não vae?

A esta pergunta um sorriso lhe perpassou na physionomia triste, e com intonação de quem pensa, alto me retorquiu:

— A vida é a nostalgia. A nostalgia é uma condição da existencia. Viver é, relacionar constantemente os factos presentes com os passados; lembrar continuadamente a existencia decorrida com a saudade intima das coisas perdidas. A nostalgia acompanha o homem, não só quando elle está longe da patria, mas desde que elle

começa a ter consciencia plena da própria existencia. A nostalgia é a vida que passa. Não ha a nostalgia da patria, a saudade dum ceu, da terra, da natureza que nos viu nascer e creseer, mas a nostalgia do nosso ser moral, das sensações que tivemos, das emoções que exprimentamos, do que passa e a saudade idealisa. É só do passado que a nostalgia se alimenta e este leva-o o homem comsigo, transporta-o eternamente preso pelo elo forte da saudade, porque de saudades e esperanças é o passado formado. Esperanças duma felicidade sonhada, doirada pelo fogo de aspirações ardentes, irisada pela imaginação juvenil, cheia de fé, de illusões e crenças; saudades dessa fé perdida, dessas crenças desfeitas, dessas bellas miragens reduzidas ao pó, ao nada, pelo embate continuo e rude do presente só fertil em desenganos!

Falava com uma grande verbosidade, enthusiasmando-se gradualmente á maneira que lhe sahiam as phrases que proferia como se estivesse declamando; fez uma pausa e eu aproveitei-a para lhe objectar:

— Para si, pois, a felicidade é apenas uma chimera, atraz da qual vãmente proseguimos?

— Sim — respondeu — quando a procuramos no mundo externo, quando a queremos concretisar no mundo objectivo, quando a buscamos em condições extranhas a nós proprio. Só deixará de o ser se apenas a procuramos no mundo intimo, interno, quando concentramos em nós todas as con-

dições de felicidade e não a tornamos dependente da felicidade de outrem.

Ser egoista — continuou — é a unica fórma de ser feliz, porque no egoismo concentramos em nós, no nosso eu, todas as condições de bem estar e não as tornamos dependentes, nem solidarias com a existencia dos outros. Refiro-me, bem intendido, a uma fórma superior de egoismo que não implica, a inveja, a ancia de se apoderar do bem estar proprio em detrimento dos outros, mas áquelle a que o individuo chega por uma serie de observações e raciocinios que constituem um systema philosophico a que subordina a sua existencia para attingir a paz intima, o socego, o equilibrio interno. Refiro-me ao homem que concentra em si todas as condições de felicidade, porque conhece ser esta uma illusão, quando procurada fóra do mundo subjectivo. Ter attingido esta fórma superior de egoismo é ter alcançado a serenidade plena do espirito, a paz intima, a paz imperturbada, a tranquillidade não quebrada pela ambição irrequieta dos desejos a que procuramos dar a fórma tangivel das coisas reaes.

— Assim — interrompi — para si o amor deve ser sempre um factor de infelicidade, porque amar é tornar a nossa felicidade solidaria e dependente dum outro ser...

— Certamente! Amar é abdicar da autonomia do nosso ser; é tornarmos a nossa felicidade dependente de elementos extranhos que não podere-

mos, muitas vezes, dominar; é entregar o nosso destino á mercê do acaso, deixá-lo boiar na corrente da existencia, como um navio sem leme, perdido no mar revolto e vasto que o pode impellir a plagas tormentosas em cujos recifes se despedace! E logo: Quer ser feliz? Fuja de amar. Cultive a solidão d'alma Se sente em si alguma coisa de superior que o impelle a ir além das exigencias da vida organica, não procure tornar real, concreto, esse sentimento; se sente em si alguma coisa de superior a si mesmo que lhe faça nascer desejos duma vida mais nobre, mais liberta da vulgaridade que lhe repugna, concentre-se, procure cultivar e engrandecer a sua personalidade intima, unicamente no mundo subjectivo dos sonhos que criou, mas não pretenda encontrar na realidade esses ideaes intimos e almejados. Lembre-se sempre que não ha realidade que possa confrontar-se com a felicidade sonhada! Cultive a solidão d'alma e seja feliz no mundo dos sonhos conscientes! É esta a unica felicidade imperecedoira que a um ser humano é permittido gosar... Convença-se de que toda a desventura provém da ambição de encontrar a felicidade por uma fórma tangivel, concreta.

A felicidade — continuou — sob esta fórma é um impossivel, porque alcançá-la seria attingir o estado perfeito. E o homem, ser imperfeito, é irreductivel ao estado perfeito. A sociedade, somma de parcellas defeituosas, não póde attingir tambem um todo perfeito. A felicidade, pois, synthese do estado perfeito

não póde ser nem individual, nem collectivamente um facto concreto. Ter a ambição de a encontrar objectivada é ser louco, é querer materialisar o immaterial! A felicidade é sómente uma abstracção do nosso espirito, vivificada pela imaginação açodada pelo desejo ardente de edenicos gosos e como tal deve ser considerada para que a vida não seja constante ludibrio de fallazes concepções — concluiu elle com um sorriso que forcejava por ser ironico, mas que só conseguira tornar triste, pela melancolica doçura da sua voz impregnada de sentimentalidade.

— As suas theorias são as dum pessimista, d'alguem para quem a vida tenha sido de continuas desillusões... Nunca amou? Sempre tem vivido nesse isolamento d'alma que preconisa?

— Não, amigo! A vida humana não póde assim fugir, libertar-se das leis naturaes que a regem. Alliado á matéria o nosso espirito soffre, fatalmente, uma evolução parallela á evolução do organismo que o encerra. E assim como no começo da existencia, o sangue rico de seiva corre, circula com mais força, tornando-se mais vivas as sensações physicas que experimentamos, assim tambem a nossa actividade sentimental e intellectual é mais intensa, mais fortes e vivas as nossas impressões moraes. A nossa vida animal, sendo mais intensa, exige maior expansibilidade e d'ahi as attracções physicas pelos individuos d'outro sexo; mas, por outro lado, paralelamente, as faculdades sentimentaes soffrem o impulso

do organismo e, entrando em acção, véem revestir essas sensações e impulsos organicos com o véo resplandecente da imaginação, transformando-as, aos nossos olhos enlevados, nessas suaves emoções que symbolisamos no coração e a que pois renitimos em querer subordinar a existencia. Amar — proseguiu — é uma condição da propria existencia, inherente á natureza e á qual ninguem póde frustrar-se, mas amar no sentido puramente intellectual da palavra, é só apanagio dos individuos dotados de organisações mais finas em que a imaginação predomina e que, na ancia de se subtrahirem ás despoticas leis da matéria, julgam, vaidosos, esse sentimento liberto das leis da physiologia, pairando autonomo nas elysias regiões do immaterial! É esta illusão que os perde, levando-os a crêr na eternidade do amor, na perpetuidade do fogo sagrado que jámais se apagará, que hade sobreviver á acção dissolvente do tempo, triumphar da decadencia fatal da mocidade, resistir á atmosphera frigida da velhice... E depois desta obnubilação, própria dos prodromos amorosos, vem então o descraseado periodo das desillusões, o ruir canceroso das energias psychicas, que os leva ou ao cynismo deprimente ou ao suicidio cobarde se... uma philosophia salvadora, como a minha, não lhes vem ensinar a conhecer a vida, não lhes vem dizer e mostrar que a ventura está no sonho e só nelle!

Esgotado por esta tirada, fez uma nova e profunda pausa, concentrando-se no alheamento que lhe era habitual.

Eu olhava-o attento e attonito, com a admiração absorvente de quem se acha em frente dum enigma que não sabemos nem podemos decifrar.

O que era elle? Um pessimista fraco e impotente, deixando-se arrastar pela crença dum fatalismo cego? Um desalentado que á força irresistivel das coisas oppõe o obstaculo passivo da inercia? Ou era antes uma destas organisações fracas e emotivas que, a par duma sensibilidade poderosa, mas morbida, possuem qualidades de observação e de analyse as quaes, sem a força necessaria para se exercerem activamente no mundo externo, lhe dão todavia, por momentos, um poder de introspecção, de analyse intima, desfibrinante, dos seus mais reconditos sentimentos, e mesmo por vezes, dos recessos mais ignotos da alma humana?

Emquanto eu formulava para mim mesmo estas preguntas, o meu amigo conservou-se silencioso, e, passados alguns segundos, sahiu da abstracção em que ficara e disse-me, como se estivesse lendo o meu pensamento:

— Está admirado de me ouvir falar assim? Parecia-lhe talvez que o meu temperamento que suppõe dum inconsciente sonhador não me permittiria perfilhar estas doutrinas?

Fiz um movimento de hesitante confirmação e elle continuou:

— Aprender a conhecer-se é a maior sciencia que o homem póde attingir! Eu, a custo de muita desillusão, de muita aspiração desfeita, da minha

mocidade aniquilada, estragada, perdida no grande vacuo que a minha imaginação abriu entre a vida que concebi e a realidade attingida, consegui alcançar esta sciencia redemptora. Pela analyse do meu ser conheci o homem, e da minha personalidade moral subtrahi as maximas da minha actual philosophia que me trouxe a paz, a quietação plena, a ausencia absoluta das luctas perturbadoras do espirito ambicioso, factor primordial da desventura humana. Agora sei que a felicidade é uma abstracção do nosso espirito sequioso de perfectibilidade e já não procuro dar-lhe outra realidade senão a forma intangivel do sonho! Sonhemos, pois, e sejamos felizes! E agora com exaltação, continuava:

— E nesta felicidade toda subjectiva ha momentos de extasis, de saborido goso intellectual. A imagem do mundo real, rude, d'asperos contornos, é dulcificada, espiritualisada, doirada pela imaginação creadora e fecunda, e a nossa alma expande-se, vibra sonora e dulcemente na deslumbrante contemplação dessas idealidades, com a intensidade candente duma ventura suprema e unica... E quando, porventura, a idade já não nos permitte o divino dom de criar, de idealisar, então volvemos os olhos para os doces sonhos do passado, da juventude, e fazendo-os reviver pela memoria, gosamos ainda com mais requintada intensidade, porque todas essas bellas imagens estão aureoladas pela prestigiosa luz da saudade!

A sua voz tinha ido gradualmente subindo de

tom e attingiu, neste ultimo periodo, as fortes vibrações da declamação, parecendo esquecer-se da minha presença no crescente enthusiasmo da sua eloquencia.

Parara para tomar fôlego e eu aproveitei esta pausa para lhe observar:

— Pelo que me diz vejo que já amou e que foi infeliz...

Numa voz agora em surdina e querençosa interrompia-me:

— Sim... e impotente já para criar novas idealisações, volto os olhos para o passado, escavo dahi saudosamente os sonhos da minha mocidade, os sonhos fataes duma idade incauta em que a felicidade me appareceu com as fórmas enganadoras duma realidade... Dessas recordações vivo agora e por ellas tenho ainda a felicidade subjectiva do sonhador, não perturbada pelo travo amargo das desillusões, porque... a minha philosophia é um forte pavez que possuo a defender-me das allucinações da illusão... E logo:

— Vejo que o meu amigo deseja conhecer a minha vida, talvez para um fim litterario... pois bem, contar-lha-hei, mas agora é tarde; é tempo de voltarmos a Lisboa. Se quizer procure-me ámanhã.

Effectivamente, durante a nossa longa conversação a noite avançara já bastante. Seriam onze horas. Levantamo-nos e caminhavamos em silencio pelo areal. O meu amigo mergulhado nas suas meditações e eu já a architectar os capitulos dum

longo romance de sentimentalidade, emquanto o meu olhar contemplava a mutação que soffrera aquella deliciosa paisagem.

Pouco a pouco o meu espirito foi-se desviando do curso de ideias em que a conversa do meu companheiro o lançara e foi-se prendendo á belleza da noite primaveril, notando e analysando as linhas magicas daquelle quadro colossal.

Agora era a lua que tonalisava a paisagem. Gorgotões de branda luz diaphanisavam a atmosphera azul ferrete, pondo nas aguas istrias prateadas e tremulantes.

No outro lado da bahia, as costas esfumavam-se novoentas, cortadas pelos fachos dos longinquos faroes que, em intermitencias rubras, chicoteavam as sombras densas.

Subitamente o agudo apitar do comboio, veio-nos chamar á realidade das coisas e, sem nada dizermos, corremos para a estação, afim de regressarmos para Lisboa. E assim findou este passeio, em que obtive a promessa daquella confidencia que tanto me interessava.

CAPITULO III

No outro dia dirigi-me á Calçada do Marquez de Tancos, onde ficava situada a casa do meu amigo.

Á hora indicada batia eu á sua porta. Abriu-ma o criado e, declarando que S. Ex.ª me esperava, introduziu-me no gabinete do meu protagonista.

Já ali havia estado, por varias vezes, mas, emquanto esperava, puz-me de novo a observar a vasta quadra. Era uma sala espaçosa e larga, cheia de luz e de sol, abrindo por duas amplas janellas para o lado do rio. O socego e o conforto convidavam a longas e indolentes meditações; o panorama que das janellas se disfructava a suaves poeticas emoções.

A vista abrangia destas janellas um longo lençol do Tejo, talvez na extensão de tres kilometros, engastado no torciculo das duas margens, como um collosal espelho; a nossos pés estendia-se, em rapido declive, a casaria accumulada na encosta; mais abaixo o rio albente pelo sol brilhante corria

imperceptivelmente para a foz, beijando o costado dos navios que, ou lhe rasgavam as aguas mansas em largos sulcos de espuma, ou estacionavam nas ancoras, immoveis.

Na Outra-Banda, as colinas ondejavam no verde doentio das suas oliveiras, alternado com a côr sépia dos terrenos crestados pelo sol ardente e esterilisante. Ao longe, o Castello de Almada, dominando a pequena villa, rompia a monotonia bucolica da paisagem com essa nota historica dum passado marcial e aguerrido.

O socego relativo da rua e esta situação excepcional teriam sido, sem duvida, os motivos determinantes do nosso heroe haver escolhido esta casa para sua residencia.

Nesta escolha descobria-se já a feição predominante do seu caracter, a sua tendencia para o isolamento e para a contemplação. E da ornamentação rica e phantasista daquelle interior deduzia-se o seu amor pela arte, moldada pelos impulsos da sua imaginação, pelas concepções originaes do seu espirito e não por regras preestabelecidas.

A mobilia não tinha um typo definido. Era um mixto das linhas severas da mobilia de Luiz XIV e da elegancia e leveza de Luiz XV, quebrado, a espaços, com as caprichosas e ondulantes linhas da arte moderna.

Duas grandes estantes de pau preto, pejadas de livros, occupavam o fundo da sala, severamente ostentosas nos seus fechos de ricas ornamentações

e puxadores de prata fosca. Entre as duas janellas, vedadas por custosas cortinas, um magnifico contador, sustentando dois pesados candelabros de bronze.

Do outro lado opposto ás livrarias, uma atagere-estante, cheia de volumes ricamente encadernados, destacava-se entre duas columnas de pau preto sobre as quaes se erguiam, em posições meditativas, os bustos em marmore de Victor Hugo e Lamartine.

Ao centro da sala estava uma ampla mesa de trabalho coberta de livros, de papeis, de jornaes e revistas, tudo numa indescriptivel confusão.

Aos lados desta, duas magnificas cadeiras de braços, amplas e largas, convidavam a longas e indolentes leituras, na commodidade e aconchego dos seus macios e flacidos estofos. Proximo de uma destas poltronas, e ao alcance da mão, via-se uma pequena mesa de rodar, cheia de gavetas, onde se amontoavam, sem methodo, nem ordem, caixas de charutos, longos cachimbos, cabeças de louça das Caldas, repletas de tabaco, pequenas estatuetas em equilibrio sobre resmas de papeis e revistas.

Sobre esta mesa, denunciando uma leitura recente, achava-se um livro aberto. Aproximei-me a vêr que leitura occupava agora o espirito do meu amigo e li : *Pensées et fragments. Schopenhauer*, e na pagina aberta notei o seguinte periodo, marcado a lapis :

Le bonheur est donc toujours dans l'avenir ou dans

*

le passé, et le present est comme une petit nuage sombre que le vent promene sur la plaine ensoleillée; devant lui, derrière lui, tout est lumineux, lui seul jette toujours une ombre.

Tinha acabado de lêr este periodo quando a porta se abriu e o meu amigo entrou, ainda a tempo de vêr que eu tinha lido o pensamento por elle marcado.

Cumprimentando-me disse-me, pois:

— Conhece este livro? É uma compilação de pensamentos do grande philosopho, extrahidos de varias das suas obras. A sua leitura dá-nos a essencia daquelle grande espirito observador e humorista, descrente e materialista, mas desoladoramente logico e persuasivo nas suas geniaes concepções sobre os homens e sobre as coisas. A essencia da vida humana foi por elle intuitivamente surprehendida quando escreveu estas palavras duma ominosa verdade e leu:

Vouloir c'est essentiellement souffrir, et comme vivre ce'st vouloir, tout la vie est par essence douleur. Plus l'etre est elevé, plus il souffre. La vie de l'homme n'est qu'une lutte pour l'existence avec la certitude d'etre vaincu...

A nossa maior infelicidade — commentou elle — está em que só tarde adquirimos —.quando adquirimos! — esta certeza de sermos vencidos. Então só nos resta aquella felicidade subjectiva dos sonhos passados, das bellas miragens no futuro e que o presente vae desfazendo, pouco a pouco, á maneira

que avançamos na vida, como se desfazem as miragens bellas das madrugadas de verão á luz clara do dia, á medida que o sol avança no horisonte, reduzindo-as a diaphanas vaporisações a que a luz enganadora do crepusculo dava fórma e vida. Mas, amigo, cá estou eu nestas divagações... noto, porém, que ellas insensivelmente nos approximam da conversa que hontem tivemos e de que esta sua visita é uma consequencia agradavel. E sem se interromper:

— Confesse que está com uma diabolica curiosidade de conhecer o meu passado? Não é assim?

— Ouvirei as suas confidencias, se me julgar digno dellas — respondi — com o interesse dum verdadeiro amigo a quem acaba de captar o coração pela confiança e sympathia com que o tem tratado. Não receie confidencias da minha parte; sei guardar os segredos que me confiam...

— Sei isso — interrompeu — e ser-me-hia agradavel tê-lo por confidente, porque a um solitario como eu grato é, de vez em quando, expandir a alma pelas coisas passadas, reproduzir pela palavra recordações que o espirito e a memoria nos conservam. Poder-lhe-hia dar documentos sufficientes para conhecer a minha vida, e meu sêr moral; poder-lhe-hia photographar as oscillações do meu espirito, as tibiezas da minha vontade; poder-lhe-hia descrever o soffrimento duma alma que muito sonhou e que foi infeliz, por não encontrar na realidade a concretisação das suas idealisa-

ções; poder-lhe-hia ainda mostrar como a uma epocha de elaboração sentimental succedeu um periodo de fadiga e desalento, durante o qual o meu espirito pode incidir na analyse e decomposição dos meus sentimentos; e finalmente mostrar-lhe-hia como volatilisando esses sentimentos no cadinho da razão e do raciocinio, conheci que toda a minha infelicidade se filiava nos excessos da minha imaginação, chegando á conclusão de que a felicidade perfeita só se attinge no mundo subjectivo e que objectivamente só devemos procurá-la evitando a dôr, fugindo e isolando-nos, sequestrando-nos a tudo que nos possa levar ao caminho allucinante dos desejos e ambições... Assim, fornecer-lhe-hia motivos, scenas para um longo romance, mas... não o farei... porque descubro que effectivamente escrever este romance seria o seu desejo...

— Não receie inconfidencias — atalhei eu — Eu não...

— Não receio — respondeu e accrescentou:

— De resto as suas inconfidencias seriam impessoaes, anonymas, pois sei que o meu amigo não seria capaz de ridicularisar, individualisando, factos e sentimentos expostos por quem se colloca acima de si proprio para os analysar e decompôr. Além disso... ninguem o acreditaria, porque não ha melhor fórma de não ser acreditado do que contando a verdade, como disse Camillo. Não é, pois, o receio duma inconfidencia que me faz não lhe contar o meu passado, como desejava e lhe havia promet-

tido, mas simplesmente uma questão de coherencia com o meu principio *de que não ha realidade que valha uma irrealidade sonhada.* Este principio manda-me calar todos os pormenores para o deixar fazer idealisações...

E como eu fizesse um gesto de protesto para o interromper, elle continuou mais vehementemente:

— Creia que o seu romance só assim será bello! Nada ha mais massador do que a realidade absoluta, acredite-me! Se conhecesse a minha vida nos seus vulgares pormenores, a minha historia perderia para si mesmo o interesse que está tendo a minha exposição vaga, indeterminada. Todavia... — e hesitou durante uns momentos — como a imaginação sempre necessita dum impulso objectivo para se alar então no grande, vasto, mundo das emoções subjectivas, quero-lhe mostrar a figura da mulher que maior influencia exerceu na minha vida.

E dizendo isto, dirigiu-se para o fundo da sala, onde havia uma porta occulta por um reposteiro.

Afastou o reposteiro e desviando-se para me deixar passar, disse-me:

— Entre.

Entrei e achei-me num pequeno quarto, forrado a um rico papel doirado, luxuosamente atapetado.

O tapete vermelho escuro era expesso e fofo, abafando por completo o ruido dos passos. Ricas sanefas de seda ornavam as janellas e altas cadei-

ras de espaldar alinhavam-se severas, ao longo das paredes.

Por unico ornamento via-se, ao fundo um enorme quadro a oleo, um retrato, poisado num artistico cavalete.

Na penumbra que reinava uma figura de mulher destacava-se vagamente, nos seus contornos geraes, da moldura larga e doirada.

O meu amigo abriu as portas de dentro das janellas. A luz illuminou, então, em cheio o quadro.

Era uma mulher moça e bella. Num fundo bucolico, de paisagem coimbrã, á frente duma pequena casa, entre oliveiras, sentada num banco tosco de cortiça, uma rapariga de olhar meigo, parecia meditar. Branca e loira tinha as fórmas opulentas duma camponeza que o seu vestido citadino mal disfarçava. Os olhos dum azul escuro, pareciam enlanguescer sob humidas velaturas. Junto ao friso da moldura li uma data: 1890.

Tal era o aspecto daquelle retrato.

Depois deste rapido exame, olhei o meu enygmatico amigo interrogativamente e ia formular por palavras a minha interrogação quando elle, num tom de voz impossivel de descrever, no seu mixto de ironia e de occulta dôr, me interrogou:

— Acha esta mulher perfeita? Não é assim ? E logo:

— Pintadas são a unica fórma de corresponderem á nossa imaginação...

E esboçando um gesto de despedida, accrescentou:

— Tem já elemento, senhor romancista, para phantasiar um longo romance... e, se quizer, póde tomar por thema estes versos dum poeta da sua geração — e declamou no seu ar tragico e grandioso:

Epico cavalleiro medieval
Foi pelo mundo em busca da Ventura,
Cheio de fé e d'um risonho ideal!
....
Correu atraz do sonho e da chimera
Sem nunca ver a pallida visão,
Sem mesmo achar uma affeição sincera!
....
Por lá deixou seu ideal risonho!
Cansou se de gemer e soluçar...
E convenceu-se que a Ventura é Sonho
E só nelle se deve procurar!

E assim acabou elle aquella entrevista em que eu esperava obter a confidencia do passado, a explicação da sua vida isolada e extranha!

CAPITULO IV

Nada mais pudera obter, alcançar, da confiança do meu amigo.

Quando me encontrava perguntava-me sempre, sorrindo:

— Então o seu romance? muito adiantado?

Eu respondia-lhe:

— Nada posso fazer. As suas palavras foram muito vagas, muito mysteriosas para que um individuo de pouca imaginação, como eu, possa recompor todo um passado que eu calculo cheio de agitadas, intimas e dolorosas scenas.

— Que falta de imaginação! — retorquiu-me. — Pois que mais lhe era preciso?! Tinha todos os elementos...: um heroe taciturno e romantico que lhe fala uma linguagem elegiaca sobre o seu passado, o retrato duma mulher formosa, um scenario poetico como o de Coimbra, uma epocha historica como o anno de 1890... e ainda diz que lhe faltaram elementos para tecer uma interessante novela?!

E sorriu-se com o ar de ironia, com aquelle ar que lhe enrugava os labios numa flagrante des-

harmonia com a sua physionomia aberta de homem sincero e franco. Nada mais avançara.

Havia eu, pois, já quasi perdido a esperança de satisfazer a minha curiosidade, já quasi mesmo esquecido o caso, quando um dia um mero acaso me veio revelar o segredo do meu amigo, o conhecimento de todo aquelle passado que tanto me interessava conhecer.

Passeava eu na Avenida da Liberdade, num domingo, na companhia dum antigo condiscipulo de... Paulo — chamemos-lhe assim — o nosso commum amigo.

A Avenida regorgitava de gente. Num continuo vae-vem grupos de lisboetas palreiras passavam e repassavam nas alamedas frondosas. Nós flanavamos ao acaso, fazendo revista a todos os rostos, inventariando todas as bellezas que deslisavam ao nosso lado...

— Hoje — disse eu — é um dos taes dias em que parece que todas as mulheres formosas de Lisboa combinaram dar-se, *rendez-vous* na Avenida...

— E as provincianas tambem... Ora olhe para esta que avança para nós, pelo braço dum homem vestido de cinzento — observou o meu companheiro.

Olhei o grupo indicado. Uma senhora de uns 29 a 30 annos, luxuosamente vestida, alta, loira, branca, dum branco immaculadado, olhos azues languidos, avançava effectivamente para nos pelo braço dum homem de uns 40 annos, forte, musculoso, com aspecto sensual.

Ao passarem junto de nós o meu companheiro cumprimentou-os, com um sorriso amavel de quem corteja pessoas conhecidas...

— Bonita mulher! exclamei — mas eu conheço esta cara... accrescentei num subito dispertar de vagas reminiscencias.

— Conhece-a?! interrogou elle.

— Já vi pelo menos alguem muito parecido... retorqui, fazendo um esforço de memoria.

Continuamos o nosso passeio e eu ia sempre com aquella physionomia presente, procurando recordar-me donde a tinha visto já. Subitamente a memoria illuminou-se-me, e eu vi na minha mente o retrato mysterioso que me mostrara o meu amigo Paulo. Soltei então quasi involuntariamente esta phrase exclamativa:

— Já sei! É a mulher cujo retrato possue o nosso commum amigo Paulo, a sua mysteriosa paixão!

— O que? Paulo já lhe fez confidencias?

— Confidencias não, mostrou-me o retrato daquella mulher, de quando ella era ainda muito nova, e disse-me que ella havia exercido uma grande influencia na sua vida, fez-me, emfim, meias confidencias que me teem dispertado immensa curiosidade, sem nada de positivo me dar a conhecer.

— Sempre o mesmo! — commentou o meu companheiro — E com curiosidade:

— O que lhe disse elle?

Contei-lhe então, reproduzi-lhe a nossa conversa, as suas palavras mysteriosas e o convite que me

fizera de escrever, sobre aquelle vago thema, um romance.

O meu interlocutor soltou uma franca gargalhada e disse-me:

— Pois, meu amigo, faça-lhe a vontade. Eu posso satisfazer a sua curiosidade. Fui condiscipulo e confidente de Paulo, acompanhando de perto toda a sua vida de academico e as scenas romanticas dos seus amores foram-me por elle tantas vezes contadas, tantas vezes minuciosamente descriptas que até lhas poderei narrar quasi no mesmo tom poetico, sentimental, com que a sua imaginação sempre lhe aprouve revesti-las.

Começarei, quando queira, a narração deste romance, de que conhece agora os dois protagonistas, e que me vae reportar aos nossos bons tempos de Coimbra.

Aqui tem o leitor como pude, emfim, conhecer o passado do meu amigo Paulo, passado que constitue a historia que vae lêr-se e que eu reproduzo quasi pelas mesmas palavras com que me foi contada, fazendo um esforço de memoria para empregar na minha narração esse estylo mavioso e dolente, esse tom lamuriento e idylico com que os romanticos de tempos idos nos descreviam as paisagens, os campos, as arvores, as scenas decorativas da acção da suas novelas e aventuras, porque assim me foi recommendado pelo meu obsequioso informador, como aquelle que melhor se adapta ao feitio moral do nosso heroe.

O genio, apurado pelo desejo, enfeita a natureza de matizes, que ella não tem. A mulher, observada por um desses infelizes parias, que vivem longe de nós por excursões no deserto da aspiração, transfigura-se, divinisa-se, é o cherubim de um dia, a luz ephemera de uma bem-aventurança impossivel sobre a terra.

(Camillo Castello Branco — *Onde está a Felicidade?*, pag 129 — 5.ª edição).

CAPITULO V

Fôra numa tarde triste de outomno que elle a vira pela primeira vez.

Sahira a passear pelos campos que, como um lindo diadema de verdura, cingem apertadamente a poetica e lendaria Lusa Athenas.

O tempo estava sereno, mas triste e sombrio. Era uma destas tardes de outomno em que a natureza, preparando-se para o longo luto do inverno, tem a suavidade triste duma proxima viuvez. As folhas das arvores cahiam lenta e desoladoramente. Os ramos seccos e nús, erguidos para o céu, como braços esqueleticos, pareciam implorar socorro. As heras, enlaçando-se estreitamente aos troncos despidos de verdura, pareciam, num abraço meigo, querer consolá-los na sua desolação, aconselhando-lhes resignação. Os choupos que ladeavam o rio já não tinham a mesma altivez e os salgueiros dobravam-se na saudosa e muda contemplação do Mondego, parecendo relembrar o tempo em que elle corria limpo e crystalino e não escuro e turvo como agora.

Absorvido na contemplação da paisagem tão bella, nesse tom melancolico da tarde, fôra caminhando sem attender a que se afastava demasiadamente da cidade. Estava, talvez, a uma legua de Coimbra quando o tempo se toldou subitamente e grossas bagas de agua começaram a cahir, a principio espaçadamente, depois a mais e mais, ameaçando converterem-se, em breve, em contínua e violenta chuva. Olhára em roda á procura de um abrigo. A pequena distancia, a meia encosta duma colina, junto á estrada, viu uma modesta casa, aninhada entre velhas oliveiras. A casa que, sem duvida, pertencia a algum lavrador, sorria branca por entre o verde escuro das oliveiras, abrindo as janellas na hera viçosa que por ella trepava.

Linda era a situação desta casita, pela belleza excepcional do panorama que dali se disfructava. Via-se o rio correr desde longe, desde Coimbra, entre alas de salgueiros curvados sobre elle como se o quizesse reter na sua passagem.

Coimbra, na margem esquerda, engasta-se na sua extensa orla de verdura; do outro lado o Bairro de Santa Clara branqueja, com o seu convento lá no alto, sombrio e taciturno, parecendo chorar ainda a lembrança desse tempo de ingenua crença e dôce poesia em que elle abrigava formosas virgens ardendo no fogo de ineffaveis sonhos, na excessiva emotividade dum mysticismo embriagante. E mais abaixo, num segundo plano, as duas fabricas lançam á cara secular do vasto edificio o irreverente fumo das

suas chaminés, no insolente e democratico aprumo da sua utilidade...

Olhando este panorama, Paulo subira a pequena encosta, pelo atalho que conduzia á habitação, na intenção de pedir abrigo da chuva. Proximo da casa parou, surprezo. O vulto duma rapariga loira destacava-se no fundo já escuro duma das janellas, numa immobilidade de estatua. Os seus olhos grandes e melancolicos contemplavam a paisagem com expressão vaga de quem sonha.

Que pensamentos a absorviam naquelle fundo alheamento? Que desejos lhe agitavam a alma decerto ainda infantil? Que aspirações lhe tumultuavam no coração naquella primeira effervescencia da sua viçosa mocidade? Devaneava coisas dum mundo ignorado? Na vaga indecisão dos seus pensamentos alguma figura de rapaz apparecer-lhe-hia doirada pelos seus sonhos de donzella, produzindo-lhe intimos estremecimentos duma volupia ignorada? Palpitava-lhe o coração de seiva numa inconsciente percepção de sensações desconhecidas? Os sentidos e alma acordariam juntos para o amor, dando-se as mãos naquelle duplo despertar duma donzella, na cruel e eterna alliança do espirito com a carne? Taes eram as interrogações que Paulo fazia ao contemplar a rapariga cujo vulto estetico se destacava no fundo já escuro da janella, illuminado escassamente pela branda luz do crepusculo.

Uma voz de homem veiu desviar Paulo destas conjecturas idealistas e fazer sahir a rapariga do

seu absorto cogitar, falando assim do interior da habitação:

— Ó Rosa! Ainda não acharás tempo de fechar essa janella! Forte mania é essa! Estás ahi, filha, a scismar não sei em que, horas infinitas, numa tristeza que até faz mal ao coração. Eu bem sei o que isso é! Olá se sei!... Estranhas esta casa e o modo rustico das nossas maneiras! Ah! eu bem dizia a tua mãe que não deviamos acceitar o beneficio do teu padrinho! Eu bem lhe disse: Mulher, o que tu pensas ser uma felicidade para a nossa filha é uma infelicidade. Lembra te que somos pobres e que depois não a podemos manter com os mimos do fidalgo e ella, afinal, pobre é que tem de viver. Olha que em a nossa filha estando habituada aos luxos da casa do padrinho ha de julgar-se infeliz vendo que os não póde ter na nossa casa, quando para nós voltar. Tua mãe não me quiz ouvir, toda embevecida em te vêr a companheira das fidalguinhas, e agora succede o que eu sempre imaginei — rematava a voz.

Rosa, que ouvira distrahidamente o longo sermão paterno, dispunha-se a obedecer, fechando a janella, quando deparou com Paulo, parado a alguns passos della.

Elle caminhou então em direcção á casa, cortejando Rosa, e quando attingiu a porta já a esta assomava um homem, por certo aquelle que falára, olhando para Paulo interrogativamente.

Este explicou que passando por ali e come-

çando a chover, subira na intenção de pedir abrigo, por alguns minutos. O homem respondeu-lhe cortezmente:

— Pois não, senhor doutor! Tenha V. Ex.ª a bondade de entrar para aqui — e indicava-lhe um quarto á esquerda do corredor que atravessava a casa. E logo, para o interior de outro quarto:

— Rosa! traz dahi um candieiro que já faz escuro.

Minutos depois Rosa entrava com a luz. Vinha um pouco ruborisada, talvez pela idéa de que aquelle estudante tinha ouvido as palavras do pae. Abaixou, num leve cumprimento, a cabeça a Paulo e collocou o candieiro sobre uma mesa ao meio da pequena e modesta salinha. Foi então que Paulo pôde vêr bem aquella rapariga. Era uma bella loira, de grandes olhos azues e pelle dum colorido roseo tão fresco que lhe dava a impressão duma rosa orvalhada pelo sereno matutino. Vestia de chita preta, mas o seu vestido revelava no corte e gosto habitos senhoris; um pequeno avental branco cingia-lhe a cintura que, sem ser fina, era flexivel, colleando-lhe as ondulações vigorosas do seu seio farto de rapariga sadia.

Pelas phrases que ouvira ao pae e do todo senhoril de Rosa, deduzia Paulo que aquella rapariga havia tido uma educação superior á humilde condição em que nascêra. Assim natural era que o pae tivesse razão quando lhe dizia que ella se achava infeliz, deslocada, no lar paterno.

O pae de Rosa, mal a filha collocára o candieiro sobre a mesa, fez a sua apresentação:

— Esta rapariga é minha filha. Talvez, accrescentou, V. Ex.ª ouvisse o que eu lhe estava dizendo ha pouco?

Paulo sorriu-se e Rosa, tornando se rubra, murmurou:

— Oh pae! Oh pae!

Parecia assim querer retê-lo na inconveniencia de revelar a um desconhecido coisas intimas, mas o pae não a attendia e continuou, com aquella rude franqueza dos camponezes:

— É verdade, senhor doutor! Quem nasceu para viver pobre, como pobre deve ser educado, para não extranhar depois a casa onde nasceu.

A minha filha foi educada em casa do Dr. F... que V. Ex.ª deve conhecer, como se fosse sua propria filha, e agora, que tem de viver comigo, extranha tudo, anda aborrecida e é infeliz por se vêr na companhia de seu pae!

Rosa ao ouvir o pae saltaram-lhe as lagrimas duas a duas e, entre o choro reprimido, murmurou:

— Não diga isso pae que não é assim! Que idéa estará a fazer de mim este senhor! — accrescentou num soluço.

Ao ouvir a filha e ao vê-la chorar, o lavrador interneceu-se e já cheio de meiguice, retorquiu:

— Eu não quero dizer... sim eu não digo que tu não me estimes... mas não te sentes feliz...

é natural... desejas outra vida que eu não te posso dar... sim, porque...

Paulo, a desviar a conversação, levantou-se para ir vêr se ainda chovia, e o lavrador então observou:

— Ainda cae grossa, senhor doutor. Tem de esperar um bocado, mas não tenha pressa que não nos incommoda nada.

Paulo sentou-se de novo allegando que, visto não incommodar, se demoraria mais alguns momentos a vêr se escampava. Houve um silencio.

Paulo estava com desejo de ouvir falar a rapariga que começava a interessá-lo vivamente e formulou uma pregunta ao acaso:

— Foi então companheira das filhas do dr. F...?

O seu intento, porém, malogrou-se, porque foi o pae quem respondeu:

— A minha filha foi em pequena para casa do senhor dr. F..., seu padrinho, e lá esteve até que minha mulher faltou, isto é, até ha dois mezes. A intenção do padrinho era que ella fosse professora, mas eu estou velho e sósinho e não posso dispensar a sua companhia. Não tenho mais ninguem neste mundo... concluiu com fristeza.

Houve novo silencio, uma curta pausa na conversação, produzida pela tristeza commovente desta ultima phrase do lavrador. Paulo sentia-se enternecer ao ouvi-lo e o seu olhar envolvia, cheio de sympathia, aquelle velho, de mediana estatura, de olhar

vivo e bondoso, revelando intelligencia na expressão aberta duma alma sincera, uma destas almas ingenuas formadas no convivio da natureza, almas simples, sem maculas, essencialmente puras como o ar oxygenado e puro que respiram.

A chuva continuava a cahir, fustigando com força os vidros, e o silencio continuava a opprimir os tres, numa muda e commovida sentimentalidade. Paulo quiz quebrar aquelle silencio oppressor e preguntou:

— Esta senhora é então sua unica filha?

— Sim, senhor, a unica filha que tivemos.

— Casou tarde?

— Aos 38 annos. Até esta idade nunca pensei em casar. Tinha meus paes vivos, mas por morte delles comecei a sentir um vacuo no coração, a necessidade de ter alguem a quem dedicar-me, por amor de quem trabalhasse, a quem podesse communicar as minhas alegrias pela esperança duma boa colheita, as minhas tristezas pela perspectiva dum mau anno... Então comecei a ir ao domingo a missa e á sahida reparava nas moças que sahiam... Foi assim que eu fiz a minha escolha... A Maria do tio João do Outeiro que Deus haja, foi quem me prendeu o coração... Ao fim dum anno de casado nasceu a minha Rosa.

— Para si isso devia ter sido motivo de grande alegria, porque vejo que é um homem de coração — disse Paulo a estimular as confidencias do velho que o estavam interessando altamente.

— Sim, de muita alegria? E á medida que ella ia crescendo, nasceu-me nalma um grande desejo de trabalhar muito, dir alargando a minha lavoura para lhe arranjar um bello dote. Sim — dizia eu a minha mulher — «Rosa não ha de ficar sempre pequenina, ha de tornar-se uma mulher e quando menos esperarmos quererá casar... E assim pensando achava prazer no trabalho e lá estava de sol a sol a cavar, a plantar, a mourejar na terra, até que chegava a hora do descanço. Era nessa hora que eu sentia a recompensa maior do meu trabalho quando, ao chegar a casa, a criança vinha ao meu encontro, ainda mal segura nas pernas tenrinhas, a galrear: «papá, papá», e me estendia os bracinhos tão gordinhos que era mesmo um menino Jesus...

Paulo ouvia o lavrador encantado daquella alma simples e boa, e o velho vendo-o tão attento enthusiasmava-se na evocação daquelles tempos de felicidade passada, com tremuras calidas de affecto na voz, não attendendo aos signaes que a filha lhe fazia para parar nas suas divagações indiscretas.

E emquanto a Maria arranjava a ceia — continuava o velho — eu ia sentar-me num banco, fazendo saltar a pequena nos joelhos, e ella ria e eu ria e a mulher ria tambem e vinha beijá-la muito, muito... E ao dizer isto duas lagrimas correram-lhe pela face crestada e por momentos callou-se, a garganta tomada, fechada pela commoção.

Paulo notou que Rosa tambem estava commovida ao ouvir o pae e então sentiu uma grande

sympathia por ella, querendo já attribuir-lhe requintada e privilegiada sentimentalidade. Envolveu-a num olhar terno, cheio de carinhosas reverberações. A incidencia deste olhar quente e apaixonado fez estremecer Rosa subtilmente, como se um fluido eletrico repentinamente lhe dynaminasse os nervos. Os seus olhares encontraram se, fundindo-se numa reciproca vibração nervosa, de dulcissimas sensações.

E Paulo sentia e pensava que naquella vida ingenua e singela dos homens simples de idéas, de sentimentos e de paixões é que se poderia encontrar a felicidade. Como consequencia deste pensamento observou, mais para Rosa do que para o lavrador, arriscando uma das suas phrases de estylo romantico sentimental:

— É aqui entre vós, que viveis a vida simples do campo, que se póde encontrar a felicidade, esta flor bella e rara que só se desenvolve plenamente no ar oxygenado das campinas, e que definha e morre na atmosphera pesada e quente dessas estufas de productos exoticos e rachiticos a que chamamos cidades!

— Sou pobre e ignorante, e por isso não posso alcançar bem o sentido das suas palavras, mas se quere dizer que acha que eu era feliz, que eu fui feliz, digo-lhe que acertou. Nunca tive grandes ambições e contentei-me sempre com a sorte que Deus me deu... Rosa já não é assim... O seu sonho é viver a vida da cidade...

— Não diga isso, pae, outra vez!... protestou a filha numa censura.

— Digo, digo, — repetiu o velho. — Esse desejo não é de agora... Olha, eras tu uma pequena de 12 annos e sei que já gostavas da cidade... são naturezas, indoles...

— Ora essa! Está quasi a dizer que quando nasci já não gostava do campo... replicou Rosa.

— Olhe, senhor doutor, quere ouvir? Logo que ella via passar por aqui um carro com senhoras da cidade, corria a vê-lo e depois ficava horas e horas entretida comsigo, os olhos muito abertos, a pensar, a pensar... Talvez se lembrasse em que seria bom ir tambem naquelle carro para a cidade, assim vestida como aquelles senhores... Não sei... o que sei é que ella vinha-me depois pedir para a levar a casa do padrinho. Eu fazia-lhe a vontade e ella lá passava dias com a menina Izabel que era da sua idade. Esta menina o que queria era que Rosa ficasse lá sempre, e tanta vez me falou nisso e ao pae que o senhor doutor, meu compadre, um dia veio aqui pedir-me para deixar a pequena ir viver comsigo e dizia-me:

— Homem! eu encarrego-me da educação da pequena e faço-te della uma professora. Tudo corre por minha conta!

Minha mulher ficou contentissima com esta proposta. Eu não... Eu já via que a minha filha se ia habituar a uma vida que depois não podia ter... mas o meu compadre tanto insistiu, tanto pediu,

que eu acabei por deixar ir para lá a pequena, para nosso mal... Ella hoje não...

Rosa não deixou o pae concluir a phrase, pois levantando se e pondo-lhe uma mão na bocca, disse-lhe, dando-lhe um beijo:

— Se acaba o que ia dizer, fico mal comsigo! Se o pae é meu amigo não me afflija mais... — já com as lagrimas a bailarem-lhe nos olhos, accrescentou:

— Depois sabe, perfeitamente, que não é o desejo de viver na cidade que me seduz... que apenas lastimo não poder continuar a estudar...

O velho beijou a filha commovido e respondeu-lhe:

— Bem, querida, eu não quero affligir-te. Já não digo nada... o que eu queria era vêr-te feliz...

Então Paulo interveiu, conciliador:

— Mas parece-me que havia um meio de tudo harmonisar. Comprehendo que não possa nem queira separar-se da sua filha, mas isto daqui a Coimbra pouco mais é duma legua e como passa por aqui a diligencia seria facil á senhora D. Rosa ir todos os dias a Coimbra dar as suas lições...

— É o que eu tenho dito, tantas vezes, ao pae! — exclamou Rosa, os olhos jubilosos por aquelle auxilio inesperado e espontaneo. E continuou logo, com calor:

— Eu assim fazia-lhe companhia e ao mesmo tempo ia-me habilitar para tirar o meu diploma de professora, e mais tarde o meu padrinho faria com

que o Governo criasse aqui uma escola e eu assim, sem abandonar meu pae, poderia exercer o meu cargo...

O velho meneava a cabeça reprovando, e interrompeu-a dizendo:

— Sim! Sim! tudo isso é assim, mas... tem inconvenientes... tu és muito nova, não conheces o mundo... Hão de falar mal se eu te deixar andar para cá e para lá sósinha... Não é assim, não é isto verdade, senhor Dr.? O senhor, que eu sei ser um rapaz de muito juizo, diga-me se não tenho razão, fale-me com franqueza...

Paulo, á phrase do velho «sei que é rapaz de muito juizo», sorriu-se e retorquiu:

— Como póde saber se eu tenho juizo ou não, se não me conhece?

O lavrador era quem sorria agora e replicou:

— Engana-se, conheço-o.

— Conhece-me?! como e de onde? interrogou Paulo admirado.

— E' bem simples. O senhor é amigo e protegido do Dr. Falcão, que foi estudante no tempo em que o pae de V. Ex.ª se formou, de quem é muito amigo. Nesta qualidade de filho de um dos seus velhos amigos, V. Ex.ª frequenta muito a casa do senhor Dr. Falcão, não é assim?

— E' verdade! mas...

— Pois eu — continuou a velho — tambem sou muito amigo daquelle santo homem, e um dia que fui a casa delle pedir-lhe um conselho sobre coisas

da minha vida, o senhor Paulo estava lá e sahia na occasião em que eu entrava... não póde lembrar-se, já passou mais dum anno — explicou o lavrador, vendo que Paulo fazia um gesto de quem não se recordava — e continuou:

— Á sahida, o senhor Dr. Falcão disse a V. Ex.ª: «Paulo, apparece por aqui mais vezes para eu poder dar noticias a teu pae», e como isto era dito com muito agrado, eu perguntei-lhe se V. Ex.ª era seu parente, e vae elle disse-me: «Não é, mas estimava bem que o fosse, porque é um rapaz de muito juizo... É filho dum amigo meu, do meu tempo de estudante.» Ora se aquelle homem diz que o senhor Paulo tem muito juizo é porque o tem, concluiu com intimativa:

— Isso não é razão — observou Paulo rindo. — O Dr. Falcão é muito meu amigo, e os amigos são sempre suspeitos. Não se fie, pois, nesse juizo, que não é seguro...

Rosa exclamava agora interrompendo-o:

— Agora vejo eu a razão por que meu pae tem sido tão amavel comsigo, com o senhor Dr., apesar de ser estudante! Eram conhecimentos antigos! Só assim... porque meu pae não á para fazer muitas festas ás *saccas de carvão*... [1] e logo com apparente volubilidade feminil:

— Assim, o senhor Paulo de...?

---

[1] É assim que o povo de Coimbra chama os estudantes.

— Mello Bettencourt, minha senhora — elucidou Paulo.

— Assim — continuou Rosa — o senhor Paulo de Mello Bettencourt não é um extranho nesta humilde casa, nem para o pae, nem para a filha, porque eu tambem o conheço...

— Tambem me conhece?! Caminho de surpreza em surpreza! — disse Paulo.

— Conheço-o de o vêr passar na estrada da Beira, por casa de meu padrinho.

— E' verdade que repetidas vezes vou para aquelles lados, corroborou.

— Então — continuou a gentil interlocutora — já vê que não sendo um desconhecido, nem para o pae nem para mim, e pelo contrario tendo meu pae de si tão valiosas informações do seu muito juizo, nos póde dar a sua opinião francamente, responder á pregunta que meu pae lhe fez... diga, diga o que pensa... — E olhava Paulo carinhosamente numa muda imploração de ser seu alliado.

— O seu pedido embaraça-me... Eu já havia dado a minha opinião, mas depois de ouvir as objecções de seu pae fico sem saber o que lhes hei de aconselhar... porque realmente a senhora D. Rosa não póde passar despercebida num meio de rapazes, andando todos os dias a atravessar Coimbra.

Rosa córou. Paulo fez uma pausa e accrescentou:

— Mas, sendo acompanhada por seu pae, nada haveria a dizer...

— Isso é que eu não posso fazer — retorquiu o lavrador. — E'-me impossivel. Não posso deixar as minhas lavouras entregues aos moços. Hoje não ha em quem descansar! Duas horas perdidas no caminho, são duas horas de preguiça aqui, e eu antes te quero com um bom dote, Rosa, do que com um bello diploma de professora. O mal foi eu ter-te deixado ir para casa de teu padrinho... — ajuntou num começo de nova recriminação: Mas Paulo interrompeu-o, querendo evitar a repetição de censuras desagradaveis a Rosa:

— A senhora D. Rosa é muito sua amiga para teimar numa coisa que lhe possa desagradar e o meu amigo, que eu vejo ser pessoa de muito são criterio e razão, com o tempo encontrará meio de desfazer difficuldades que agora lhe parecem insuperaveis. E dizendo isto puxou do relogio e olhando-o exclamou:

— Mas já são dez horas! e daqui até Coimbra é um esticão! Vou me, se me dão licença. Agora não chove, segundo penso... — E levantou-se para verificar á janella se ainda chovia.

— Está uma noite muito boa agora — disse debruçando-se na janella que abriu:

— Não quere ceiar comnosco? — preguntou o lavrador num gesto de offerta.

— Não, obrigado. É tarde — respondeu.

— Então — volveu aquelle — vou buscar uma lanterna, porque embora o noite não esteja muito escura, a descida desta casa para a estrada não é

boa, e é muito sombria por causa das oliveiras — e sahiu da pequena sala em procura da lanterna.

Rosa e Paulo ficaram sós. Os seus olhares trocaram-se e ao crusarem-se sentiram ambos aquelle estremecimento galvanico que já os perturbara naquella noite.

Rosa desviara os olhos, embaraçada. Paulo continuava a fitá-la, envolvendo-a no seu olhar quente e humido. Foi Rosa quem primeiro quebrou este silencio e situação que, não lhe sendo penosa, a incommodava. Sem olhar Paulo e, ternamente, numa voz de suavissima intonação disse-lhe:

— Obrigado, senhor Paulo, pelas suas palavras de ha pouco em meu favor, em favor da minha causa.

— Oh! minha senhora! não tem razão para me agradecer. E numa intonação funda de sinceridade, accrescentou:

— O que eu desejava, bem d'alma, era poder-lhe ainda um dia prestar-lhe um serviço que na realidade merecesse um agradecimento dos seus bellos labios... seria...

O pae de Rosa entrava, porém, trazendo a lanterna e Paulo suspendeu o madrigal incipiente.

Os tres então dirigiram-se para a porta. Paulo despediu se:

— Boa noite e muito obrigado pelo seu acolhimento.

— Quando quizer apparecer por esta sua casa dá-nos muito prazer. Isto é sincero, creia-me — protestou o lavrador.

— Mais uma vez obrigado, repetiu Paulo e desceu, depois de apertar vivamente a mão ao pae e á filha, a pequena colina.

O lavrador do alto, na frente da casa, illuminava o pequeno e estreito atalho e Rosa, do lumiar da porta, esperava que elle chegasse á estrada.

Paulo ao chegar, em baixo, á pequena cancella que abria para o caminho, repetiu para cima:

— Boa noite!

— Boa noite, boa noite — responderam o tio João e Rosa.

CAPITULO VI

Ao voltar por aquella mesma estrada por onde horas antes passara absorvido na contemplação bucolica da tarde, Paulo caminhava agora extranho a tudo, nada vendo do que o rodeava, a vista e alma sonegadas ao mundo objectivo, concentradas ambas na contemplação interna das imagens phosphorescentes do seu cerebro exaltado de romantico. Na visão estereoscopica da sua mente passava e repassava a imagem de Rosa, ora moldurada na simplicidade rustica e poetica, pura e santa da vida singela da aldeia, ora despida de atavios sentimentaes e só illuminada pelo fogo ardente dos seus desejos sensuaes.

Conjecturava então a frescura apetitosa daquella carne sadia, a belleza sã das curvas harmoniosas do seu corpo branco, a volupia humida dos seus olhos grandes e pestanudos, o sensualismo vibrante e communicativo dos seus labios carnudos e vermelhos. A imagem daquelle bello corpo nu, branco, cabellos loiros cobrindo-lhe os flancos no desalinho duma quente e voluptuosa noite d'amor, assaltava-

*

lhe o espirito e punha-lhe nos nervos ligeiros fremitos, latejando-lhe o sangue na perspectiva da posse plena daquella rapariga. Não seria isso, talvez, empreza difficil de conseguir. Uns mezes de namoro, vagas promessas de casamento, um simulacro de paixão sob o desejo ardente da posse, seriam meios sufficientes para conseguir este desideratum, pois que a juventude vigorosa de Rosa, os seus sonhos duma vida differente de seus paes, a vaidade de vir a ser a esposa dum doutor, eram factores que muito concorreriam para uma facil conquista.

E assim caminhava, ora sob o dominio, a pressão obsecante da imagem sensual de Rosa, ora sob a absorpção contemplativa da rapariga ingenua, pura e sentimental por temperamento e raça, toda encanto natural, simples de sentimentos, sem complexidade de caracter, sem a hypocrisia duma educação convencional, espontanea, sincera, meiga, amorosa e honesta.

Sem reparar no caminho, seguia machinalmente até á entrada da cidade. Na Sophia o grito de álerta duma sentinella trouxe-o á realidade. Puxou do relogio e depois de ligeira hesitação dirigiu-se, a passos rapidos, para a Alta.

Tinha a cidade, áquella hora avançada da noite, o aspecto soturno dum velho burgo medieval. As luzes dos candieiros amorteciam nas sombras mysteriosas dos angulos das ruas estreitas e sinuosas. Os recantos dos edificios, as sombras das esquinas e

as janellas pequenas e estreitas das antigas construcções davam a impressão dum scenario de theatro. Parecia-lhe, pois, já na sua imaginação exaltada que estava fóra da realidade, que assistia ao primeiro acto de um drama em que elle proprio representava o papel de galan apaixonado e incognito. Que diabo de temperamento o seu! — pensava. — Bastava-lhe apenas uns minutos de conversação com uma bella rapariga para começar logo a architectar mil phantasias, mil romances, para se querer immediatamente precipitar em aventuras cheias de perigos para o temperamento calido e para o seu feitio sentimental... Não! — dialogava — era preciso ter juizo, não pensar em namorar aquella rapariga que ingenuamente se lhe podia ligar por um forte affecto... e depois isso podia-lhe trazer sérias responsabilidades moraes! Bem visto que um namoro naquellas condições só poderia ter como resultado fazê-la sua amante... mas as consequencias, mas os seus effeitos? Sim, os resultados para elle, que não era um cynico... Nada! era necessario ter juizo, muito juizo. Depois, não tendo por fim amantisar-se, o namoro por simples entretenimento era ridiculo; seria d'um grotesco pasmoso! Tudo aquillo eram tolices! — concluia já proximo da sua pequena casa de estudante. E agora mais sereno attingiu a porta, introduziu-lhe a chave, abriu-a e entrou. Accendeu a luz que tinha por habito deixar á entrada sobre uma cadeira. Depois dirigiu-se para o seu quarto de dormir. Tirou a capa e

vagarosamente começou a despir-se para se deitar. Estava mais senhor de si, da sua imaginação, recordando serenamente os typos do lavrador e da filha. Aquelle era um bello typo de camponez! Olhar aberto, traduzindo o seu pensar simples e direito. Parecia tão são d'alma como de corpo! E a filha? Era o que se chama uma boa rapariga sadia, fresca, mas já não era um typo puro como o pae, tinha recebido o contacto duma outra vida, mais artificial... Quanto mais feliz não seria ella se a mãe tivesse seguido o conselho do marido e não a tivesse deixado ir para casa do padrinho? Seria agora como o pae, não teria a atormentá-la as ambições duma outra existencia, viveria contente a tratar das gallinhas, dos porcos, das vaccas. Assim sentia-se deslocada, já não se achava feliz, era mesmo infeliz por ter de viver naquelle meio.

Elle via bem isso pela conversa que haviam tido, pelo desejo que mostrára de vir a ser professora, em que ella via um meio indirecto de sahir da classe em que vivia. Este desejo, porém, podia ser a sua infelicidade... Bonita como era, apetitosa, nas proximidades de Coimbra seria facil a qualquer cynico deitar-lhe a rêde e ella deixar-se apanhar... A elle não seria isso conquista difficil, via-o bem — tornava a pensar — ah! mas não o faria, não! Os seus sentimentos bons não estavam ainda de todo obliterados... Não queria ter remorsos de se aproveitar da ingenuidade de uma pobre rapariga, de explorar com — o sentimentalismo ou a

ambição devaneadora e incauta de uma singela mocinha. Todavia conhecia que outro não teria os seus escrupulos e que mesmo os seus amigos o achariam ridiculo pelos seus nobres melindres... embora! Deixaria viver em paz o bom do lavrador e a filha.

E com estes pensamentos de que a sua consciencia se orgulhava, adormeceu tranquillo e altivo por vêr que a sua razão sabia dominar os impulsos da sua animalidade, um momento disperta pela vista duma rapariga bella, ressumbrando frescor, a fragrancia dos seus vinte annos, por todos os poros da sua pelle branca, do seu corpo apetitoso...

CAPITULO VII

Passára-se mais dum mez, continuando Paulo na persistencia destas virtuosas idéas.

Por vezes sentira desejos de tornar a vêr Rosa, de arriscar outro passeio para os lados da sua aldeia, mas depressa afugentava esses pensamentos, com medo da sua imaginação e do seu temperamento.

Um dia, porém, passeava na cidade Baixa, descuidosamente, capa ao hombro, mãos nos bolsos, ocioso, gosando a tepida temperatura dum limpido dia, quando por detraz delle ouviu uma voz melodiosa dizer:

— Olhe, meu pae, que é o senhor Paulo.

E logo a voz do lavrador alegre e expansiva:

— Ora viva, senhor doutor!

Paulo voltou-se immediatamente e viu Rosa e o lavrador que se riam divertidos com a sua surpreza.

O lavrador estendeu-lhe as mãos ambas, perguntando-lhe:

— Como tem passado? Nunca mais quiz apparecer naquella sua casa!

E Paulo, cumprimentando-o e a Rosa, protestava:

— Não é não querer, mas é pensar que mais vale ser desejado do que ser aborrecido. E depois — accrescentava — a que titulo iria massá-los? Não seria abusar da sua hospitalidade?

— Ora, ora, não diga isso — retorquiu o lavrador. — Essas cerimonias não são cá para nós, gente do povo! Eu, quando falo, digo o que sinto e o que penso... Se lhe disse, ao sahir da minha casa o outro dia, que teria muito gosto em o tornar a vêr lá mais vezes, é porque realmente assim o desejava. Eu cá sou: pão, pão, queijo, queijo; cá daquellas por diante... e outra coisa por detraz, isso não é para mim!...

Rosa interrompeu:

— Lá isso é verdade! Meu pae, em não sympatisando com as pessoas, faz-lhes logo uma cara de... — e ria-se concluindo — metter medo! Sabe lá? Um dia appareceram lá pela quinta uns estudantes que, sob o pretexto de não conhecerem o caminho, tentaram metter conversa commigo e com umas raparigas que trabalhavam no olival. Meu pae, que estava proximo, gritou logo:

— Olá, raparigas, o que é que querem esses *saccas de carvão?* E mostrou-se com tão má cara que elles trataram de se safar, dizendo: «Não vale a pena zangar, tiosinho, que não lhe roubamos as moças.»

Paulo ouvia Rosa, encantado da frescura do seu

metal de voz. Era a melodia fresca e cantante de um fio puro dagua correndo entre avencas vicejantes...

O lavrador, ao ouvir Rosa recordar a historia a Paulo, tambem se poz a rir, sem saber bem de que, porque a sua attenção prendia-se mais á pessoa de Rosa do que ás suas palavras... Como ella estava bonita, no seu trajo tão simples! Vestia um modesto vestido de fazenda preta, nos hombros uma pequena capa e sob o cabello denso uma mantilha preta recortava-se artisticamente no doirado dos seus cabellos loiros.

Nisto passou um grupo de academicos que, olhando Rosa insistentemente, disseram para Paulo:

— Olá, *sô* maroto! parabens por tão seductor conhecimento...

Paulo ruborisou-se e, para evitar novos ditos, procurou afastar-se, dizendo ao lavrador:

— Não veem para a Portagem? Eu tambem vou... E todos seguiram em direcção opposta ao grupo dos academicos.

Emquanto caminhava, Rosa guardava silencio e o tio João ia dizendo que tinha vindo á cidade comprar umas coisas, visitar o padrinho de Rosa e pagar uma renda ao Dr. Falcão, com quem havia falado de Paulo. Paulo ouvia-o distrahido emquanto o seu espirito ia formando os seguintes raciocinios:

— Rosa era realmente bella! Uma linda moça! Que carne! Que pelle! tão fresca, de boa côr, os olhos claros, tão limpidos, quebrando-se, por vezes,

em velaturas de amor, de desejos inconfessados da sua natureza joven e rica. Seria de estonteante prazer vê-la desfallecer nos gosos espasmicos do amor rude e violento do seu ser animal... Elle não tentaria tal empreza... Já o tinha jurado... mas outro qualquer não deixaria de cultivar aquelle conhecimento... Era o que viria a succeder. Mais dia, menos dia, qualquer academico aproveitaria o que elle agora desprezava... Mas não! porque não praticaria elle uma boa acção? Em logar de se afastar, porque não procuraria elle, com os seus conselhos, com a sua presença de amigo, obstar a que alguem desviasse aquella rapariga do caminho da honestidade? Era uma bella acção a praticar... Salvaria assim a filha e o pae, o bom e honrado velho, tão simples, tão ingenuo, tão franco! Como sympatisava com elle! Como elle lhe falára tão abertamente, como se fosse um antigo conhecimento, cheio de confiança, só porque o Dr. Falcão lhe dissera que elle era um rapaz de muito juizo! Sim, acceitaria o offerecimento do honesto velho, não para destruir a sua felicidade, mas para velar por ella. E um plano de conducta para com Rosa começou a esboçar-se-lhe na imaginação fertil. Appareceria varias vezes em casa do lavrador, conservando-se sempre numa attitude serena de amigo que afastasse, por completo, do espirito da rapariga a idéa de a namorar. Far-se-hia estimar como um amigo leal e ganharia a sua confiança para lhe abrir os olhos e precavê-la contra as cila-

das que a sua mocidade, formosura e imaginação lhe poderiam armar á sua inexperiencia do mundo.

Assim pensando, chegaram á Portagem. Neste largo estacionava a diligencia que devia conduzir Rosa e o lavrador á sua poetica e rustica vivenda. Já todos os passageiros estavam sentados e o conductor da almofada gritava para o lavrador:

— Vamos a despachar, tio João!

— Já vamos — respondeu este. E voltando-se para Paulo:

— Então até quando?

— Até quando? — repetiu Rosa.

— Brevemente apparecerei.

O lavrador e Rosa estenderam-lhe as mãos, recommendando:

— Olhe, não se esqueça! Appareça, que nos dá muito prazer.

O cocheiro instava para subirem. O tio João saltou para o estribo. Rosa imitou-o. Ao pôr, porém, o pé no estribo, desequilibrou-se e cahiria se a mão forte do pae a não segurasse. Ficou-lhe, todavia, o vestido preso no estribo e Paulo pôde vêr-lhe, até ao joelho, a perna modelar. Foi um golpe de vista instantaneo, porque Rosa, ruborisando-se, num movimento rapido, desembaraçou a saia do importuno estribo, mas, apesar disso, dera-lhe tempo para admirar a belleza anatomica daquella perna que se desenhava numa curva elegante e sensual do artelho ao joelho branco-roseo, esticando fortemente a meia preta na pujança sadia da sua barriga cheia e carnuda.

Confusa, Rosa sentára-se, afinal, junto ao pae, não se atrevendo agora a encarar Paulo abertamente.

Elle, disfarçando, repetia:

— Brevemente apparecerei por lá. Adeus!

— Adeus — repetiram os dois da diligencia.

E o carro pôz-se em marcha, rodando com ruido, ao som das campainhas pendentes das cabeçadas dos cavallos magros.

Paulo ficou olhando a diligencia que se afastava e minutos depois seguia vagarosamente pela margem direita do rio, a caminho do Choupal. Caminhava olhando o rio que corria tortuoso, agora excepcionalmente com pouca agua, colleando pequenas peninsulas de areia, em meandros, aquantitado de opalescentes tons.

Lavadeiras cantavam, tricanas e collarejas enchiam agua em esboicelados cantaros, mostrando tibias esqueleticas ou pernas musculosas e roliças, negras umas, alvas dum branco puro outras, na impudicicia do habito.

Elle olhava essas pernas com o olhar fixo e vitreo, como que brilhante de desejos, mas na realidade não as via, na sua mente apenas se reproduzia a imagem de Rosa com o vestido preso no estribo do carro, deixando, num relampago, vêr a perna duma curva tão bella, sensual, esticando fortemente a meia preta... E esta visão impregnava-se-lhe nas cellulas mentaes, fazendo-lhas vibrar acceleradamente, vibrações que se repercutiam nos seus ner-

vos excitaveis de neurastenico ingenito. É a besta — dizia elle — que em mim falla neste momento. É preciso saciá-la, suffocá-la, para me deixar livre, socegado. E, apressando o passo, dirigiu-se pelo Terreiro da Erva á rua das Padeiras. Aqui entrou numa pequena casa, donde sahiu, uma hora depois, abatido, cheio de tedio da sua propriá pessoa... O seu ser racional e idealista revoltava-se contra aquella exaltação dos seus sentidos, dos seus instinctos animaes, contra aquella tyranica exigencia do seu organismo.

Pensava com desgosto no imperio que sobre o homem exercem os apetites animaes, ainda mesmo nos temperamentos que se julgam superiores á vulgaridade humana. Elle, que se vangloriava de obedecer na sua vida mais a motivos de ordem intellectual do que instinctivos, não podia, todavia, num dado momento, evitar que os impulsos animaes o dominassem e se assemelhasse pelos seus actos á grande maioria da mocidade de vulgar e rudimentar organisação psychica, cujos gosos materiaes constituem as suas mais vivas aspirações, os seus mais fortes desejos. E caminhava em direcção á cidade Alta, pelos meandros das ruas estreitas e sombrias, cabeça abatida sobre o peito, num ar de descontentamento da vida e de desprezo pelo genero humano.

Todavia — ia pensando — elle não era um banal, um materialão. Sabia dominar os seus instinctos quando da satisfação dos seus desejos podia derivar

mal para alguem. Não encontrava mesmo prazer quando, vencido pela natureza, os ia satisfazer materialmente, como ha pouco fizera; pelo contrario, sentia sempre um certo mal estar intellectual de quem pratica um acto em contradição comsigo proprio. E admirava-se de como podia haver rapazes com uma certa educação intellectual que encontravam nos lupanares motivos ferteis para distracções e divertimentos. Não! elle não era um homem boçal, vivendo só para as sensações fortes da natureza physica; apenas de quando em quando um excesso de seiva o fazia entrar, por momentos, no imperio dos sentidos, mas o seu ser intellectual tinha a sufficiente força para em seguida o purificar daquelles impulsos animaes. Assim, naquelle instante toda a sua natureza se revoltava contra a bestialidade que a havia impulsionado. E começava já a entrar noutra ordem de idéas que diminuiam a impressão de desagrado que de si mesmo havia tido. Que diabo! era comprehensivel que ficasse perturbado pela vista daquella perna modelar que lhe deixava adivinhar uma belleza esculptural e nisso não havia nada de baixo, ou de animal, era mesmo, talvez, uma prova da sua excessiva imaginação, isto é, duma faculdade intellectual. Bastava-lhe um fragmento para recompôr todo um quadro e com tal vivacidade de côres que a impressão subjectiva que soffria era tão intensa, como se fosse real! Afinal as mesmas impressões dos seus sentidos eram filhas e nascidas de fortes impulsos da

sua mentalidade e não lhe derivavam sómente dos baixos instinctos da materia. Por esta razão poderia exaltar-se momentaneamente, ter apetites, ter desejos animaes, mas nunca chegaria ao ponto de commetter premeditadamente um acto indigno de seducção, porque a sua razão só se obscurecia por momentos e não era eterna escrava dos impulsos organicos. Não havia, pois, a recear desviar-se do plano de conducta para com Rosa que a si mesmo ha pouco havia traçado. Frequentar a casa do lavrador nunca constituiria um perigo para Rosa, ou para elle. Buscaria alli, repetia, apenas umas horas de distracção inoffensiva e praticaria uma boa acção, porque seria para Rosa um amigo que a guiaria na conducta irreprehensivel duma boa e honesta rapariga, abrindo-lhe os olhos sobre a falsidade, a impureza de intenções da maioria dos homens. Era isto romantismo? — interrogava-se. Outro qualquer não estando obcecado por uma paixoneta material ou espiritual, passaria de largo por aquelle conhecimento de acaso e não estaria a formular e architectar planos de amigo salvador e fraternal... Não! no seu procedimento não havia romantismo como poderia parecer á primeira vista, mas apenas um movimento bom no seu coração que lhe dizia que poderia ser util ao lavrador e á filha, que elle via estar, pelas condições especiaes da compleição moral e physica, da sua educação e do meio de Coimbra, arriscada a transviar-se do caminho normal e correcto.

CAPITULO VIII

Dias depois seguia Paulo a estrada de... em direcção a casa do lavrador.

Era á tarde. Os campos com os seus ruidos, as suas tonalidades ora vivas, ora apagadas, os seus perfumes, levavam-no, como sempre, a uma contemplação doce, cheia de poetico encanto.

Em «doce enlevo d'alma», como disse o poeta, passou o caminho sem dar pelo tempo e quasi sem dar por isso chegou á pequena casa de Rosa.

Sem chamar, abriu a pequena cancella e entrou na propriedade, subindo vagarosamente a collina torciculada que conduzia á habitação.

Ao pé da casa já, um cão de fila correu para elle a ladrar, exasperado. Rosa, attrahida pelo latir do cão, assomou á porta, gritando:

— Vem cá, Piloto! E, vendo Paulo, exclamou:

— Ah! é o senhor Paulo! Ora até que emfim!

E logo:

— Não tenha receio. O cão não lhe faz mal — e repetiu:

— Vem cá, Piloto!

O cão, rosnando, voltou submisso para junto de Rosa. Esta avançou para Paulo, dizendo-lhe:

— Como tem passado? Bem? Ora ainda bem que não se esqueceu de nós!

Paulo apertou-lhe a mão, perguntando:

— Como vae? E seu pae?

— Vamos menos mal. Meu pae está lá em baixo no pomar, mas não deve tardar. Entre, senhor Paulo.

— Se me permitte, ficarei aqui sentado, gosando esta bella vista, mas não se prenda commigo se tem alguma coisa a fazer.

Rosa nada tinha a fazer e os dois sentaram-se num dos bancos de cortiça que estavam em frente da casa, dum e de outro lado da porta.

Houve um pequeno silencio. Rosa foi a primeira a interrompê-lo:

— Que milagre foi este? A que santo ou santa devemos agradecer a sua visita?

Paulo teve o desejo de lhe responder que a santa era ella, mas ao recordar-se do que a si mesmo havia promettido, limitou-se a responder:

— O promettido é devido. Creia que se já não vim cá foi pela razão que lhe disse o outro dia. Receava ser importuno, mas em vista da amavel insistencia dos senhores, resolvi vir hoje visitá-los, porque não apparecer seria agora indelicadeza e mesmo direi ingratidão depois da forma por que ambos me acolheram, sendo eu quasi um desconhecido.

— Desconhecido é que não! Meu pae já o conhecia e eu tambem... Conhecia-o, como lhe disse, de o vêr passar por casa de meu padrinho na Estrada da Beira, sempre triste, pensativo... E sabe? — continuou, loquaz — Nós, eu e a menina Izabel, ao vê-lo assim passar tão meditativo, diziamos: «é algum poeta lastimando os seus infortunios amorosos.» Acertamos? Serão effectivamente amores a causa da sua tristeza?

— Quem vê e analysa o mundo — retorquiu Paulo — não necessita outra origem para ser triste. O que o rodeia, a miseria, a fome, a hypocrisia, a maldade, os vicios dos nossos similhantes são motivos mais do que sufficientes para nos entristecer... A tristeza é mesmo uma condição das almas que ambicionam um mundo melhor, mais justo, mais equitativo, povoado por seres mais bondosos, menos crueis e hypocritas!... Estou a fazê-la tambem triste? Faço-a perder illusões? Embora... Senhora, para si, que é bella, será preferivel que não tenha demasiada confiança nos homens... Esteja sempre prevenida contra todos e contra tudo... mas vejo que me olha admirada... Tem razão... A que titulo lhe posso eu dar conselhos? Só posso invocar... a grande sympathia, a indefinivel e mysteriosa attracção que nos puxa irresistivelmente para as almas que presentimos puras, ainda immaculadas, como as suas...

A voz de Paulo, doce e sincera, infiltrava-se voluptuosamente na alma de Rosa, admirando inge-

nuamente aquelle rapaz tão novo que lhe fallava como se fosse um irmão, velho, cheio de experiencia da vida. E commovida corroborou:

— Diz bem, senhor Paulo. Nem todos são como o senhor. E bom é, como diz, não termos muita confiança nos outros... Quantas raparigas se perdem por muito acreditarem!... Olhe, eu conheci uma pobre rapariga daqui que, por muito acreditar, se perdeu... Perseguida durante mezes e mezes por um estudante, seduzida por juramentos e palavras que julgou sinceras, acabou por se lhe entregar de corpo e alma e afinal, passado pouco tempo, viu-se abandonada, com um filho de mezes!

— Sim — respondeu Paulo — é frequente dar-se casos desses, mas eu não comprehendo como depois esses individuos podem atravessar a vida de cara levantada, sem sentirem remorsos constantemente por haverem lançado á condição primitiva dum ser bruto uma criatura cujo unico crime foi amar! Não comprehendo, e muito menos quando com ellas lançam á miseria e á devassidão os pequenos entes a que dão vida e que deveriam fazer parte da sua alma. Sim, minha senhora — continuou animando-se com as suas palavras — um filho é uma molecula da nossa alma, aquella que della se desintegra e que nos irá reproduzir e perpetuar na vida. A mais nobre e mais alta ambição dum pae deve ser fazer com que esse ser que o representa e reproduz possa attingir um grau de perfeição mais elevada do que aquella que lhe foi dado alcançar;

deve ser procurar por todas as fórmas formar-lhe um meio mais favoravel ao desenvolvimento das qualidades que impotentemente desejou possuir.

— Isso é que é fallar, senhor Paulo! — exclamou o tio João — que a este tempo chegava e parara, sem ser presentido, perto dos dois, a ouvir as ultimas palavras de Paulo.

— Parece-me estar a ouvir — proseguiu elle — aquelle santo varão o senhor dr. Falcão. Elle tambem saberia fallar assim como o senhor, mas isso não me admiraria, porque é já velho e doutor, porém o senhor, uma criança!! Isso é que é saber dizer as coisas! Eu toda a minha vida tenho pensado e sentido por essa forma, mas os diabos me levem se eu era capaz de saber explicar por essas palavras o desejo que sempre senti, que sempre tive, de educar o melhor possivel a minha Rosa! Dê cá a sua mão, senhor Paulo, e aperte a deste velho, que tem cabellos brancos e não se envergonha de declarar ao mundo que a sua cabeça de estudante, de rapaz, vale mais de uma duzia destas brancas como a minha! E, a rir, estendia a mão a Paulo, que a apertou effusivamente.

— Mas a que proposito fallavam! — interrogou o lavrador.

— Fallavamos a proposito de certos individuos que não veem na paternidade mais do que uma funcção fatal da vida, sem responsabilidades, nem intuitos moraes sérios — respondeu o interrogado.

— É tal e qual o modo de fallar do dr. Falcão!

Elle tambem me diz ás vezes coisas que eu comprehendo mais com o coração do que com a cabeça. Aquillo é que é um homem de illustração! — interjeccionou o tio João. E emendando:

— Qual illustração! Aquillo é que é coração! Porque illustração tem-na muitos, mas coração como o delle! isso mais devagar! E relembrando:

— Quando elle me falla nos males deste nosso paiz, na desgraça deste povo, e depois se põe a dizer a governação que elle queria! Ah! meu Deus! eu não sei o que sinto então! Parece-me até que se, nessas occasiões, apanhasse á mão essa gente dos governos que nos tem desgraçado, dava cabo delles! Qual dava cabo delles! não que elle não m'o consentia. Vinha logo com aquella sua bondade, que não quere sangue, porque tudo se fará com brandura, com paz. E é que se não é elle já tinhamos tido a guerra civil.

Paulo sorria-se e o lavrador, notando-o, perguntou-lhe:

— O senhor Paulo duvída? É isto que lhe digo. Eu cá na minha, não sei o que seria melhor... emfim, queira Deus que tudo se faça sem sangue, que elle tenha razão, que tudo se faça sem necessitar barulhos!!! Que eu não sei se o senhor Paulo é cá do nosso pensar. É tambem do partido do senhor dr. Falcão?

— Pode fallar como se o fosse, pois que embora não pertença a nenhum partido, por isso mesmo, respeito a opinião de todos, desde que

seja inspirada em ideias justas, no bem commum, na felicidade do nosso semelhante...

— Mas não é republicano? — insistiu o lavrador.

— Serei republicano se por republicano se entende o desejo de vêr prosperar o paiz intellectual e economicamente, de vêr entrar o nosso povo no convivio moral dos seres pensantes e livres, iguaes perante a lei e perante os homens, sem as balisas dos velhos preconceitos que os separam; sou republicano se por republicano se entende o reconhecimento dos direitos do povo, ha tanto tempo ludibriado pelas traiçoeiras ficções das classes dominantes.

O velho escutava Paulo numa muda admiração e Rosa tambem absorta, mas nós diremos que os seus pensamentos não se ligavam muito a ideaes politicos...

— Senhor Paulo — perguntou o lavrador — qual será a origem desta má administração? Falta de caracter? A raça degenerou?

— Não, meu bom amigo! Falta de educação. O caracter do povo portuguez é sempre o mesmo. Não degenerou, mas não evolucionou. A instrucção foi o que lhe faltou para soffrer uma evolução progressiva e harmonica com os ideaes modernos. Precisamos escolas, muitas escolas.

— É verdade! — continuou dirigindo-se a Rosa — e agora por professores, em que está o seu projecto de vir a ser professora? Já encontraram solução ao grande problema?

— Difficil de resolver... Difficil... objectou o lavrador. Se ella pudesse estudar aqui... vamos lá, talvez fosse mais facil...

— Não me parece isso muito difficil... — retorquiu-lhe Paulo. — Ora deixe estar que eu me informarei do que é necessario estudar e se fôr possivel tirar o curso como externa póde, querendo, acceitar-me como explicador, pois terei muito gosto em prestar á sua filha esse pequeno serviço.

O lavrador obtemperou:

— Mas, senhor Paulo, isso seria uma grande massada para si e depois podia tirar-lhe o tempo necessario para os seus estudos. Nem pensar nisso!

— Ora — dizia Paulo — se tem confiança em mim e me quere dar o prazer de acceitar a minha offerta, não lhe dê isso cuidado, porque tenho muito tempo disponivel. Agora, se tem repugnancia em acceitar de mim este pequeno favor... já não digo nada...

— Não é isso, senhor Paulo! Meu pae tem razão; seria uma grande massada para si ter de vir de Coimbra aqui regularmente e ter de me aturar!

— Olhe que grande massada! É um passeio. Pois ter de aturar!... Será a senhora D. Rosa quem terá de me aturar, porque serei um professor muito exigente, muito caturra — arrematou rindo. E em seguida:

— Que dizem então? É decidirem já isso para

na proxima semana começarem os nossos trabalhos.

O lavrador estava calado, e Paulo, querendo resolvê-lo a acceitar, accrescentou:

— No caso em que o senhor João concorde com estes projectos, eu poderia vir aqui duas vezes por semana, ás quartas e sabbados, ás 7 horas da noite. Poderia ser?

Rosa respondeu, olhando o pae:

— A hora convinha-me. Meu pae já tem recolhido do trabalho e jantado. É a hora do seu descanso, em que eu faço costura ou lhe leio algum daquelles livros que o senhor dr. Falcão offereceu, como o A. B. C. do povo. Que diz, pae?

— Não digo nada. Não quero que o senhor Paulo pense que sou desagradecido ao favor que nos pretende fazer...

— Bem — interrompeu Paulo — não fallemos mais em favores. Fica decidido e para a semana dar-lhe hei informações já sobre o que temos a estudar. E até lhe poderei já trazer alguns livros... verei; e agora vão-me dar licença que me retire. E levantou-se.

Rosa observou:

— Ainda é cedo.

— Não é tal; é quasi noite. — E Paulo estendeu-lhe a mão numa franca intimidade já.

— Então até para a semana e muito obrigado.

— Olhe, senhor Paulo, não vá perder tempo para os seus estudos! — insistiu o lavrador.

— Adeus! — disse Paulo, fazendo que não ouvira o lavrador.

E alegremente, contente de si e da vida, desceu a pequena colina e dalli a momentos desapparecia na curva da estrada, em direcção a Coimbra.

CAPITULO IX

Na semana seguinte Paulo, conforme o que promettêra, dirigiu-se, á hora combinada, a casa do lavrador.

Levava os esclarecimentos precisos e já alguns livros.

Encontrou o tio João e a filha no começo da sua refeição da noite.

A criada que lhe abriu a porta introduziu-o, sem mais preambulos, para o pequeno quarto de jantar, onde os dois, sentados em frente um do outro, procediam á sua modesta mas abundante ceia.

Ao verem entrar Paulo, disseram ao mesmo tempo:

— Entre, senhor Paulo.

E Rosa, levantando-se, cumprimentava Paulo sorridente.

— Desculpe, disse ella, o desarranjo de tudo isto.

— Isto é casa de lavrador — observou o tio João — e offerecia a Paulo uma cadeira.

— É servido? e indicava com um gesto a sopa.

— Não, obrigado. Se não tivesse jantado já, acceitava, fazia-lhe companhia, porque está com um cheiro convidativo.

Effectivamente na modesta mesa, coberta duma toalha de alvo e grosso linho, a terrina de sopa fumegava apetitosa.

Rosa sentára-se e vagarosamente mexia a sopa no prato branco, esperando que Paulo encetasse a conversa.

O tio João sorvia com ruido o seu caldo e dizia para Paulo:

— Nada de cerimonias, é comer se lhe apetece.

— Obrigado, nada, não posso — repetia este.

E, um pouco fatigado do caminho, ficou calado, examinando o aspecto daquelle interior simples, duma simplicidade rustica, mas limpa e confortavel.

No centro a pequena mesa de jantar, ao fundo o armario de pinho envidraçado, cheio de louça. Em volta das paredes cadeiras de pinho tambem, pintadas a preto, com assentos furados, formando triangulos. A um canto uma grande arca antiga de pau preto, servindo de aparador. Sobre esta arca dois grandes vasos de louça das Caldas ostentavam flôres.

Das paredes pendiam quatro oleographias baratas, em molduras de casca de sobreiro, representando a classica bacchanal de frades patuscos que, junto ao peccado da gula que commettem enchendo vorazmente as bôcas enormes de apetito-

sos manjares, praticam outro não menos grave lançando olhos lubricos de férvidos desejos á moça esbelta e desdenhosa que os serve esquiva.

Curvado o lavrador sorvia a sopa quente, com os braços fortemente apoiados sobre a borda da mesa e os cotovellos formando dois angulos agudos com o torso forte.

Rosa em frente, revelava já uma educação senhoril, na sua attitude correcta. Direita, levava a colher aos labios rosados num movimento sereno que lhe movia rythmicamente o braço roliço e branco que, no ante-braço, uma fina penugem loira doirava, batido pela luz forte do candieiro de petroleo.

Por detraz della a moça, rapariga alentada e morena, de amplos e fortes quadris que as saias grossas mais avolumavam no entumecimento do arregaço que o avental lhe fazia abaixo da cintura grossa, esperava immovel que os seus serviços fossem reclamados.

Na disposição da mesa, nas maneiras de Rosa, no conjuncto daquelle interior, e até na attitude respeitosa da criada, via Paulo a influencia predominante da convivencia de Rosa, durante annos com uma familia de habitos senhoris.

A mobilia heterogenea do quarto estava, evidentemente, accusando a origem primitiva de casa dum lavrador abastado, mas a fórma por que a mesa estava posta, as guarnições de hera que ornavam os quadros, as cortinas que guarneciam as ja-

nellas artisticamente apanhadas, tudo isto indicava que a educação de Rosa começava a polir e limar as arestas mais grosseiras do lar paterno.

Rosa acabara de comer a sua sopa e como Paulo se conservava calado, arriscou a medo:

— Então, senhor Paulo, sempre colheu algumas informações...

— Eu, minha senhora, não costumo faltar ao promettido. Pode tirar o seu curso como externa e eu já lhe trago alguns livros para começar o nosso estudo — disse indicando um pacote que trazia sob a capa.

— Ora que incommodo! — exclamou o lavrador.

E para Rosa:

— E tu não agradeces, filha!

— Muito obrigado, muito obrigado, senhor Paulo...

— Se assim continuam, declaro que me offendo...

— Então não lhe devemos agradecer? interrogou Rosa carinhosa,

— Não! ficam prohibidos mais agradecimentos, sob pena... E derivando:

— Começaremos hoje as nossas lições.

Eu não pretendo, nem desejo que a senhora D. Rosa estude de cór as suas lições. O meu methodo será outro. Os livros que lhe trago são compendios que irá lendo sobre as diversas materias do programma, mas não me dará lições directamente por elles. As nossas lições derivarão da leitura. A pro-

posito dos trechos de leitura que juntos faremos lhe irei dando, conjunctamente, noções de geographia, de historia, de litteratura, de sciencias naturaes... A senhora D. Rosa irá lendo os compendios e uma ou outra difficuldade que tenha pedir-me-ha para a desfazer. — Nas proximidades dos exames pegarei no programma e far-lhe-hei por elle directamente perguntas. Estou certo que satisfará a tudo o que se exige das materias a que alludi, porque espero ter tempo de lhe ministrar, durante as nossas leituras, antecipadamente por mim estudadas, todos os conhecimentos que o programma exige. Com este methodo que é o unico racional e o que menos fatiga o alumno, estou convencido de que em pouco tempo estará de posse de todos os assumptos, sem esforço nem fadiga.

— Sendo assim — disse o lavrador — até eu tambem vou aprender alguma coisa! E ria, troçando.

— E porque não? — lhe retorquiu Paulo.

— Ora! porque? porque burro velho não aprende linguas — respondeu o velho.

Todos riram. Rosa estava animada, alegre, os olhos brilhavam-lhe humidos e felizes, os labios vermelhos abriam-se-lhe com frescor, como cravos orvalhados pela neblina duma madrugada radiosa. E Paulo, satisfeito, olhava-a com meiguice, sentindo o seu ser penetrado pelos effluvios immanentes daquella mocidade. Sentia-se acariciado physica e moralmente por aquelle ambiente amigo e sim-

ples; um bem estar indefinido ia-se-lhe alastrando nalma e no corpo. É que já antegosava a perspectiva daquellas lições... Rosa, pelo seu lado via, adivinhava confusamente nellas o preludio duma outra vida mais senhoril que ella sonhava e idealizava nos seus devaneios de donzella ambiciosa de sahir da classe humilde em que nascera. Paulo navegava já a pandas velas pelo mar vasto da sua phantasia exagerada de romantico que lhe antemostrava deliciosas emoções que lhe realizariam concretamente o anceio sonhador da sua alma de poeta.

O lavrador, vendo a satisfação dos dois, e no bem estar da sua refeição feita com apetite campezino, estava tambem alegre, bem disposto e interessado já no programma de estudos a seguir.

A criada fôra levantando a mesa e agora, sob a luz do candieiro, na mesa sem toalha, Paulo lia os titulos dos livros que trouxera.

— Elementos de physica, synopsis grammaticaes, elementos de geographia...

O tio João interrompeu:

— Isso agora parece-me que sei o que é. Não é o livro que ensina o nome das terras do mundo?

Paulo sorriu e respondeu, benevolo:

— Sim, senhor João, a geographia é a sciencia que nos ensina a conhecer o mundo, sob os seus varios aspectos. Se nos descreve a fórma da terra, a sua posição no espaço em relação aos outros astros, chama-se geographia astronomica; se nos descreve os seus continentes, ilhas, montes, peninsulas,

rios e mares, physica; se nos ensina a divisão dos continentes, em estados, a sua organisação politica, o numero dos seus habitantes, o nome das cidades, etc., chama-se politica. E ainda, dentro destes tres ramos podemos fazer outras subdivisões para maior facilidade de estudo e conforme a natureza mais restricta do assumpto. Assim a geographia astronomica...

O tio João, porém, cortou-lhe a prelecção interrogando curioso:

— Oh! senhor Paulo! dizem que o mundo é redondo? Gostava de saber como é isto...

Paulo então, pacientemente, explicou-lhe e forma da terra, os seus movimentos, as leis de attracção universal, a força centripeta e centrifuga, etc.

O lavrador ouvia-o com admiração ingenua, vincando a testa num esforço intellectual para aprehender a explicação de Paulo.

— É muito bom saber — commentou elle, no fim da prelecção — mas nós cá, os do povo, não nos é dado conhecer nada, somos uns brutos que não conhecemos mais do que o palmo de terra em que nascemos! Isto não devia ser assim! Todos deviam aprender, porque todos são filhos de Deus e Deus a todos devia dar meios de conhecer bem e admirar as suas obras. Era aos padres que competia ensinar o povo, ao domingo, nas egrejas, a conhecer o mundo que Deus criou e até o povo havia de ter mais religião, porque eu não posso admirar bem se não o conheço bem. Dizem que o defeito está no

governo dos reis que querem que os padres só mettam medo aos povos com o inferno e outras patranhas para elles não conhecerem os seus direitos e assim os deixarem fazer as patifarias que desejarem. Ah! mas quando vier a Republica, então tudo mudará, porque tudo ha de ser feito como diz o senhor dr. Falcão — concluiu o lavrador.

E então a conversa derivou para o assumpto predilecto do lavrador: — a republica e o dr. Falcão.

Em animada palestra estiveram os dois longo tempo, e quando Paulo se retirou, o bom velho estava completamente conquistado por Paulo, por aquelle rapaz que elle dizia tão sabio e tão dado.

CAPITULO X

Nos primeiros meses das suas relações com Rosa, manteve-se Paulo na mesma ordem de idéas em que o vimos ao começar a frequentar a casa do lavrador.

E sentia-se vaidoso da superioridade intellectual e moral que mostrava, limitando-se ao papel de professor e de amigo, quando mais natural e vulgar seria apenas cogitar em namorar, em conquistar a filha do lavrador, tão explendida mulher.

E orgulhava-se tanto mais de si quanto percebia não ser indifferente á sua bella discipula. Evidentemente ella sympathisava com elle. Já o havia notado quando passeava na Estrada da Beira... mas não se aproveitaria dessa sympathia, se não para desempenhar o papel de bom e leal amigo, della e do pae... O bom velho! Como elle achava sympathico aquelle homem bondoso e simples! Oh! o povo guardava ainda, latentes, fortes energias, caracteres rectos, almas ainda sãs, capazes de comprehenderem a vida pelo prisma purificador da

bondade! Sentia-se então enternecer pela causa dos desprotegidos, dos humildes, dos repudiados do convivio moral e intellectual da humanidade; e queria ser um grande e eloquente talento para levantar a voz a favor da sua causa, para se juntar ao lado dos grandes apostolos da humanidade que, como Leão Tolstoi, fazem a propaganda da epocha redemptora da fraternidade e da igualdade de todas as criaturas. Sim! é bella a vida daquelles que a tão nobre causa se dedicam e que, pondo de lado a sociedade de convencionalismo despotico em que vivemos, se vão ligar ao povo com o coração aberto a todos os grandes ideaes. Se aos altos genios cabe a tarefa gloriosa da propaganda eloquente dos principios puros da justiça e do bem, nem por isso os outros menos auctorisados, devem ficar inactivos, e cada qual deve, dentro da medida das suas forças e do seu meio, coadjuvar pela acção, pelo exemplo, o desenvolvimento pratico de tão nobres ideaes.

Cada um devia procurar collaborar na causa da humanidade, sem preoccupações, nem vaidades, mas sem desanimo, nem descrença, na efficacia dos seus esforços, por mais humilde e modesto que seja, porque os grandes e bellos edificios não se construem sem a cooperação dos simples trabalhadores e nenhuma obra grandiosa se levantaria se fossem sómente a erigi-la aquelles que a architectam, ou concebem. Mesmo no circulo modesto da nossa vida privada, cada individuo tem um amplo campo de acção,

aberto para collaborar nobre e proficuamente na regeneração e libertação dos povos, dando o exemplo do bem, arrostando preconceitos, desfazendo erros, esclarecendo as consciencias — esclarecendo consciencias! — eis a chave de todo o progresso! eis o grande problema! E elle tivera a intuição destes deveres quando se offerecera para professor de Rosa! E ei-lo tambem a collaborar, embora obscuramente, na santa cruzada! ei-lo tambem a ser um agente do bem, do progresso, da luz bemdita que illuminaria o Futuro — o Ámanhã tão ambicionado pelos grandes idealistas e pelas almas soffredoras. Tomaria a sua missão a serio e assim encontraria um ideal na vida, um facho de luz que lhe tornasse bemdita e alegre a existencia. Seria alli, naquella humilde casa de lavrador bom e obscuro que elle iria terçar as suas primeiras armas. Sim faria de Rosa uma verdadeira educadora que iria transmittir os mais nobres ideaes a gerações successivas de muitas e pobres crianças, dando-lhes a comprehensão da vida, armando-as para a conquista plena dos seus direitos.

Ás vezes, porém, todo este idealismo era perturbado pela lembrança daquella perna modelar, desenhando-se numa curva sensual do artelho ao joelho branco roseo e que elle vira naquelle dia do seu encontro á Portagem; mas esta visão sensual era passageira e o que constantemente o preoccupava era o lado moral da aventura, o seu papel de educador, o delicioso experimentar de emoções ele-

vadas, conquistando na rapariga e no pae amigos verdadeiros, uns admiradores fanaticos da sua superioridade moral. Contava os dias que lhe faltavam para chegar ao dia destinado ás lições, e chegado este lá ia elle cheio de enthusiasmo, alegre, a caminho da casa do lavrador.

Lá, na pequena sala de jantar, sentado junto a Rosa, cabeças quasi roçando na curvatura obrigada de estudantes applicados, sentia elle correr as horas velozmente, explicando termos obscuros para Rosa, desfazendo-lhe duvidas, transmittindo-lhe noções de historia, de geographia, de sciencias naturaes, e litteratura, de deveres civicos, de padagogia, com o calor ardente de quem se sente admirado e acatado.

Exaltava-se e subia á mais alta escala da sua eloquencia quando vinha a proposito falar da missão dos professores como os mais poderosos factores da liberdade social. Era — dizia — pela instrucção que chegaria a incutir nas gerações futuras o sentimento da igualdade entre os homens, fazendo com que se amem todos fraternalmente, sem distincções de classes, nem de nascimento.

Um dia em que elle atacava os preconceitos de nascimento e de categoria que separam os homens da mesma raça, irmãos, filhos da mesma terra, moleculas do mesmo barro, a que um dia voltarão, Rosa observou-lhe:

— Admira-me o seu modo de pensar, sendo o senhor um nobre, pertencendo a uma familia das

mais distinctas e antigas da sua terra! Naturalmente... isso é apenas no campo theorico, porque no campo pratico... nunca pensaria, por exemplo, em casar com uma modesta rapariga, fóra da sua classe...

Elle retorquiu-lhe, accentuando intencionalmente o sentido das suas palavras:

— Se algum dia pensar em casar, não apreciarei um momento a genealogia da minha noiva; attenderei apenas ás suas qualidades e ao meu coração e este será o supremo juiz; mas o que duvído é de encontrar a mulher que me ame, como eu tenho sonhado, que seja a alma irmã da minha...

— Quem sabe? se só exigir que comprehendam o seu coração... que lhe dediquem muito affecto, muito amor... não vejo porque não encontará uma rapariga honesta que o ame...

Rosa dizia-lhe isto numa voz querençosa, cheia de ternas reticencias, confessando-lhe o seu amor...

E elle ouvia-a encantado, preso dos seus labios rubros, fitando-a nos olhos languidos, humidos, com um desejo louco de beijar aquelles olhos langorosos, aquelles labios carnudos e sensuaes soffregamente, avidamente, num impeto selvagem, bruto. O tio João, porém, que dormitava numa cadeira, accordara pelo silencio inesperado que os dois fizeram, e Paulo conteve-se, mas a sua mão procurou tremula a mão de Rosa, por baixo da mesa e apertou-a numa forte pressão e, mudamente, olhando-se, os dois estremeceram ao contacto das suas

mãos, como se uma corrente alectrica de baixa tensão lhes percorresse os corpos, fazendo-lhes vibrar os nervos em ligeïras crispaturas...

—Acabaram a lição? — perguntou o velho.

— Acabamos — responderam os dois simultaneamente.

CAPITULO XI

A belleza physica de Rosa ia pouco e pouco actuando no estado psychologico de Paulo. Insensivelmente ia-se deixando dominar por sentimentos e idéas bem differentes daquelles que narramos ao começar esta historia.

— Porque não amaria Rosa — interrogava-se — Porque fugir áquelle affecto? Por ser ella uma modesta rapariga do povo? Ora adeus! Velhos preconceitos atavicos que elle, homem de idéas largas e modernas, não era logico perfilhar. Teria difficuldades a vencer? Luctaria com a vontade dos seus? Procuraria convence-los de que a sua felicidade estava no seu enlace com aquella rapariga, mas se não o conseguisse paciencia, casaria da mesma forma. Teria o seu curso e faria vida por elle. Seguiria o magisterio secundario e Rosa o primario.

Seriam dois a trabalhar na mesma ardua, mas consoladora tarefa de espalhar luz e intelligencia; seriam dois obreiros modestos da grande obra da humanidade civilisada e intellectual. Era este um nobre ideal a realisar! E a sua imaginação abria-

lhe um largo horisonte de acção benefica e phylantropica, de nobre e grandiosa missão na vida, um apostolado a dois, como Pastalozzi e a esposa, os conjuges que o mesmo ideal humano e bello glorificou e cujos nomes refulgiam redivivos nas paginas brilhantes da historia dos pugnadores do reino ideal do Bem!

E assim, sob o encanto diario da influencia de Rosa, a imaginação predominava e conservava-lhe uma barreira inexpugnavel aos já debeis esforços da sua razão vencida, subjugada pela formosura e belleza sensual de Rosa, ressumbrando frescor e seiva do seu corpo juvenil. E vivia nesta radiosa e enganadora atmosphera que lhe criava a sua phantasia, num enlevo idylico, mantido e alimentado pelas vibrações dulcerosas dos seus nervos excitados no contacto embriagante de Rosa, cujos olhos languidos, cuja epiderme setinosa, cujas formas bellas, todos os dias nelle actuavam ou na irradiação potente do seu ser juvenil ou directamente em fugitivos e involuntarios contactos.

A nobreza ingenita do seu caracter, prevalecendo sobre os impulsos do seu ser organico, continha-o ainda nos limites dum idylio platonico, sentindo a illusão completa dum amor verdadeiro que não morre pela posse ou pela superviniencia de outros amores.

*
* *

Este duplo romantismo social e amoroso que aqui temos descripto encontra uma natural explicação no modo de ser de Paulo; era um logico producto da sua idiosyncrasia original e adquirida.

A natureza dotara-o com uma sensibilidade excessiva, por vezes morbida, imaginação exaltada, espirito idealisador e artistico. Faltava-lhe, porém, a força propulsiva e disciplinadora destes predicados — a vontade.

A educação e o meio em que havia vivido completara o que a natureza havia começado.

Filho unico e vivendo a maior parte da sua infancia no campo, o seu espirito habituara-se á concentração tristonha de quem vive só e levara-o a uma intensa vida contemplativa.

Neste meio isolado o seu espirito desenvolvera-se com uma precocidade doentia, ao mesmo tempo que a sua imaginação, constantemente alimentada por leituras romanticas, o lançara num mundo de sonhos e phantasias. O seu cerebro ardia num immenso fogo de romanticas aspirações, alando-se pela etherea região dos sonhos... Sonhos de amor, sonhos de aventuras, a que Alexandre Dumas, Emilio Richebourg, George Sand, Julio Diniz e Lamartine davam o indumento brilhante

dos seus romances idylicos, aventurosos ou apaixonados.

Idealisava assim a vida cheia dum amor eterno, consagrada ao ideal culto duma ideal mulher que com elle se alasse para o elysio mundo que sonhava...

Mas a sua organisação timida retrahira-o, durante annos, de tentar dar forma real aos devaneios da phantasia, concretisando as idealidades vagas da sua alma nalguma sonhadora adolescente. Eram apenas devaneios intimos que externamente apenas se concretisavam num amor excessivo pela leitura de romances, de poesias e pela natureza, pelos longos passeios pelos campos e montes.

Foi neste estado dalma, nesta phase romantica da sua adolescencia que elle partiu para Coimbra, a matricular-se na faculdade de direito.

Aqui, na convivencia forçada de rapazes, o seu modo de ser modificou-se, apparentemente.

Intelligente como era, começou a occultar tanto quanto lhe era possivel o seu temperamento e a sua sensibilidade de romantico aos olhos dos companheiros, que não eram como elle leitores de Lamartine, nem de George Sand, mas de Flaubert, de Emilio Zola e de Eça de Queiroz.

O romantismo passara já ha muito de moda e a campanha que contra elle encetara Anthero e Eça attingia com a geração de Paulo a sua generalisação. O amor já não era considerado por estas ge-

rações impregnadas de positivismo mais do que a attracção reciproca de dois sexos differentes. Um amoroso platonico era considerado e ridicularisado como um ente anachronico e prehistorico.

No fundo, estes leitores de Eça e de Zola eram tão romanticos como o proprio Paulo. Simplesmente os modelos eram differentes. Já não eram moços pallidos contemplando o deslizar doce do Mondego, tristes, chorando amores não correspondidos em endeixas sonoras e denunciando o seu desprendimento pelas coisas terrenas na capa rota, mas eram Carlos da Maia, no aprumo elegante das suas batinas, monoculo entalado no olho direito provocantemente, com um sorriso mordaz a pairar nos labios contrahidos numa prega de ironia fina...; ou então eram libertadores sociaes, ardentes pugnadores de ideaes libertarios, do amor livre, do livre-pensamento, atacando preconceitos, fazendo a apologia do amor, não como uma idealidade abstracta, suprema manifestação de elevada sentimentalidade, mas como uma funcção sublime e fecunda da vida e da natureza. Em dois annos o meio tinha actuado sobre Paulo e se o seu temperamento, a sua ausencia de pretensão, a sua sinceridade o não levaram a adoptar os modelos de cynismo convencional, o seu feitio moral, as ardentes aspirações da sua alma sonhadora lançaram-no no idealismo social destes ultimos romanticos das doutrinas positivas. O socialismo humanitario e philantropico, os grandes problemas da libertação dos

povos foram por elle estudados com o quente ardor do seu temperamento original e romantico.

Foi nesta altura que travou conhecimento com o lavrador e com Rosa.

Até á sua paixão por Rosa foi sempre um platonico isolado que não procurava objectivar as suas doutrinas sociaes no campo da prática, da propaganda collectiva das praças e dos comicios. Mesmo julgava ainda estes ideaes pouco espalhados na *élite* da sociedade para se poder pensar em fazê-los descer á multidão anonyma. Era um evolucionista, um mero theorico que defendia a evolução social partida em ondas periphericas dos cerebros avançados do escol humano para a dura e resistente massa das multidões rudes. A sua paixão por Rosa, filha da plebe, e acontecimentos inesperados da politica portuguesa iam, em pouco, actuar no nosso heroe, fazê-lo descer do campo abstracto da theoria ao campo prático da propaganda activa e popular, e as suas vagas aspirações sociaes e humanitarias em breve começariam a tomar a fórma concreta de ideaes republicanos.

Fôra causa determinante desta nova corrente de idéas de Paulo o brutal *Ultimatum* da Inglaterra a Portugal, em 11 de janeiro de 1890.

Até esta data o partido republicano entre nós era um inoffensivo gremio de sonhadores, cujos ideaes estavam longe de encontrar ecco na multidão ignara e na nação eivada de preconceitos. Neste

anno, porém, as imposições da Inglaterra, altamente offensivas da dignidade nacional, evidenciando o servilismo dos nossos governos á corôa, foram habilmente aproveitadas pelo partido republicano, que cedo se transformou numa forte aggremiação de combate e resistencia aos governos monarchicos.

A mocidade academica da nossa Universidade foi quem primeiro lançou o alarme e desde logo os mais arrojados academicos começaram a dar fórma positiva ás aspirações democraticas e reformadoras dos seus espiritos juvenis.

Uma cohorte de moços, animados de patriotico espirito, clamava contra os abusos do passado e reclamava um futuro novo, completamente refundido, uma sociedade amplamente reformada em todos os seus elementos constituitivos, desde as instituições fundamentaes do estado até aos municipios, desde a organisação das universidades até ao ensino primario, desde a vida intima e familiar do individuo até á sua integração na vida collectiva. Tumultuariamente delineavam nos seus espiritos avidos de progresso reformas politicas, reformas de ensino, de educação physica, intellectual, civica e religiosa.

As suas invectivas contra a Inglaterra misturavam-se, num revolucionamento cahotico, a todas estas aspirações duma remodelação social futura. E por toda a parte clamavam contra o presente, nos cafés, nos comicios, nas conversações particulares.

Paulo estava, como vimos, magnificamente pre-

parado para se deixar influenciar por estas idéas e as suas intimas relações com o dr. Falcão, pondo-o em contacto com este meio revolucionario, mais facilitavam a sua evolução do campo da theoria para o da prática e da acção.

No capitulo seguinte vamos vêr como Paulo tomou os seus primeiros çompromissos politicos.

CAPITULO XII

Na ampla sala da bibliotheca do dr. Falcão um grupo de academicos discutia acaloradamente o ensino universitario.

O velho democrata acompanhava a discussão dos rapazes, animando-os com as suas objecções, com a sua protectora benevolencia, com a sua tolerancia, permittindo-lhes a maior franqueza.

O encanecido luctador da democracia portugueza adquirira assim a veneração e sympathia da mocidade academica, que nelle via um espirito largo e generoso, aberto a todas as idéas de progresso, não havendo preconceito ou praxe que o retivesse no caminho da justiça e da verdade.

Assim, elle proprio condemnava, sem rebuço, a velha doutrina coercitiva da universidade, baseada no rigor, no afastamento dos alumnos dos professores, e na imposição dogmatica da auctoridade dos lentes, substituindo-a pela disciplina espontanea do discipulo que vê no professor um guia e um collaborador, que ao mestre se sente ligado pelo espi-

*

rito, pela confiança no seu saber e na sua equidade nunca desmentida.

Era frequente vê-lo sahir da sua aula acompanhado dos seus discipulos numa camaradagem de amigo, falando e discutindo com elles sem *pose*, como se fosse apenas um condiscipulo mais velho. Os seus alumnos frequentavam a sua casa e eram convidados para os seus serões e reuniões intimas.

Nesta occasião estavam reunidos em casa do doutor varios dos seus discipulos e jovens correligionarios academicos e a conversação derivára, como dissemos, para a critica dos processos de ensino universitario.

Paulo, que estava tambem presente, entrou na discussão, ganhando com os seus ataques aos velhos processos pedagogicos da maioria dos lentes o applauso dos jovens e ardentes republicanos, que já no seu programma haviam incluido a reforma do ensino universitario, como uma das mais urgentes a introduzir numa futura organisação social do decadente Portugal.

-- Impõem ao alumno, dizia elle, a decoradeira brutal de paginas e paginas, cheias de definições e definições, transcripções e argumentos recortados a esmo duma alluvião de tratadistas. Essas definições, transcripções e argumentos pejam o papel immundo da sebenta, sem que um pensamento superior de systematisação, de orientação propria, de generalisação individual os torne duma assimilação facil e

fecunda. Só a memoria é posta em acção, violentada barbaramente para reter os adornos ostentosos com que os graves e cathedraticos doutores occultam a sua sciencia balofa e catalogal.

— Bravo! Bravo! — gritaram os academicos. — Você, Paulo, precisa vir para nós! Quem sabe formar phrases sonoras como as que acaba de proferir, é um elemento indispensavel para a obra de destruição e reconstrucção que emprehendemos.

Paulo retorquiu, animando-se:

— Sim, trocem vocês! mas é com estes processos de ensino que a mentalidade portugueza vae decrescendo, atrophiando-se, annulando-se por esta fórma assustadora que vemos reflectir-se na nossa administração publica, na nullidade dos nossos dirigentes.

— Isso agora parece-me exagero da tua parte, objectou o dr. Falcão. — Da universidade teem sahido, apesar de tudo isso que allegas, grandes vultos, homens de talento, notaveis na litteratura, na politica, nas sciencias...

— Não contesto, mas essas mentalidades formaram-se pelo impulso do proprio genio innato e não pela disciplina universitaria; pelo contrario, a sua passagem por Coimbra foi quasi sempre caracterisada pela reacção passiva e redemptora duma cabulice a toda a prova. Veja-se Anthero de Quental, João de Deus, Eça de Queiroz e... o proprio dr., o que teem produzido julgo que não o deve á sciencia universitaria...

O dr. sorria-se, e evidentemente satisfeito, respondeu:

— Sim, isso é verdade, mas tambem vês que, apesar de ter sido um estudante seguro e regular, não me brutalisei com o ensino universitario.

Paulo exaltava-se:

— Desculpe-me, dr., mas isso não é argumento, porque quando digo que o systema de ensino adoptado na nossa Universidade, especialmente na faculdade de direito, tem uma influencia depressiva na mentalidade academica, não quero estender essa ominosa influencia senão áquelles cujas intelligencias necessitam duma orientação extrema. É da grande massa academica que falo; daquelles que originariamente menos bem dotados, intellectualmente, precisam duma forte disciplina mental, pedagogica, que lhes norteie o espirito, oriente e lhes desenvolva as faculdades de raciocinio, pondo a memoria ao serviço deste e não a erija em faculdade dominante até da razão, coagindo-a constantemente a acceitar juizos alheios. E estes cuja potencia inicial da intelligencia e das faculdades raciocinadoras é menos activa, constituem o maior numero. São estas intelligencias que principalmente necessitam de disciplina pedagogica, isto é, da sciencia de activar e desenvolver gradualmente as faculdades pensantes da humanidade. Na nossa Universidade recheiam-se os cerebros de nomes, citações e datas, mas não se procura augmentar as forças raciocinadoras da intelligencia, antes a atrophiam com a

imposição dogmatica das doutrinas muitas vezes heterogeneas das sebentas. O lente não expõe doutrinas, definições e factos como apoio duma opinião que firmemente sustente, ou como opposição ás suas theorias, deixando, porém, ao alumno a faculdade de livremente raciocinar, de formar um juizo individual; pelo contrario, impossibilita-o de todo e qualquer trabalho proprio, porque lhe exige a reproducção textual de todas as doutrinas que fastidiosamente expôz na vespera. Esta reproducção textual na essencia é muitas vezes exigida nas palavras tambem e rouba-lhes todo o tempo, cansando-lhes os espiritos para poderem por si proprios orientar-se, analysar os assumptos, formarem opinião sua. A sua individualidade apaga-se perante a do professor e esta dilue-se no amontoado heterogeneo de opiniões alheias...

— Mas de quem é a culpa? — interrompia agora um segundanista de direito. — Dos professores? Não! Estes são um producto da organisação universitaria. O systema a adoptar para a nomeação dos professores devia ser a primeira coisa a chamar a attenção dum reformador serio.

O pessoal docente da universidade é escolhido dentre o numero restricto de alumnos que durante o seu curso obtiveram as mais altas distincções, mas estas classificações foram precisamente obtidas por aquelles que melhor se adaptaram ao systema de ensino dominante, os que mais passivamente curvaram os cerebros aos methodos da facul-

dade. Como exigir depois que elles se possam libertar da rotina estabelecida em que formaram o seu espirito? Impossivel! A decadencia assim é inevitavel, fatal e progressiva.

O primeiro passo a dar, continuava, era estabelecer o concurso livre aberto a todos os individuos que a elle quizessem concorrer, fossem quaes fossem as classificações dos seus cursos e os estabelecimentos em que os tivessem obtido. Depois devia-se acabar com a frequencia obrigatoria, com a lição forçada. Ensino livre e frequencia livre. O resultado do anno, dependente apenas do exame ou acto final, mas um acto serio, vago, sobre todos os pontos dos programmas.

O dr. Falcão intervinha agora na discussão:

— Mas isso teria como consequencia, como resultado final, uma enorme derrocada! Quantos rapazes ficariam por formar se não tivessem a obrigação diaria de satisfazer as suas lições, de as estudarem e de irem ás aulas?

— Maior seria a selecção, retorquia Paulo. Os cabulas e os estupidos cahiriam por terra, sem duvida, porque lhe faltaria o amparo commodo e protector da lição decorada e papagueada durante os mezes necessarios para alcançar as chamadas frequencias seguras — duas ou tres lições, uma ás vezes, — que lhes garantem a contingencia do acto; mas os estudiosos da verdadeira accepção da palavra, os intelligentes, livres do jugo diario do estudo por doses fragmentarias, a tantas paginas por

noite, libertos da obrigação indeclinavel de ingerir a sciencia indigesta da sebenta, sem tempo para a degerir e depurar das substancias inuteis, teriam a vantagem indiscutivel e fecunda de abrangerem desafogadamente as linhas geraes dos assumptos submettidos pelos lentes ás suas intelligencias; teriam tempo de estudá-los e de profundá-los pela força poderosa da analyse propria. Os trabalhos escriptos sobre assumptos que mais interesse merecesse ao alumno e as conferencias e prelecções, sempre voluntarias, só para aquelles que não quizessem deixar o acto final por unico estalão do seu estudo, dariam aos alumnos margem para fazerem conhecer o seu trabalho e a sua capacidade aos lentes e condiscipulos, avolumando-se assim aos seus proprios olhos, pela responsabilidade, a importancia e valor das provas a que se submettiam. Só assim se podiam criar individualidades, só assim poderia haver brio, estimulo e orgulho no conceito a conquistar na frequencia da Universidade. Com o systema actual não ha ninguem que se julgue desconceituado por um estenderete; não ha um só alumno que para aquilatar da intelligencia dum condiscipulo attenda ao seu trabalho obrigatorio academico, porque este é impessoal e anonymo e não o producto do seu valor individual.

Então um estudante de medicina, que até aqui estivera calado, entrou na discussão:

— Achava razão a Paulo. O defeito apontado por este na organisação da Universidade era ver-

dadeiro, mas esse defeito não era privativo da vida universitaria. Era um dos caracteristicos da raça portugueza. Toda a vida portugueza se ressente duma absoluta falta de iniciativa individual. Na vida universitaria a iniciativa intellectual é substituida pelo trabalho dos outros, pelo pensamento alheio; na vida social pelo pensar traduccional da ascendencia, dogmaticamente imposta pela coacção educativa dos paes e do Estado impositivista e tutelar. E continuou:

— As faculdades de direito, de mathematica, de medicina, de philosophia, de agronomia, não criam especialmente advogados, engenheiros, professores, agronomos que possam encetar a sua carreira pelo impulso proprio dos seus conhecimentos, pelo valor technico especial do seu estudo profissional, mas apenas portadores de titulos, de diplomas, cuja cotação no mercado pratico da vida depende da chancella dum ministro. E daqui o espectaculo curioso e unico que nos offerece este paiz de, quasi nunca, a aptidão corresponder á profissão official. Os medicos são litteratos, os engenheiros, politicos, militares, jornalistas, ou professores; vulgar é vêr ministro da justiça um medico, da marinha um bacharel em direito, da fazenda um theologo. E tudo isto porque? Porque a iniciativa individual, a volição propria plena e ampla, o unico factor productor das aptidões fecundas, é atrophiada por uma pessima educação nacional, tradiccional e rotineira, viciosa e tarada pela educação jesuitica em Portugal.

Este poder de resolução propria carece, como todas as faculdades, do exercicio e educação para se desenvolver e fortalecer. Como poderão os portuguezes deixar de ter essa falta de iniciativa, de energia, de resolução prompta e rapida se toda a educação que desde crianças recebem é a compressão systematica desta faculdade: a vontade? A educação que recebemos é a annulação gradual do querer pessoal. De pequenos nos habituamos a amparar a nossa vida moral e physica á força protectora de outrem. Crianças, os nossos passos vacillantes são constantemente amparados pelas criadas, os seus raciocinios balbuciantes logo dirigidos pela mãe vigilante. Façamos uma pergunta a uma criança, e quando ella, num esforço proprio gracilmente infantil, tenta responder-nos, vem logo a mãe ou o pae: «diz assim meu filho»... e logo lhe ensina uma resposta correcta que o pobre e innocente sêr repete inconscientemente. E no futil e pretencioso desejo de que os seus filhos tenham respostas acertadas paralysam-lhe aquelles primeiros espontaneos e fecundos movimentos de autonomia carebral. Na parte moral é este o nosso processo de dirigirmos as ducteis intelligencias infantis. Na parte physica a educação recebida allia-se e conjuga-se com a moral por forma a completar a criação destes seres morbidos, irresolutos, malancolicos e inactivos que constituem a triste phalange da nossa infancia. Quer uma criança correr? Uma criada vigilante lhe recommenda constantemente que não transpire

«para que o papá não ralhe». Tenta descer uma escada, logo correm a segurar-lhe a mão para que não caia. Depois, chegada a idade de ir para o collegio, o criado-guia o vigia e conduz com mil recommendações para o desviar dos carros, das carroças, dos cavallos. Mais tarde mil censuras, mil cuidados, mil recommendações, o impedem de praticar um acto por espontaneidade, por natural expansão do seu ser sem previa consulta da mãe, do pae, da avó, do avô, dos tios e das tias. A vida, a carreira a seguir, é-lhe marcada pelos paes, quasi imposta.

O dr. Falcão respondeu:

— Alguma razão tem você, Antonio, mas os teus principios não são inteiramente verdadeiros. É necessario attender que a educação que não vigia constantemente a infancia, que não a contraría nos excessos da sua expansibilidade, que a deixa caminhar ao impulso exclusivo das suas impressões e da sua vontade, dá quasi sempre pessimos resultados.

O terceirannista de medicina contradictou logo calorosamente:

— Vigie-se a criança, vele-se por ella, mas não se côaja a sua vontade. Sempre que dum acto que ella queira e possa praticar lhe não advenham prejuizos irreparaveis, é deixá-la fazer o que ella deseja, porque se dahi lhe resultar algum damno, ella aprenderá á sua custa e não o repetirá segunda vez. Era a doutrina de Spencer, do grande pedago-

gista inglez. E em seguida, num largo rasgo de eloquencia, fez o parallelo do povo inglez com o portuguez, evidenciando que as iniciativas amplas e rasgadas do primeiro eram devidas á superioridade da sua educação intellectual e physica, assim como as desfallencias do segundo eram devidas ao deprimente systema da nossa educação retrograda, pejada de vicios hereditarios.

A sua voz bem timbrada, vibrava suggestiva e dominadora, numa forte alliança do seu ser physico com o seu ser moral. Era um rapaz alto, moreno, robusto, de aspecto varonil e energico. O seu andar firme, o rosto alegre, os seus modos resolutos davam-nos logo a impressão dum forte, dum destes seres que se acham bem na vida, que os contratempos não avassalam, feitos para a lucta physica e para a lucta moral, seres que saem sempre victoriosos das contrariedades e desgostos da existencia.

Os seus camaradas escutavam-no com deferencia, influenciados pelo prestigio da sua palavra que naquelle anno ficara para sempre consagrada nos comicios realisados em Coimbra contra o brutal *Ultimatum* da Inglaterra a Portugal.

Assim, ao vê-lo elogiar a Inglaterra, o dr. Falcão numa amigavel ironia, disse-lhe:

— Não te sabia tão admirador das virtudes inglezas... Então aquellas celebres catilinarias contra a Inglaterra eram apenas rethorica revolucionaria?

— O dr. sabe bem — retorquiu o interpellado — que a minha admiração pela Inglaterra se limita aos seus processos de ensino e não se estende á sua politica internacional. De resto, do que disse uma só coisa se deve concluir e é que é necessario reformar a vida portugueza nos seus mais intimos aspectos, desde a familia até ás instituições sociaes e essa reforma fecunda só poderá ser iniciada com a mudança de regimen, pela implantação da republica, que num impulso forte quebrará as algemas do povo portuguez, escravisado a preconceitos, preso a idéas retrogradas. Essa reforma da instrucção de que você fala, Paulo — continuou só é possivel dentro da republica, porque sem a mudança de regimen toda a iniciativa será annulada e sophismada. Creia-me, Paulo, a salvação do paiz está na republica e é um crime manter como você a illusão de que a monarchia póde permittir a evolução para a nossa regeneração social. Não! a monarchia torna impossivel qualquer tentativa de progresso. Que diabo! você admitte a superioridade da fórma constitucional republicana sobre a monarchica, tenho-o percebido; então venha para nós, faça-se abertamente republicano, entre comnosco neste grande e patriotico movimento que a nossa geração está destinada a effectuar em Portugal, venha para o publico falar, apostolisar a grande causa; de outra fórma, permitta-me que lhe diga, não comprehendo o seu patriotismo, porque quando uma convicção sincera se apodera do homem e a

sua lingua se não presta a manifestá-la, ou essa lingua não é do homem ou elle é dotado de uma prudencia cem vezes mais perigosa que a mais limitada franqueza, como disse José Estevam.

E vendo que Paulo fazia um movimento para o interromper, accrescentou:

— Desculpe-me e não se susceptibilise. Acredite que faço de si a melhor opinião, como nós todos, sómente lhe digo isto para que venha prestar-nos o seu auxilio, que para nós é necessario e util, pela sua intelligencia e pelas suas honestas intenções. Um partido de lucta e pequeno tem de ir buscar á pureza dos seus membros a força que o seu numero lhe não dá. Venha para nós!

Paulo retorquiu:

— Com as suas idéas, com os seus principios fundamentaes, estou eu como faz a justiça de suppôr, mas não concordo com a opportunidade de os concretisar nas nossas instituições. O povo portuguez ainda está muito atrazado para poder entrar já na posse dum regimen republicano. A implantação da republica agora seria o desprestigio dos ideaes republicanos, porque não são as instituições que fazem os povos, mas sim os povos as instituições. As oligarchias continuariam a ser um facto com a republica, como o são com a monarchia, e a soberania popular um sophisma. Concordo, pois, com a propaganda dos principios, mas não com a propaganda da revolução. O partido republicano tem realmente um grande papel regenerador a des-

empenhar, mas não é o da revolução. É o de coagir pela força crescente dos seus adeptos, pela pureza das suas intenções, pela sua moralidade e patriotismo, pela sua constante vigilancia, pela sua fiscalisação e justa censura aos poderes publicos no parlamento, nos municipios, na imprensa, nos comicios, os governos monarchicos a fazer uma administração honesta, a cuidarem da instrucção nacional, a preparar, a desbravar-lhe o terreno safaro da nossa vida publica, social e intima, para que um dia possa então implantar-se a republica em condições taes que ella, desde o seu inicio, venha a produzir os beneficos resultados concretos que ella na sua propaganda annuncia.

— Visionario! exclamou o terceirannista de medicina.

— Visionario, repetiu. Como póde você nutrir essas loucas esperanças de côagir os governos a enveredar numa administração sã e honesta quando, agora mesmo, nesta questão do *Ultimatum*, você vê á evidencia qual é o caso que a monarchia e o seus serventuarios fazem da opinião da nação, dos clamores justissimos dum povo inteiro? Levantam-se protestos de toda a parte; camaras municipaes, juntas de parochia, associações de classes, industriaes, operariaes, commerciaes, academias, lyceus, escolas superiores, Universidade, imprensa, jornaes de todas as côres politicas, cidadãos de classes, de todas as categorias, tudo do norte ao sul do paiz, se levanta num brado uni-

sono de patriotismo e o que faz o Governo? Como attende a monarchia aos seus justos clamores? Fecha clubs e associações, dissolve a associação academica, prohibe comicios, reprime a imprensa, prende republicanos, verte o sangue dos bons patriotas nas ruas da capital, num furor cego de suffocar á força a alma nacional, de a curvar servil aos interesses dynasticos duma familia de nescios e de despotas. E é depois de tudo isto que o meu amigo ainda acha possivel a preparação do paiz para a republica sob a administração e governo duma oligarchia de serventuarios dos interesses duma familia e da sua interesseira e gananciosa protectora—a Inglaterra! E exaltando-se continuou:

— E o que lhe diz a historia? Que a politica da dynastia de Bragança tem sido sempre a de antepôr os seus interesses aos do paiz e que pára garantir a protecção da Inglaterra jámais hesitou em satisfazer as suas vorazes exigencias. É o tratado de 1661, pelo qual perdemos Bombaim; é o tratado de Methwen em 1703, pelo qual arruinamos as nossas industrias em proveito da Inglaterra; é o tratado de 1879 de Lourenço Marques a attesta-lo e será em breve um outro talvez mais humilhante do que todos a solicitar as boas graças da nossa alliada para a familia reinante!

— Não será assim — retorquiu Paulo. O paiz, disperto pelo partido republicano, dará força ao governo pará resistir ás imposições da Inglaterra. Tenho esta esperança.

— Em breve a ha de perder, meu caro!

— Então nesse dia entrarei no partido republicano combativo e deixarei de ser um evolucionista, como me chama, para ser um revolucionario.

— Acceito o compromisso. Não lhe dou então dois mezes para que o vejamos ao nosso lado.

O dr. interveiu, corroborando:

— Tenho a intima convicção de que em breve a republica será um facto entre nós. A lucta entre a democracia e a monarchia está aberta. O partido republicano, com esta questão ingleza, tem tomado e tomará novas e importantes forças. A parte honesta da nação vem para nós, como você, Paulo, quando se convencer de que os governos, como serventuarios dum rei, nada farão que não seja satisfazer a velha ambição da Inglaterra de estender os seus dominios ultramarinos. A Inglaterra é tenaz nas suas pretensões e não deixará agora, que não tem pela frente o patriotismo e a energia dum Marquez de Pombal, dum visconde de Sabroza ou de Sá da Bandeira, escapar a occasião que se lhe offerece de satisfazer velhas ambições.

— As tentativas — continuou o dr. — da Inglaterra para se apoderar das nossas possessões, são antigas. Já em 1686 ella tentou apoderar-se de Moçambique, enviando a Lourenço Marques varios navios de guerra disfarçados em pacificos navios mercantes que occultamente forneceram aos cafres armamentos para nos guerrearem. A energia do Governador Miguel de Almeida soube, porém, frus-

trar-lhe os planos, mas os inglezes não desistiram e uma longa serie de novas e similhantes tentativas foram repetidas quasi annualmente a fim de se apoderarem daquella nossa colonia, quer pela força, quer pela fraude, quer pela compra, como em 1839, até que, em 1869, Sá da Bandeira conseguiu pôr um interrégno a estas tentativas, sujeitando as pretensões da nossa alliada á arbitragem de Mac-Mahon. A Inglaterra, porém, voltou a repetir as suas pretensões e em 1879 obteve o tratado de 30 de setembro que, segundo a opinião dos proprios inglezes, manifestada no *Morning Post*, deu-lhe os mesmos proveitos que lhe adviriam se o territorio de Moçambique lhe fosse entregue. Isto era, todavia, ainda pouco para a incommensuravel ambição da Grã-Bretanha. E assim, em 1807, sob o pretexto de que os francezes se poderiam apossar das nossas possessões, apoderaram-se á força da Ilha da Madeira, de varias fortalezas de Macau e ainda ardilosamente da India Portugueza, onde dominaram até 1813. Agora um novo pretexto surge e a Inglaterra prepara-se para nova rapinagem. O governo ha de ceder e um tratado ignobil virá dar-lhe de direito a posse da nossa colonia que o anterior tratado já lhe deu de facto. Ah! mas então será occasião do partido republicano unir fileiras e de num patriotico esforço expulsar de Portugal os Braganças que coagem os nossos governos a taes humilhações, e de, seguindo o exemplo dos nossos irmãos de

Além-Mar, os brasileiros, proclamarmos o regimen republicano!

O dr., ao pronunciar esta ultima phrase, tinha na voz vibrações de acendrado amor patrio e de suggestivo dominio.

Os rapazes escutavam-no enthusiasmados e sentiam-se influenciados pela convicção das suas crenças.

O terceirannista de medicina exclamára:

— É preciso, é necessario fundar já jornaes de propaganda onde se diga, onde se faça a historia do que tem sido a alliança inglesa; jornaes que alimentem o fogo patriotico agora disperto por estes ultimos acontecimentos e que o faça explodir em destruidoras labaredas!

— Mãos á obra! — gritou o segundannista de direito, rapaz moreno, de olhos pequenos e vivos.

— Cautela! meus caros amigos — advertiu o dr. — Essa idéa é boa, mas temo dar-lhes o meu incondicional applauso, porque vocês são arrebatados e... já estou a prever que pelo menos dois dos meus jovens amigos vão parar á cadeia. Não preciso dizer por quem receio... e olhou o terceirannista de medicina e o segundannista de direito.

— É possivel — retorquiu este — mas as grandes causas sempre tiveram grandes martyres...

O terceirannista tinha-se absorvido em meditação e como se não tivesse ouvido nada do que se tinha dito, dizia agora no seguimento da sua idéa:

— O titulo do jornal deve ser suggestivo, deve

trazer logo á memoria a affronta que a pusillanimidade dum governo imprimiu no brio heroico deste paiz... Deve ser... deve ser *Ultimatum!*

— *Ultimatum!* Bem achado! — disse o segundannista, e para os companheiros:

— Tem a vossa approvação?

— Certamente, responderam os interrogados.

— Em quinze deste mez de março teremos o nosso jornal. Estamos a 1 e em quinze dias faz-se muito — disse o segundannista.

— Isso é que é caminhar! — exclamou o dr., e accrescentou:

— Que orientação darão vocês ao jornal?

— Combateremos intransigentemente as instituições monarchicas, como antagonicas com as legitimas aspirações da nossa patria. E para este fim, que envolve o combate aos governos dissolutos, á alliança inglesa, aos traidores, admittiremos toda a linguagem, todos os artigos, desde os doutrinarios aos de propaganda revolucionaria, mesmo escriptos no mais violento estylo. É sobretudo de escriptores demolidores, de combate, que nós necessitamos. O tempo doutrinario já passou, embora pese a Paulo!

— Tomo nota da piadinha — retorquiu Paulo — e só desejo uma longa vida ao teu jornal.

— Longa vida não a teremos, nem della necessitamos. Em menos dum anno a revolução está feita. O primeiro grito d'alarme já o lançou o

Porto, publicando a *Patria*. Nós soltaremos o segundo com o nosso *Ultimatum*.

— Viva o *Ultimatum!* Viva a Republica! — gritaram os mais enthusiastas.

— Cuidado, cuidado, rapazes! Olhem a policia e os meus cathedraticos collegas, que ao passar podem ouvir esses gritos revolucionarios.

Desculpe, dr.! — disseram todos.

— Estão desculpados, e, fazendo votos para que os nossos ideaes de hoje sejam realidades ámanhã, dou-lhes as boas noites, porque já são horas de me recolher. Desculpem-me a franqueza, mas eu sei que estudantes em vespera de feriado nunca se lembram da cama, e eu, infelizmente, já não tenho a vossa idade.

Todos se levantaram. O dr. acompanhou os rapazes á escada e ao despedir-se de Paulo disse-lhe:

— Então, correligionario, para daqui a dois mezes, não é assim?

Paulo corrigiu:

— O dr. quer dizer revolucionario, porque correligionario já o sou. E logo:

— Se os factos vaticinados pelo Antonio se derem, já teem a minha palavra.

E todos sahiram.

CAPITULO XIII

Voltemos aos amores de Paulo.

Cada dia augmentava a sua paixão por Rosa. E ella notava esta paixão prestes a explodir e punha em acção todos os seus recursos de mulher formosa para o captivar completamente, vendo abrir-se-lhe pelo amor a porta doirada dos seus sonhos de donzella ambiciosa, educada num meio que lhe tornava amargo aquelle em que nascêra. Era um sonho delicioso aquelle, o imaginar-se amada por um rapaz que em dois annos seria um senhor doutor! E via-se já casada, numa cidade, passeando pelo seu braço, ouvindo, ao passar, pronunciar baixo o seu nome — D. Rosa de Castro — esposa do dr. Castro — por aquelles que a conhecessem e a apontassem aos que a desconheciam. E ria-se então intimamente dos seus projectos de vir a ser professora régia. Como isso já ia distante! como já estava posto de parte nos seus planos sobre o futuro! Continuava comtudo a fingir interessar-se pelo estudo, porque era esse o meio de continuar a ter Paulo junto de si, mas mal prestava attenção ás suas prelecções.

Paulo começava a vir mais cedo e como as tardes cresciam com a entrada da primavera, o tio João, quando regressava do trabalho, já encontrava os dois sentados a conversar, nos bancos de cortiça, no pequeno terraço em frente da casa. Passavam uma hora ou mais assim, os dois a conversar, naquelle doce *tête-à-tête*, a sós.

Da natureza, que despertava para a vida ubertosa da primavera, desprendiam-se effluvios de seiva forte das arvores que, na sua irradiação activa e odorante, lhes vinham affectar os sentidos num quebrantamento doce.

As suas palavras não traduziam a impressão mutua que sentiam, mas os seus olhos, procurando-se avidos e humidos, denunciavam a reciproca attracção dos seus nervos em vibrações concomitantes.

Uma tarde o tio João demorou-se mais na vinha, junto ao rio e Rosa propoz a Paulo irem ter com elle. Acceite o convite, os dois, vagarosamente, foram descendo a collina onde estava edificada a casa do lavrador.

O sol declinava e punha reflexos fulvos nos cabellos loiros de Rosa. Paulo um pouco atraz, fitava a nuca de Rosa, onde os cabellos, ligeiramente encaracolados, se destacavam no lacteo roseo da epiderme. Era uma nuca provocante, desafiando beijos lascivos, sahindo numa linha sensual das espaduas cheias, de carnes duras.

Um fremito de insectos, um sussurro intraduzivel, de intensa vida animal, sentia-se em volta, nos campos verdejantes, adivinhando-se a fecundidade da natureza naquelle ambiente propicio de primavera que se exalava em odorantes e quentes bafos, estimulantes do seu sangue juvenil.

Á medida que desciam, a paisagem larga estreitava-se. Agora já não se via o panorama extenso do Mondego. Eram apenas trechos, nesgas do rio, ornadas de verdes tapumes, colleando as margens e reflectindo-se em gazeos tons na agua corrente do rio. Coimbra descobria se, retirada a um recuado plano, pelos troncos carcomidos das velhas oliveiras dos terrenos marginaes.

A collina que desciam bruscamente parava num tapume que o atalho cortava, quasi perpendicularmente para a planicie fertil da horta. Chegados aqui, os dois pararam. Rosa olhou a pequena rampa, hesitando em descê-la. Paulo, percebendo a sua hesitação, saltou rapido o pequeno talude e de baixo disse-lhe:

— Salte, que eu amparo-a. Não tenha medo. Apoiada a mim, não se arrisca a escorregar.

Rosa inclinou-se, resolvida, e Paulo, mettendo-lhe as mãos sob os sovacos humidos, quasi a suspendeu, puxando-a para si. Rosa saltou. Ao poisar no chão, o seu peito, alto e cheio, chocou-se contra o de Paulo e este percebeu nitidamente, pela pressão do contacto, as fórmas opulentas do seu seio, sentiu-lhe o roçar dos bicos duros e erectis, o aca-

riciar dos seus cabellos loiros... e então uma onda electrica lhe percorreu o corpo, perdido, sem a noção do que fazia, com uma nevoa a cobrir-lhe a vista, apertou-a fortemente contra o thorax e, forçando-lhe o busto elegante a inclinar-se para traz, beijou-a febrilmente, avidamente, nos olhos, na bocca, no mento, num delirio, ao passo que murmurava:

— Amo-te! Amo-te! Amo-te!

E Rosa, implorativa:

— Senhor Paulo, deixe-me! deixe-me! Olhe que podem vêr... Jesus! olhe que póde vir alguem... Como que sinto passos!...

Paulo então largou-a e, lançando um olhar em volta, retorquiu-lhe com voz tremente:

— Não vem ninguem. Perdoe-me, Rosa, este arrebatamento, esta allucinação... Sim? Não fica zangada commigo, não? E accrescentou, concluindo:

— É que a amo muito. Isto tinha de ser! Eu podia ter-lho manifestado d'outra maneira, por outra fórma talvez menos brutal, mas que quere? Está hoje tão bonita que não fui senhor de mim...

— Lisonjeiro... balbuciou Rosa num sorriso de perdão. E então estendeu os labios num rapido e calido beijo para Paulo, que os sorveu com fortes estremecimentos dos seus nervos excitados.

A allucinação dos dois neste momento foi completa. Os seus dois corpos vibraram numa simultaneidade de sensações que lhes annulou totalmente

a razão, accendendo-lhes o sangue joven em irresistiveis desejos...

Proximo havia uma pequena casa, cheia de feno para as vaccas. Entraram nella e... ao della sahirem, passada meia hora, Paulo havia abandonado para sempre os seus castos projectos de guia espiritual daquella gentil rapariga...

*

* *

— Que imprudencia! podiamos ser apanhados! Que fazer agora, Paulo? Separar-nos? Meu pae póde desconfiar pelo meu aspecto... estou, devo estar muito vermelha...

— Isso de fórma alguma! disse Paulo. Como explicarias depois a teu pae e ter-me ido embora sem lhe falar?... De mais a mais, a criadita viu-nos juntos vir para aqui... Não! O melhor é darmos um passeio, fazermos um rodeio, a dar tempo de retomarmos o nosso aspecto habitual...

— Pois sim, meu Paulo... Agora sou tua, devo-te abediencia...— disse Rosa num irresistivel coquetismo.

— Meu amor! — e Paulo novamente a osculou ardentemente.

— Não façamos mais loucuras... Vamo-nos — disse Rosa, e seguiu adiante de Paulo.

Caminhavam ambos calados, absorvidos num fundo alheamento.

Paulo começava a arrepender-se da sua precipitação... Rosa, confusa, excitada, vagamente receosa de que o pae lhe ralharia por aquelle seu passeio a sós com Paulo. Sentia-se, todavia, feliz, satisfeita... Tinha a certeza de que Paulo seria leal com ella. Fôra, é verdade, além do que desejava... pois realmente calculou aquella occasião como propicia para provocar uma declaração de Paulo, mas este era leal e bom... brevemente a pediria ao pae e então casariam... era o seu sonho realisado, o seu longo sonho...

. . . . .

Depois dum largo rodeio, os dois attingiram a pequena e esmadrigada cancella que vedava a vinha onde o tio João findava o seu dia laborioso.

Paulo levantou-a nos gonzos gastos e abriu-a. Ambos entraram na plantação. Tinham apenas dado alguns passos quando deram com o lavrador, entre os trabalhadores, podando as vides. Ao vêr Paulo e Rosa, o velho vincou a testa num fundo sulco de desagrado. E para Paulo:

— Olá! Hoje veiu mais cedo!

— É verdade — retorquiu Paulo. — E a senhora D. Rosa convidou-me a vir até aqui, ao seu encontro...

— Foi assim — confirmou Rosa — e accrescentou em ar de desculpa:

— O senhor Paulo ainda não tinha vindo vêr a nossa vinha...

O lavrador ouvia calado. Sem nada responder

fechou a sua longa e larga navalha de podar e voltando-se para os trabalhadores, disse:

— Podem ir-se. Por hoje já fizemos a nossa obrigação. E para Paulo:

— Visto que aqui está, vamos dar uma volta, a vêr a vinha. Quere?

— Com todo o gosto — respondeu Paulo.

Os trabalhadores haviam vestido as suas jaquetas e pegando nas sacolas diziam:

— Até ámanhã, tio João. Deus a fade para bem, menina Rosa! — E num cumprimento sêcco para Paulo:

— Até mais vêr, senhor Paulo. — E retiraram-se.

Os tres ficaram sós. Um silencio se fez. O tio João parecia luctar comsigo para dizer qualquer coisa difficil...

Deram uns passos ainda mais, no atalho. Paulo observava o lavrador. Rosa, afogueada, no presentimento de qualquer coisa, tremia interiormente. Bruscamente o lavrador parou, como quem toma uma resolução repentina que teme addiar, e disse:

— Senhor Paulo! Eu cá não sou daquellas! o que tenho a dizer digo. O senhor ouviu as palavras dos trabalhadores?

E como Paulo fizesse um gesto de quem não se recordava, de quem não percebia onde elle queria chegar, accrescentou:

— Não se recorda? Eu lh'as repito: «Deus a fade para bem, menina Rosa!» Sabe o que isto quere dizer? Quere dizer que por ahi ha já quem

diga que o senhor Paulo anda a namorar Rosa e que eu sou tão tolo que acredito nas boas intenções dum estudante.

— Oh! pae! — murmurou Rosa.

— Deixa-me falar, rapariga! As coisas faladas é que se entendem entre homens de bem... O senhor Paulo é um homem de bem e eu, por isso, lhe falo com a franqueza dum homem tambem de bem que confia na honradez dum outro...

Fez uma pausa. Rosa e Paulo olhavam-no sem saber o que dizer. Elle continuou:

— Eu ter-me-hia opposto mais abertamente a que Rosa acceitasse o seu offerecimento, o favor das suas lições, mas tive receio de o offender... Sim, devia-me ter aberto comsigo e mostrar-lhe que o mundo é mau e póde inventar muita coisa! Agora é remediar o mal feito, emquanto é tempo. O senhor Paulo não se offende commigo? Posso pedir-lhe um favor?

E a um gesto affirmativo de Paulo:

— O senhor Paulo vae deixar de leccionar Rosa e... não me vem fazer visitas senão de tempos a tempos... Custa-me muito a dizer-lhe isto... mas o senhor Paulo comprehende-me?... Não é por si... Fica mal commigo?

Paulo estava interdicto. O que devia fazer? Acceitar a airosa sahida proposta pelo lavrador, ou confessar-lhe o seu amor por Rosa? A primeira solução era o que lhe aconselhava a sua razão, como a mais prudente para não proceder levianamente

num assumpto de tanta importancia. A segunda era o que solicitava o seu coração e o olhar enternecido de Rosa que, anciosa, esperava a sua resposta. Paulo commoveu-se e numa grande onda de ternura, de amor por aquella bella rapariga que havia momentos possuira em loucos transportes de apaixonado, subiu-lhe do coração aos labios e numa voz que forcejava por tornar serena, respondeu:

— Senhor João, estou prompto a obedecer-lhe, tanto mais que ha fundamento para os commentarios que a nosso respeito fazem. Effectivamente eu amo a sua filha e ella tambem me ama. Acabamos agora de o confessar. A minha lealdade para comsigo obrigava-me a fazer-lhe brevemente esta declaração, esta confissão, pedindo-lhe a mão de sua filha. A sua conversa sómente me faz antecipar o que ha tempos tenho no coração e na mente.

Rosa olhava Paulo com as lagrimas nos olhos, commovida. O lavrador permanecia boqui-aberto, cheio de pasmo por aquelle pedido inesperado.

Passados alguns segundos do lavrador olhar Rosa silenciosamente, como que vendo se a sua attitude confirmava as palavras de Paulo, retorquiu num tom triste:

— O caso agora é mais serio! muito mais serio do que eu pensava! Sim... o senhor Paulo é um rapaz leal... mas já pensou no que vae fazer? Já pensou que quere casar com uma rapariga que não é da sua classe, que não está á altura da sua posição? Já pensou que para o fazer terá de luctar

com a sua familia? Já pensou em tudo isto, senhor Paulo?

— Já pensei, senhor João. O senhor sabe o que eu penso ácerca de distincções sociaes. Sabe que não tenho tolos preconceitos de classe. Terá o senhor João repugnancia em me ter por genro!

— Por Deus! não se trata disso! Sabe que muito o estimo, que muito o admiro... mas trata-se da sua familia... Pois o senhor Paulo não vê que os seus terão para si outras aspirações?

— A principal e unica aspiração de um pae ou de uma mãe deve ser a felicidade do seu filho e desde que eu assegure aos meus que toda a minha felicidade depende deste casamento, elles annuirão...

— Não me parece — atalhou o tio João. — Emfim... eu é que não posso dizer a um homem leal e bom que me pede a mão de minha filha que não lh'a dou... não tenho esse direito... mas tenho o dever de lhe dizer que lhe restituo a sua palavra se os seus paes se oppuzerem a este casamento. E agora, dê-me a sua mão, que a quero apertar com toda a amizade, com o coração de um bom e leal amigo que lhe entrega, cheio de confiança, tudo o que tem de mais caro na vida...

E com a voz a tremer e as lagrimas a banhar-lhe a face honesta, apertou fortemente Paulo, que, commovido, lhe estendêra os braços. Rosa chorava e, baixinho, dizia:

— Obrigada, Paulo! Obrigada!

Felizes e já alegres, os tres regressaram a casa e naquella noite não se pensou em lição. Paulo, o lavrador e Rosa falaram todo o serão nos projectos da sua vida futura.

CAPITULO XIV

Paulo desejava occultar dos paes os seus projectos de casamento até ás férias grandes. Nesta epocha iria a casa e prepará-los-hia pouco a pouco para lhes communicar as suas intenções.

Rosa e o pae concordaram. E assim ficou combinado guardarem segredo absoluto do seu noivado.

Os dias iam-lhes correndo num deslizar doce de idylio, numa atmosphera de encanto amoroso, num mixto delicioso de emoções e de sensações, de vibrações intellectuaes e physicas. Tadavia, Paulo sentia, quando livre da influencia poderosa de Rosa, ligeiras vacillações, vagos arrependimentos de se haver tão bruscamente envolvido naquelle romance amoroso de tão graves consequencias para o seu futuro. Amá-la-hia elle sempre? Não se arrependeria mais tarde de haver ligado a sua vida indissoluvelmente a uma rapariga de tão baixa esphera? E depois, como teria elle força para sustentar uma lucta para vencer a vontade dos paes? Como poderia elle ter coragem para contrariar aquella vontade, neces-

sariamente adversa a um casamento tão desegual? E então um desejo lhe vinha de que um acontecimento extranho á sua vontade o impossibilitasse de ir a férias naquelle anno, levando-o assim a addiar aquella lucta que ella previa ser certa e fatal, aquella displacente discussão que antevia travar-se entre elle e os paes.

Mas estas considerações, estes raciocinios de sua razão eram logo suffocados, abafados, quando em presença de Rosa sentia a influencia prestigiosa da sua belleza, quando as emanações fortemente sensuaes que della irradiavam lhe accendiam desejos intensos de posse, lhe faziam vibrar os nervos em dulcissimas sensações que a sua imaginação fecunda e a sua intellectualidade poderosa celeres transformavam em emoções duma sentimentalidade elevada e nobre. Via então tudo illuminado por uma luz de radiante optimismo. A vida ser-lhe-hia uma gloriosa senda aberta pela sua energia, que derrubaria preconceitos, avassalaria prejuizos de origem e de classe, ao amor fecundo, ao amor, soberana emanação da natureza potente que germina a vida dos seres nobres e fortes, que sanifica o ambiente moral da existencia, como o sol fecundante o ambiente physico, que se multiplica e reprodnz numa escala ascendente de belleza, de força physica e força moral. E era este amor espontaneo, este instincto natural e nobre que o impellia para aquella rapariga sadia e forte e era este o verdadeiro amor não sophismado pelas convenções artificiaes e fraudulentas

de toda a vida social. O que nelle lhe aconselhava prudencia, as hesitações que sentia, eram reminiscencias atavicas duma educação artificial, luctando com os nobres impulsos do instincto innato, da nobreza ingenita da natureza sempre pura na sua primitiva origem. E logo recuperava novo enthusiasmo amoroso e dispunha-se a não addiar a declaração do seu casamento. Naquellas férias havia de obter o consentimento dos paes e, pelo decorrer do novo anno, casariam. E de novo lhe vinham ao espirito aquelles nobres projectos de se dedicar ao magisterio, com Rosa, exercendo-o os dois, num duplo apostolado. Iniciaria assim a vida num energico rompimento com o corruptor convencionalismo de uma sociedade decadente... Era a verdadeira revolução a fazer em Portugal... A revolução dos costumes, a fecundação da vida nova pela condemnação prática da vida antiga, dos velhos preconceitos. Transformem-se os costumes e então será facil transformar as leis... E porque assim pensava, não tinha ainda entrado na propaganda activa do partido republicano. Todavia... duma condição dependia o elle conservar-se extranho a essa propaganda: — o não ser assignado o tratado imposto pela Inglaterra — se o fosse — assim o havia promettido! — enfileiraria immediatamente na cohorte daquelles que preconisam a mudança immediata das instituições como necessaria á salvação da patria.

CAPITULO XV

Os inconfessados desejos de Paulo de que lhe surgisse um pretexto, um obstaculo involuntario á sua ida á casa paterna nas férias grandes, realisaram-se.

Paulo ficou reprovado naquelle anno. As suas criticas aos processos de ensino universitario, as suas intimas relações com os elementos republicanos mais em evidencia em Coimbra, trouxeram-lhe a animadversão dos lentes. Daqui o terem-no conduzido por um interrogatorio minuciosamente estreito e mesquinho a uma reprovação apparentemente justa. Paulo era um espirito generalisador e fundamentalmente adverso á fixação de minucias e detalhes que inutilmente sobrecarregam a memoria. Sujeito, pois, a acto de datas, citações e definições, devia natural e logicamente estender-se.

Todavia, se bem que lhe fosse desagradavel esta reprovação, no seu intimo ella encontrou uma ampla compensação no facto de lhe servir de pretexto para não ir naquelle anno a férias, addiando assim o dar a conhecer aos paes as suas idéas de casar com Rosa.

Assim, allegou aos paes ser-lhe muito desagradavel ir á sua terra natal num anno em que havia

tido um tão grande insuccesso nos seus estudos e a Rosa e ao lavrador a inopportunidade para solicitar daquelles o consentimento para casar com Rosa, porque elles iriam certamente attribuir aos seus amores a causa da sua reprovação.

Estava, pois, Paulo em Coimbra quando no mez de agosto os jornaes annunciaram que o governo assignára o tratado imposto pela Inglaterra.

Paulo, até esta data, mantivera sempre a esperança de que nem o governo nem o rei o assignariam, em face da opposição manifesta de toda a nação, e na coherencia dos seus principios evolucionistas, mantivera-se afastado da campanha que os seus correligionarios mantinham contra o regimen e contra o moço rei D. Carlos, que leviandades e imprudencias começavam a tornar antipathico á grande maioria da nação; mas a noticia de que o governo se dobrava servilmente ás imposições da Grã-Bretanha fê-lo lançar aberta e apaixonadamente no movimento revolucionario.

Era isto de resto o cumprimento da palavra que dera em casa do dr. Falcão de se fazer adepto da revolução no dia em que o governo esquecesse os brios da nação portugueza para só se lembrar dos interesses dynasticos da casa de Bragança,

Por todo o paiz, desde o sul ao norte, o clamor era geral e as representações e comicios de protesto succediam-se sem interrupção.

Paulo juntou a sua voz ao clamor geral e a sua palavra quente de romantico e de sincero demo-

crata teve echo nas assembléas revolucionarias. E quando, em 13 de novembro, a indignação academica chegava ao rubro, os *Debates* publicaram um ardente manifesto, appellando para a revolução, o seu nome figurava entre as 150 assignaturas que o subscreviam. Desta data em diante foi elle um dos mais ardentes propagandistas da revolução.

Esta lavrava por todo o paiz. O movimento inicial partia do Porto. Os jornaes revolucionarios — *A Patria, A Republica Portugueza, A Justiça* — haviam lançado nos espiritos a idéa da revolta. Cedo ella echoou nas guarnições da cidade. Espontaneamente, num inaudito arrojo, veiu alistar se no partido republicano, com o enthusiasmo proprio da juventude, a maioria dos officiaes inferiores daquella cidade. E por tal fórma incitaram o elemento civil á revolta, que Alves da Veiga se viu obrigado a partir, em outubro, para a provincia, a fim de começar a organisar os *comités* civis e militares que deviam secundar e apoiar o movimento do Porto.

Em Coimbra organisou-se immediatamente um *comité*. Paulo ficou fazendo parte delle. E desde logo os estudantes começaram, a occultas, a exercitar-se no manejo das armas.

Paulo vivia numa atmosphera de romance, onde o seu espirito navegava a pandas velas. Eram os doces idylios com Rosa, os serões passados a seu lado, num delicioso enlevo; eram depois, altas horas, as violentas emoções de conspirador, quando elle e os seus companheiros deslisavam nas sombras

mysteriosas das viellas tortuosas da Alta, desapparecendo furtivos nas escadas escuras de um velho predio, onde, em discursos patrioticos, vibrantes de enthusiasmo, proclamavam a sua fé no exito da revolução. E esta crença cada dia augmentava com as noticias que de toda a parte recebiam. Em quasi todo o paiz os regimentos adheriam. Do Porto escreviam:

«Contamos com os regimentos de Aveiro, de Santarem, de Castello Branco, Chaves, Villa Real, Braga, Penafiel, Bragança...» Era quasi todo o exercito. Era a republica sem luctas, sem uma gotta de sangue, era a apotheose da democracia pelo exercito do norte ao sul, uma marcha triumphal! E Paulo já via a Republica implantada e o paiz a prosperar ao abrigo duma legislação igualitaria, fratrenal e progressiva. E elle que imaginava a Republica um impossivel sem sangue, nem a guerra fratricida!

Como estava enganado! Por todo o mez de janeiro a revolução rebentaria e a Republica seria um facto... Seria então que, livre dos seus compromissos para com a Patria, cumpriria os que havia tomado para com Rosa e iria, no socego de um lar modelo, iniciar o caminho sereno de uma vida fecunda por um amor fecundo!

E assim, nestas idealidades, viveu até novembro daquelle anno historico de 1890.

Saltemos, pois, uns mezes e vamos surprehendê-lo em vesperas da malograda revolução.

E recomeçava-se um Portugal novo, serio, intelligente, forte e decente, estudando, pensando e fazendo civilisação como outr'ora.

(*Maias* — Eça de Queiroz).

CAPITULO XVI

Estamos em 30 de dezembro.

É noite. Na Estação Velha de Coimbra um grupo de academicos parece aguardar um comboio.

A estação está deserta e um ar cortante, de verdadeiro inverno, afasta da *gare* os proprios empregados, que no interior dormitam, nos bancos que ladeiam a pequena sala de espera.

Os estudantes, em numero de tres, conversam e podem considerar-se seguros de que não terão ouvidos indiscretos a surprehendê-los; todavia falam em voz muito baixa, lançando para os lados olhares investigadores.

Ouçamos o que dizem:

— É realmente para suscitar desconfianças a vinda deste emissario...

— Mas as suas credenciaes estão conformes...

— Embora! Bazilio Telles não foi isto que combinou comnosco...

— Julgo o tal emissario um agente de policia secreta e acho que foi medida de boa prudencia,

acertada, conservá-lo preso até sabermos o que ha de verdade nas suas affirmações.

— Ainda hoje, o mais tardar esta madrugada, terão vocês aqui o meu telegramma. Logo que chegue, procurarei os chefes.

Evidentemente dois destes rapazes eram estudantes; traziam capa e batina. O terceiro tambem o era, podemos affirmá-lo, embora estivesse vestido á futrica, porque o cunho academico transparecia nelle. Debalde o seu amplo varino e o seu chapeu mole, de abas largas, á lavradora, occultavam o academico. Á primeira vista notava-se, salientava-se nelle esse *não sei que* especial e inconfundivel que a convivencia muito intima imprime a todos os rapazes que frequentam a Universidade de Coimbra.

Os dois primeiros de que falamos vinham alli apenas acompanhar o ultimo.

Faziam com o viajante singular contraste.

Um teria 20 annos, o outro 25. Typos morenos, olhos vivos, tinham ambos o aspecto de individuos audazes, cheios de decisão, descobria-se em ambos o temperamento de luctadores, de individuos feitos para luctar por uma idéa, vencer ou morrer por ella, sem um desanimo. Ao passo que o terceiro, pelas suas attitudes, pelo seu todo, pela sua expressão contemplativa, revelava antes o temperamento do sonhador, a alma que acalenta nobres ideaes, mas que não possuirá a força de por elles sustentar uma lucta prolongada.

O mais velho dos tres falava agora para o que estava vestido á futrica:

— Fizeste mal, Paulo, em não me deixares ir em teu logar ao Porto. Sabes que não tenho familia e que nada me preoccupa o ser preso; já estou habituado a estas aventuras. Tu, é differente... tens paes e outras pessoas que se vão affligir se te virem mettido em qualquer processo...

— Não falemos mais nisso — retorquiu o interpellado. — Sabes perfeitamente que não me ficava bem acceitar a tua offerta, tendo sido designado pela sorte. Além disso, eu sou pouco conhecido e posso, portanto, passar mais facilmente despercebido.

— Bem, tem pelo monos cautela e não te compromettas inutilmente. Se a revolução fôr effectivamente por estes dias, ámanhã ou depois, manda o telegramma combinado, e se fôr possivel voltares, sem perigo, vem auxiliar-nos.

— Está descansado. Todavia creio que as informações do nosso detido são falsas. Como poderiam dar-se, em tão curto espaço de tempo, todas as ordens necessarias para que o movimento seja secundado em todo o paiz?

— Sim — accrescentou aquelle que até ali estivera calado — é uma precipitação... todavia o emissario que nos mandam fala num tal tom de segurança e de sinceridade que realmente, por vezes, penso que temos desconfianças injustas e que elle fala verdade quando nos diz: «A revolução foi an-

tecipada por imposição dos sargentos, que ameaçam sahir para a rua, separando-se do elemento civil, se até ao dia 31 não resolverem fazer a revolução.»

Paulo, cujo incognito já nos foi revelado por um destes interlocutores, interrogava agora:

— Mas, sendo assim, achas tu possivel fazermos aqui alguma coisa em tão pouco tempo, numa noite?

— Sabes que não temos perdido tempo — retorquiu o interrogado. — Ainda ha dias viste na reunião que tivemos, junto á Penitenciaria, que tudo está a postos. As secções e sub-secções teem todas trabalhado e estão aptas a manejar as *kropatscheck.* Estas ser-nos-hão fornecidas pelo regimento. Os sargentos estão comnosco e nós já fizemos uma excursão nocturna para estudar a topographia do quartel e do paiol. Tudo está, pois, a postos, mas o que necessitamos é não ser illudidos. Se houvesse a certeza deste emissario não ser um falso enviado, podiamos desde já começar a operar, mas como esta antecipação não está d'accordo com o que ha tempos combinamos, nada faremos sem receber o teu telegramma. Uma vez recebido este e confirmada a noticia, reuno todos os elementos e sahimos para a rua...

Nesta altura, um ruido de passos dentro da estação fez com que os estudantes suspendessem a conversação. Era um empregado. Os rapazes, elevando a voz, disseram a disfarçar:

— O comboio demora-se!

— Não tarda! Teve um atrazo de 15 minutos no Entroncamento — respondeu o empregado, e, parando, na attitude de quem escuta, accrescentou:

— Ahi chega elle!

Effectivamente, prestando attenção, ouvia-se um ruido longinquo. Os tres estudantes fitaram a linha, em espectativa.

Passados alguns segundos, surgiram, numa curva, dois pontos luminosos e parallelos galgando rapidos a distancia, correndo junto aos *rails*.

Em pouco tempo esses dois pontos avolumaram-se attingindo a fórma redonda de balões venezianos. Cedo a projecção intensa dos pharoes apercebeu-se nitida, atirando para a frente as sombras que envolviam a linha. Atraz delles via-se a massa escura do comboio, desenhando-se successivamente a fieira comprida dos wagons. Num momento a fila enorme das carruagens perpassou veloz ante os tres rapazes. Subitamente, quasi, os freios poderosos fizeram estacar os pesados carros e um ruido sêcco de ferros repercutiu-se da frente á cauda do comboio.

— Coimbra! Demora o comboio cinco minutos! — gritou o guarda, percorrendo a plataforma da estação.

Apressadamente alguns individuos sahiram das carruagens, abrindo com ruido as portinholas. Um individuo que pela figura parecia já velho sahiu da estação e, cozendo-se com a sombra, dirigiu-se apressadamente para uma carruagem de segunda

classe. Ao passar junto dos estudantes puxou mais a gola do seu varino para o rosto. Um momento Paulo fitou o vulto, parecendo-lhe reconhecer nelle o tio João, mas o velho já se sumira numa carruagem e Paulo capacitou-se de que havia sido uma illusão sua. Áquella hora o tio João já estava no melhor do seu somno... Depois nem elle sabia da sua ida ao Porto. Apenas a Rosa havia elle dito que ia ao Porto e ainda assim vagamente, sem entrar em pormenores do fim da sua viagem. Sim, certamente era outro! e como não tinha tempo a perder, pegou na pequena mala que deixára sobre um banco e abriu uma carruagem de primeira, para onde subiu. Collocou a mala na rêde e tornou a descer para a plataforma, ficando junto da portinhola a conversar com os seus companheiros. A conversa era agora banal. Trocavam-se as phrases habituaes duma despedida.

Um homem gritou:

— O comboio vae partir! Senhores passageiros, fazem favor de tomar os seus logares! O comboio vae partir!

Paulo abraçou os companheiros e de novo subiu para o comboio.

— Boa viagem! — gritaram os rapazes.

Vagarosamente o comboio começou a rodar. Depois augmentou de velocidade. A estação já desapparecia. Paulo que, no começo, ficára á portinhola, recolheu-se e estendeu-se num dos sofás, depois de haver trocado o seu chapeu por um *bonet*

de viagem. Envolveu-se cuidadosamente no seu amplo varino, numa prevenção contra o frio, e dispoz-se a dormir. Era-lhe, porém, impossivel. A imaginação excitada trabalhava, baralhando-lhe no cerebro as mais desencontradas idéas. Cedo abandonou o seu logar e começou a passear no estreito compartimento.

O que o agitava assim? Perpassavam-lhe na mente, numa febril visionação, todos os acontecimentos da sua vida de academico, desde as paginas mais intimas do seu coração, da evolução dos seus sentimentos e idéas até aos successos politicos e nacionaes que naquelle anno haviam agitado o paiz.

E' que são raros os espiritos que numa hora decisiva, na occasião em que tomam uma resolução suprema ou praticam um acto que póde ter sérias consequencias para o seu futuro, teem a força sufficiente sobre si, sobre o seu temperamento para afastar do pensamento o receio dum insuccesso, o medo ainda que vago duma derrocada de sonhos, de projectos e de ideaes que no passado acalentaram com o mais ardente enthusiasmo. Na incerteza de os alcançar, no vago receio de os vêr ruir, desfazer-se em temerarias illusões o que haviamos sonhado uma realidade facil, no momento em que nos abalançamos ao lance definitivo de os alcançar ou perder, a nossa alma evoca-os com a mais vehemente exaltação. E de mistura com essa evocação a nossa memoria reproduz-nos, com assombrosa nitidez todo o ambiente em que esses sonhos se

formaram. Surgem-nos pessoas e factos, quadros da vida, scenas e até paisagens, tudo tão colorido e real que a nossa imaginação nos faz viver, em pouco tempo, uma vida embora longa.

Era o que lhe estava succedendo.

A caminho do Porto, encarregado duma missão que o ia ligar a successos eminentes, cumplice quasi numa insurreição, numa revolta que, abortando, o podia atirar para o presidio ou nella deixar mais do que a liberdade, accudiam-lhe ao espirito toda a serie de acontecimentos, toda a ordem de factos que o haviam impellido a assumir um papel activo e importante no movimento revolucionario.

A evolução das suas idéas sociaes e politicas desenhava-se-lhe com todas as suas *étapes*, sempre acompanhada duma evolução paralela na sua sentimentalidade intima e affectiva. Temperamento, como temos visto, em que predominavam as emoções de ordem sentimental, toda a sua conducta fôra necessariamente filha mais de factores affectivos do que de um impulso forte da razão.

E agora, naquella preoccupação do seu espirito, toda a sua vida intima lhe apparecia. Recordava os seus sonhos de rapaz, as aspirações amorosas da sua alma, o seu romance d'amor com uma modesta filha do povo, as idéas democraticas em que aquelle facto o lançou, a principio no campo theorico da especulação philosophica, depois, mercê dos acontecimentos, no campo activo da propaganda, até chegar á apologia da revolução.

Tudo isto lhe atravessava o espirito numa quasi impessoal evocação, como se fosse o enredo de um romance ha tempos lido e cujas scenas a mente agora febril reproduzisse fielmente.

CAPITULO XVII

Aqui temos o nosso heroe a caminho da Revolução; aqui o temos como um enviado do *comité* revolucionario academico, a fim de se informar da veracidade da missão daquelle emissario que na vespera chegára a Coimbra, annuciando que a revolução se faria a 31, de madrugada.

E agora lá seguia elle, correndo rapido para a *cidade invicta.*

Seria meia noite quando o comboio entrou na estação de Campanhã. Paulo acordou do seu fundo cogitar e, moderando a agitação em que vinha, tirou da rêde a sua pequena mala, arrumou dentro della o seu *bonet* de viagem, poz o seu chapeu e dispoz-se a sahir, logo que o comboio parasse.

Este, ralentando a marcha pouco a pouco, parou afinal sob a *marquise* da estação.

Paulo abriu a portinhola e desceu. Atravessou o edificio e, chegando ao limiar duma das suas sahidas para o largo fronteiro, chamou um carro que ali estacionava e disse para o cocheiro a direcção do hotel. Alguem que atraz delle seguia, vindo no

mesmo comboio, parou ao ouvir a direcção do hotel e tomou rapidamente uma nota a lapis. Era o mesmo velho que em Coimbra chamára por momentos a attenção de Paulo. Este, porém, desta vez não o vira e seguira para o seu hotel ao trote vagaroso do cavallo magro. O rodar do vehiculo era o unico ruido que quebrava o silencio que envolvia a cidade, sobre a qual pairava um nevoeiro denso e cahia uma chuva mansa e miudinha. Passada meia hora chegou ao hotel. Despediu o carro. Subiu e deixando no quarto que tomou a pequena mala, sahiu immediatamente. Sem perder tempo e sem se preoccupar com a chuva que começava a cahir impertinente, dirigiu-se á rua de Santa Catharina, onde lhe haviam dito que poderia encontrar os chefes do movimento revolucionario. Bateu na casa que lhe haviam indicado. Um criado abriu-lhe a porta e Paulo, sem esperar que o interrogassem, preguntou:

— O dr. F... Diga-lhe que venho de Coimbra — e deu-lhe um cartão.

Dali a momentos o criado voltava e dizia:

— Faça V. Ex.ª o favor de me seguir.

Paulo foi introduzido numa pequena sala e esperou alguns momentos. Numa sala contigua sentiu vozes acaloradas, discutindo. Esperou uns segundos. Um homem ainda novo, de lunetas, de expressão intelligente, assomou á porta que dava para a sala onde Paulo ouvia discutir e disse-lhe:

— Seja bemvindo, meu caro correligionario.

Traz-me noticias de Coimbra? — e estendia-lhe a mão num ar cordeal. Paulo retorquiu:

— Pelo contrario, venho buscar noticias. E logo:

— E' então verdade que a revolução rebenta esta noite?

— Infelizmente assim é — retorquiu, e, com anciedade:

— Os senhores não podem secundar o movimento?

— O tempo não é muito, mas ainda se poderá fazer alguma coisa. Nós é que duvidámos da sinceridade das palavras do seu enviado... como tinhamos combinado ha tempos coisa diversa, pensámos que o seu emissario era falso, que era um espião e temo-lo preso.

— Diabo! E agora? O que fazer? — interrogou o interlocutor de Paulo.

— Eu parto no primeiro comboio, ás duas horas, e ainda teremos tempo de fazer alguma coisa, de secundar o movimento — respondeu Paulo.

— Póde partir se quizer, Paulo, mas o comité revolucionario deve a estas horas ter recebido uma carta minha que lhe enviei hoje no comboio que comsigo se cruzou por um novo emissario — disse alguem que do interior da sala ouvira a conversa. Paulo e o seu interlocutor, ao ouvirem isto, avançaram para o interior e Paulo reconheceu em quem lhe falava um dos chefes da Revolução.

Em volta duma larga mesa estavam reunidas, talvez, umas quarenta pessoas. Paulo reconheceu

entre ellas alguns militares, apesar de estarem vestidos á paisana.

Os seus introductores apresentaram Paulo:

— Meus senhores! um nosso correligionario que nos traz noticias de Coimbra. E para Paulo:

— Diga-nos alguma coisa do que tencionam fazer lá.

— O comité está a postos. Logo que haja a certeza de que a revolução se fez aqui, isto é, logo que haja sido recebido o telegramma daqui com a fórmula combinada, dez ou doze estudantes dirigir-se-hão ao quartel, pelo lado do cemiterio, para receber munições e armas. Depois dessas armas e munições serem recebidas pelos academicos, estes, equipados, atravessarão a cidade, indo ao quartel fazer uma ruidcsa manifestação ao regimento. O patriotico appello dos estudantes e o apoio dos sargentos fará pôr as tropas na rua para proclamarem a republica. E nestas condições temos toda a esperança de que a revolução em Coimbra deve ser apenas uma marcha triumphal através da cidade, ao som patriotico da *Portuguesa*.

— E o dr. Falcão? O que diz elle?

— O dr. põe o seu esforço, a sua intelligencia e popularidade ao serviço da republica, mas, todavia, acha precipitação na revolta...

— Talvez tenha razão... porém agora é tarde para recuar...

Um ar de desalento, um aspecto sombrio, como que a antevisão dum desastre invadiu, por momen-

tos, a physionomia dos circumstantes. Mas a derivar, reagindo contra aquella inopportuna tendencia de desanimo, um homem de longa pêra preta, numa voz forte, observou:

— Então em que ficamos? O que dizia ha pouco o general?

Paulo olhou o interpelado. Era um homem de ampla testa, um pouco calvo, bigode aparado, cahindo direito sobre os labios, aspecto reflectido.

O general respondeu:

— Dizia que as tropas se deviam reunir na Praça da Batalha, porque assim ficaremos de posse do quartel general, do governo civil e do telegrapho...

Um homem ainda novo, de nariz aquilino, fronte ampla, bigode longo e fino, de olhos brilhantes, cheios de energia, interrompeu o general:

— E eu entendo que as tropas se devem concentrar no campo de Santo Ovidio...

— Voto no seu plano, capitão, declarou aquelle que primeiro interrogou o general.

— Bem, volveu o general, concordo com os senhores para não perdermos mais tempo... concordo, embora esteja convencido de que o meu plano era superior ao que adoptam...

— Mas general — observou o capitão — olhe que a concentração das tropas em Santo Ovidio facilita-nos a adhesão do 18.

— Bem, não falemos mais nisso.

— O general tomará o commando das tropas. Fica resolvido, não é assim?

— Fica resolvido — disseram todos. E levantaram-se, dispostos a sahir.

Paulo agora interrogava:

— Quem se encarrega de expedir o telegramma para Coimbra?

— Quem? — monologou um dos chefes, e interrogou:

— O meu amigo sempre parte immediatamente para Coimbra?

— Tencionava partir para levar informações ao *comité*, mas visto que o seu novo enviado terá a estas horas esclarecido tudo, posso ficar e encarrego-me de enviar o telegramma...

— Optimo! — approvaram os circumstantes. E a reunião dissolveu-se.

Paulo sentia que naquelles homens que dali a horas iam arriscar a sua vida, não havia a fé no bom exito da sua empreza, antes pareciam antecipadamente succumbidos na previsão dum desastre.

E o mesmo sentimento de desanimo o invadiu.

Mergulhado numa triste meditação, caminhou para o hotel. Atravessou a cidade adormecida e parecia-lhe impossivel que dali a poucas horas um tal quietismo fosse perturbado por uma revolução. Nada parecia indicá-lo. Tudo numa tranquillidade absoluta. Todos dormiam o somno tranquillo da vida normal! Na vespera duma revolução tão annunciada — pensava Paulo — devia pairar na cidade essa intranquillidade instinctiva que precede os grandes

movimentos sociaes, esse desasocego que, sem se saber como, invade as populações, e que é como a aragem fria que precede as grandes tempestades.

Silencio absoluto! Nem ao menos uma patrulha fazia ouvir o seu passo cadenciado e somnolento nas ruas molhadas e luzidias pelo orvalho contínuo que cahia!

CAPITULO XVIII

Paulo, na janella do seu quarto, esperava, numa agitação comprehensivel, a hora da Revolução. Horas decorreram. Nada se ouvia. Elle já se interrogava desanimado:

— Á ultima hora teriam surgido difficuldades, obstaculos que tivessem abortado aquella patriotica iniciativa logo ao nascer?

A sua agitação augmentava. Subitamente, no silencio da noite, um clarim soou. O seu som sonoro e metallico repercutiu-se em vibrações agudas por sobre a cidade silenciosa, fazendo agitar o coração de Paulo.

— Bem, soou a hora! — monologou elle.

E de novo, attento, auscultou a sombra. O clarim cessára e um silencio invadia tudo!

— Seria engano? Não!

Um sussurro longinquo, confuso, ainda indistincto, começou a ouvir-se. Prestou-lhe, numa anciedade, a sua attenção interrogadora. Não havia duvida... Era o som cavo e soturno da tropa que marcha. E então Paulo precipitou-se para o interior do seu quarto, abriu a sua mala, tirou della um

rewolver que prendeu á cintura, numa correia, pôz o seu chapeu e desceu para a rua. A correr atravessou a cidade, dirigindo-se ao campo de Santo Ovidio.

Algumas cabeças inquietas assomavam ás janellas. Paulo corria sempre. Alguns populares começavam a apparecer nas ruas. Um interrogou Paulo:

— Que temos?

— A revolução. Quem ama a republica, que me siga!—accrescentou.

—Viva a republica! — gritaram os populares, e ao lado delle começaram a correr tambem.

— Ó cidadão! para onde vamos nós? — perguntaram.

— Para Santo Ovidio.

De varias ruas desembocavam grupos numerosos. Paulo e os companheiros gritavam-lhes:

— Viva a republica! Vamos para Santo Ovidio!

E a turba respondeu, seguindo-os:

— Abaixo a monarchia! Viva a Patria!

E em pouco uma multidão enorme seguia Paulo, numa avalanche, acordando a cidade com os seus gritos subversivos.

Ao dobrar a rua do Almada já as tropas sublevadas desciam, marchando triumphalmente ao som patriotico da *Portuguesa*, acariciadas pelos vivas animadores da multidão numa apotheose antecipada do seu patriotico heroismo. No ar lavado, fresco, da manhã que rompia prognosticando um dia glorioso, estrugiam as palmas, agitavam-se brancos

nços, saudando as tropas como se já fossem heroes triumphadores. E a cada passo a multidão engrossava. Difficilmente a tropa marchava. Com os corações repletos de enthusiasmo, expandindo-se-lhes os rostos por sorrisos de triumpho, os revoltosos chegaram á Praça de D. Pedro. Aqui novas e ruidosas saudações os acolheram. Os vivas exaltados, o acenar de lenços, o estalar das palmas, repetiam-se sem cessar. De repente tudo emudece. Da varanda da Camara Municipal alguem vae falar. Paulo procura approximar-se, mas é-lhe impossivel consegui-lo, tal é a agglomeração. Difficilmente percebe que falam. O sussurro portentoso da multidão, embora silenciosa, abafa as vozes dos oradores. Novamente rebentam as ovações e os nomes dos membros do Governo Provisorio são delirantemente acclamados. Mas outra vez o povo emudece e agora completamente. Paulo procura a causa deste novo silencio e vê arriar vagarosamente a bandeira azul e branca e subir a bandeira vermelha dos revoltosos.

Era tal este silencio que dir-se-hia que a multidão, na intensidade da commoção, se tornára subitamente aphonica. Mas então ouviu-se distinctamente a voz tremula dum velho dizer numa censura:

— Sou republicano, mas não posso vêr sem lagrimas arriar para sempre aquella nossa linda bandeira azul e branca! Nunca pensei sentir ao vêr um trapo uma coisa assim! Pois não seria melhor

conservá-la sem a corôa? Era a mais linda bandeira do mundo!...

Paulo, ao ouvir esta voz, julgou reconhecer a do tio João. E numa surpreza procurou approximar-se de quem falára. A custo fez uns passos por entre a multidão compacta e a dois metros de distancia viu o lavrador, que enxugava ainda uma lagrima rebelde que se lhe soltára pela face enrugada.

— O senhor João aqui! — exclamou numa surpreza.

— Desde hontem que o sigo, meu caro amigo.

— Que me segue?!

— Sim. Rosa disse-me que vinha ao Porto. Desconfiei da coisa e vae eu disse-lhe:

— Rapariga, isso é coisa. Eu vou acompanhá-lo, que os amigos são para as occasiões, e cá estou!

— Que imprudencia! — disse Paulo, abraçando commovido o velho.

Emquanto este dialogo se trocava, a multidão rompêra outra vez em estridulas ovações, saudando a bandeira vermelha que, numa ondulação rubra, sanguinea, se agitava á brisa fresca da manhã, ao som patriotico da *Portuguesa* e ao sêcco tinir das espingardas, batendo nas mãos rudes dos soldados na continencia do estilo.

Paulo lembrou-se então de que era tempo de mandar o telegramma para Coimbra. A revolução no Porto estava feita, a republica proclamada. Nada mais havia a fazer do que repercutir o grande acon-

tecimento do norte ao sul do paiz. O telegrapho devia estar já nas mãos dos revoltosos, era aproveitál-o.

Voltou-se, pois para o tio João e disse-lhe:

— Acompanha-me ao correio? Vou para expedir o telegramma para Coimbra, para o *comité.* Além disso, tambem desejo mandar um telegramma a Rosa. Vamos?

— Vamos. É boa idéa mandar o telegramma a Rosa, que deve estar afflicta. E ao dr. Falcão? Não felicitamos o grande homem, senhor Paulo?

— Ainda é cedo para felicitações...

— O que! pois isto já não está feito?!

— E o sul? É quasi certo que o movimento é geral, mas nestas coisas até ao lavar dos cestos é vindima...

E os dois seguiram por entre a multidão, tão rapidamente quanto lhes era permittido naquella excessiva agglomeração.

Ao chegarem ao fim da Praça de D. Pedro, olharam para a rua de Santo Antonio e viram ao cimo, junto á igreja de Santo Ildefonso, uma força da guarda municipal.

— Com que fim estaria ali aquella força? — interrogaram-se.

Certamente não seria com espirito hostil... certamente que não... Se a guarda municipal fosse contra a republica, já o teria demonstrado no Campo de Santo Ovidio... Além disso, sabia-se existir nella muitos elementos republicanos, offi-

ciaes mesmo... Nada, pois, fazia recear uma lucta fratricida. O nobre exercito portugues não impediria o resgate da patria, o acto nobre que ia emfim libertar Portugal das oligarchias oppressoras da liberdade e da verdadeira vida nacional. Taes eram as reflexões que os dois faziam, um momento parados, olhando a rua de Santo Antonio. Mas o passo cadenciado das tropas, os sons fortes das bandas militares e o vozear mais forte da multidão na Praça, interromperam estas considerações. Olharam e viram que as tropas ali estacionadas começavam a movimentar-se. Sahiam da Praça e em attitude pacifica seguiram para a rua de Santo Antonio, com a guarda fiscal á frente. Um movimento de curiosidade levou Paulo e o tio João a acompanhar por momentos as tropas. O que iriam fazer? Parlamentar com a guarda municipal? Certamente... Subitamente, a uma voz de commando, a guarda municipal apontou as armas e uma dascarga passou-lhes sobre a cabeça. Gritos de dôr, de susto, de raiva, de surpreza eccoaram na rua pejada de povo e tropas. A guarda fiscal recuou desordenada e com ella toda a columna. O povo, tomado de panico, acabou de desmanchar as fileiras da tropa revoltosa. Todavia, embora fragmentada em pequenos grupos, continuava a sustentar um fogo nutrido. Os cadaveres juncavam já o chão. Paulo, nestes primeiros momentos, ficou immobilisado. Contemplava attonito a rua devastada pelas descargas. Uma bala, porém, fez tombar ao seu lado, ferido mortalmente, o tio

João. O pobre velho cahiu-lhe aos pés sem um gemido. Paulo, então, como allucinado, olhou á procura duma arma. O cadaver dum soldado jazia proximo, tendo ao lado uma espingarda e a cartucheira ainda bem fornecida. Lunçou mão á espingarda e aos cartuchos e num impeto começou a combater com o furor de quem vinga a morte de um velho amigo. Meia hora combateu sem descanso, numa allucinação, procurando as munições nos cinturões dos soldados mortos que a seu lado cahiam. Mortos ou feridos? Elle não o saberia dizer... Cada vez em maior numero, os cadaveres juncavam a rua. Os combatentes iam rareando e a guarda municipal avançava sempre. Elle num movimento automatico carregava e descarregava a espingarda.

— Á Camara Municipal! — gritou ao seu lado um sargento, recuando e fazendo fogo simultaneamente.

Este brado foi repetido por varios combatentes e um pequeno grupo começou a recuar, unindo e aggregando na sua marcha de recúo os ultimos combatentes dispersos. Uns cento e cincoenta soldados attingiram com Paulo a Praça de D. Pedro e uma vez aqui dirigiram-se para a Camara, onde fizeram o seu ultimo reducto. Ao penetrarem no edificio, o sargento que tomára o commando ordenou:

— Barriquem a porta!

E mesas, bancos, armarios, portas arrancadas, tudo foi arrastado para barricar a grossa porta.

Concluido este trabalho de fortificação, subiram ao primeiro andar e começarem o fogo desesperado de quem arrisca os ultimos cartuchos.

Apenas haviam decorrido alguns minutos quando os combatentes sentiram o troar forte da artilharia.

— A artilharia da Serra do Pilar! — exclamou o sargento.

— Está tudo perdido! — disse Paulo.

— Talvez não, camarada — retorquiu o sargento. — A artilharia tem apenas trinta e oito tiros e se conseguirmos que ella os gaste sem nos arrombar a porta, ainda nos não renderemos assim...

Mal acabava de proferir estas palavras um enorme estrondo abalou todo o edificio. O sargento, ouvindo-o, lançou para o lado a espingarda e olhando para os camaradas esclareceu:

— Um tiro despedaçou-nos a porta; agora é safar, rapazes!

Os soldados não esperaram por mais nada e immediatamente se espalharam pelo edificio, procurando uma sahida:

Paulo, porém, não fugiu. O sargento olhou-o.

— Não se escapa, camarada? — interrogou.

— Para que? — E Paulo encolhia os hombros. — Não conheço o edificio e antes de encontrar uma sahida serei preso...

— Venha commigo. Eu o guiarei. — E sem esperar resposta, puxou-o por um braço e caminhou para o interior do edificio. Desceu uma escada,

atravessou um corredor estreito e escuro, penetrou numa pequena sala e, abrindo uma janella, disse a Paulo:

— Agora salte e siga-me.

Saltaram ambos. E numa corrida atravessaram a rua, introduzindo-se numa casa proxima.

O sargento disse a Paulo:

— Estamos na casa dum amigo.

Do interior uma voz perguntou:

— És tu, Abilio?

— Sim, sou eu e um camarada. Pódes dar-nos refugio?

— Entrem, entrem! — disse a voz.

Entraram, mas mal o tinham feito, ouviram na escada passos precipitados de quem sobe em tropel.

— A municipal! — exclamou o proprietario, cheio de terror. — Que fezer?

— Esconder este camarada e entregar-me — disse o sargento.

— Não! — disse Paulo — ou nos salvamos ambos ou nos entregamos!

— Não diga tolices! A sua prisão nenhum beneficio me faz. Nós já não podemos fugir e eu, entregando-me, é possivel que a municipal deixe a casa sem mais indagações.

O proprietario hesitava, olhando Paulo, como que receando, temendo escondê-lo. Paulo, porém, fugindo ás mãos do sargento, que o queria introduzir no interior da casa, correu para a porta e, abrindo-a, disse:

— Aqui nos teem!

— Estamos desarmados! — disse o sargento com ironia, vendo que lhes apontavam as armas.

Paulo accrescentou:

— Não incommodem mais este senhor com buscas inuteis. Dou-lhes a minha palavra de honra de só nós aqui nos introduzimos e que para elle somos uns desconhecidos.

E disse isto com tanta nobreza que os soldados retiraram-se, levando-os presos, sem proceder a mais indagações.

CAPITULO XIX

Nesta altura da sua narração, o meu obsequioso informador disse-me:

— O conto já vae longo. Vou, pois, summariar os acontecimentos. — E continuou:

— Rosa foi viver outra vez para casa do seu padrinho. A sua desolação, ao saber da morte do pae e da prisão do noivo, foi profunda e sincera. Seria, porém, duradoura? Veremos...

Paulo foi conduzido para bordo do *Moçambique*, paquete fretado pelo governo para nelle encerrar os revoltosos civis e installar o tribunal militar destinado a julgá-los.

Paulo foi condemnado a 6 annos de degredo.

Da Africa conseguiu, todavia, fugir, passados mezes. Foi então um exilado. Narrar as suas impressões durante esses longos annos de ausencia seria tarefa demasiadamente longa e que nos daria assumpto para um volume. Soffreu muito? Talvez... talvez não... talvez mesmo o seu soffrimento lhe fosse fonte de inestimaveis gosos intellectuaes, de secretos motivos de orgulho e de vaidade... Quem sabe?

A natureza romantica de Paulo, o ser um sacrificado, um amoroso que aos seus intimos sonhos de vida tranquilla antepoz o bem estar da patria, sacrificando-lhe familia e futuro, devia causar-lhe um tal orgulho de elevação moral que elle, sob a apparencia dum grande soffrimento, fosse mais feliz do que se todas as suas ambições fossem realidades.

Todavia, na sua exteriorisação, aquella alma soffreu as mais amargas desillusões. Desillusões nos seus sonhos de patriota, nas suas crenças sobre a sinceridade dos homens, desillusões nos seus sonhos de amor.

Das primeiras fala-nos a seguinte carta que elle nos escreveu do exilio:

«... Peor do que a prisão, do que o exilio, do que a nostalgia dolorosa da patria, dos amigos, da familia, de todos os seres a quem me ligam laços d'amor, é vêr perder para sempre a confiança nos homens, sentir a humanidade egoista, hypocrita e corrupta. Sim, amigo, tem-me sido duma amargura infinita vêr que tudo era illusão minha ao acreditar na pureza dos ideaes de muitos dos nossos correligionarios. Aquelles que mais exaltados prégavam a sinceridade da sua fé, vejo-os agora correr a enfileirar-se nos partidos monarchicos, renegando o seu passado. A vida seria para mim cheia de tedio se não alimentasse ainda uma esperança de felicidade pelo amor.»

Mas esta illusão ia desfazer-se em breve. Elle sentia este presentimento quando me escrevia mais tarde:

«... Para ella vivo. A ausencia, a saudade, o isolamento, a descrença na politica, teem feito augmentar a intensidade do meu affecto por aquella rapariga. E daqui me vem ás vezes um immenso receio de perder esta ultima esperança de felicidade. Qualquer demora na sua correspondencia abala-me, inquieta-me... Neste momento mesmo recordo vagas phrases das tuas cartas que ao meu espirito me apparecem agora como prevenções... e conjugando aquellas phrases com o laconismo das ultimas cartas della e a demora que tem tido em me responder á ultima que lhe escrevi, esse receio invade-me, empolga-me e mergulha-me numa desolação infinita....»

Os receios, as desconfianças a que esta carta alludia tinham razão de ser. Rosa era uma natureza vulgar, uma rapariga do povo que uma meia educação só servira para lhe dispertar ambições, o desejo de sahir, pelo casamento, da classe em que nascera. O amor de Paulo, ou antes, a sua imaginação era que ornava aquella natureza vulgar de attributos raros, de qualidades privilegiadas que della faziam uma Margarida das *Pupillas,* de Julio Diniz.

Numa natureza vulgar, como Rosa, o amor não

podia assumir outro aspecto senão o desejo de casar, para a satisfação dos seus naturaes instinctos de mulher e dos seus sonhos de ambição. Paulo satisfazia estas duas condições, mas o seu affecto não poderia resistir ás solicitações de outro amor que lhe offerecesse as mesmas garantias e em mais curto espaço. O casamento com Paulo estava protrahido por seis annos. Quem saberia o que succederia em tão largo periodo? Rosa foi pouco a pouco sentindo amortecer o seu antigo amor e passados dois annos disséram-me que ella acceitára a côrte dum estudante de medicina, filho de um rico lavrador do Minho. Depois constou-me que ella era a sua amante. Comecei então a preparar Paulo para esta desillusão. Quando recebi a ultima carta de Paulo, a que me referi já, ella tinha abandonado a casa do padrinho e vivia ha mezes com o novo amante. Resolvi-me então a dar-lhe o golpe definitivo naquelle romantico coração e escrevi-lhe com a brutalidade de quem descrê de paliativos em doenças graves:

«Meu caro — A tua linda Rosa está prestes a realisar o seu desejado sonho: — ser esposa de um doutor. Tu demoras-te demais e ella teve medo que lhe fugisses... Deitou, pois, as suas vistas para o teu amigo F... e, depois de ser sua amante clandestina, está agora vivendo com elle e prestes, segundo dizem, a dar-lhe um filho que elle, diz-se tambem, pensa em legitimar pelo casamento. Fazem

ambos um bom casamento. Ambos filhos de lavradores, as suas aspirações casam-se, como as suas condições. Ambos nutriram, durante annos, a mesma ambição: — sahir da classe em que nasceram e entrar na burguezia, que os fascina.

«É mais uma lição que recebes. És um poeta que teimas em fazer da vida um poema ideal.»

A esta carta respondeu-me elle com o seguinte bilhete:

«Agradeço-te as suas informações. Parto para uma longa viagem. Necessito adormecer o coração com a mudança continua de sensações e de logares. Não te escreverei tão cedo; só o farei quando me sentir curado deste romantismo ridiculo.»

Decorreram quatro annos. Uma amnistia foi concedida e Paulo pôde voltar para aqui. Diz-se completamente curado do seu romantismo e que é feliz. Será elle feliz?... Talvez... romantico sê-lo-á sempre.

FIM

O VELHO DAS LONGAS BARBAS BRANCAS

O VELHO DAS LONGAS BARBAS BRANCAS

Sahira ao acaso da aldeia e ao acaso me dirigira atravez dos campos. Distrahindo-me, tomei por um atalho que os carros haviam aberto e segui por elle, sempre alheio a tudo o que me rodeava. Sem saber como, achei-me no cume de um monte, naquelle monte por onde se dizia que vagueava o doido das longas barbas brancas, de faces maceradas, de olhar tão melancholico que não havia quem, ao vêl-o, se não quedasse triste...

Do ponto onde havia subido, a vista espraiava-se livremente por um vasto horizonte, e sentidos e alma extasiavam-se na contemplação da admiravel tela, singelamente grande na riqueza vigorosa dos seus traços e prodigalidade dos seus tons.

Uma longa planicie se estendia a meus pés, cheia de verdura, cortada pelo riosito que, doirado pelo sol poente, corria manso e manso por entre alas de choupos. Ao longe, muito ao longe, via-se

o mar cingindo a costa como uma longa fita branca; o seu ruido sonoro e quebrado pela distancia chegava-me aos ouvidos como um cantico de romeiros ao longe...

Bandos de raparigas, cheias de mocidade e de esperanças, regressavam do trabalho descuidadas e alegres, cantando canções d'amor, e as suas vozes d'um timbre ainda infantil, frescas e argentinas, repercutiam-se ao longo dos campos, juntando mais uma nota de alegria e vida á deliciosa paisagem.

Os mil ruidos dos campos ao entardecer, o doce murmurar do rio, por entre alas de choupos erectos e graves como espectros, o suave suspirar da brisa, o sussuro longinquo do mar, uniam-se ás vozes das camponezas, formando um concerto inconsciente e sublime, um delicioso hymno d'amor ao grande Artista da natureza.

Eu parava absorto e concentrado a contemplar este quadro.

Atravessava, então, essa primeira quadra da vida em que a contemplação da natureza nos desperta uma sensibilibade tão delicada e excessiva que toda a nossa alma parece estalar numa anciedade e aspiração para o Infinito, em que todo o nosso espirito se levanta num voejar doido para o Ideal, na ascensão prodigiosa duma mocidade sonhadora, não manchada pelo sôpro amargo das desillusões, querendo encontrar na realidade os sonhos doirados da nossa phantasia.

A vista deste espectaculo, a hora cheia de poe-

sia, os perfumes das plantas agrestes, que eu aspirava a longos haustos, parece que me haviam electrizado e me faziam lançar no mundo da imaginação.

Scenas duma vida calma e feliz, toda de amor, sem perturbações, sem ambição, num manso deslizar de dias, longe e esquecido do bulicio do mundo, succediam-se a sonhos de gloria, de ambição, de celebridade... e tudo isto me perpassava pela mente exaltada numa como visão de kaleidoscopo.

Subitamente, uma voz sonora e triste me veio despertar e trazer á realidade. Dizia assim:

— Ser feliz... ser feliz... nada desejar... nada ambicionar!...

Era o estribilho do doido das longas barbas brancas, de faces maceradas, de olhar tão melancholico que não havia quem, ao vêl-o, se não quedasse triste...

Passou com passos de somnambulo, com o olhar perdido e vago, mas a sua voz continuou a quebrar o silencio que aos bosques já descia... E eu fiquei-me a pensar naquelle doido tão singular e triste.

Tinha o quer que era de enygmatico, de incomprehensivel e grande aquelle doido de longas barbas brancas, de faces maceradas, de olhar tão melancholico que não havia quem, ao vêl-o, se não quedasse triste...

Que historia dolorosa encobria aquella loucura? Que dôr ou desengano revelariam aquellas palavras soltas e apparentemente sem nexo?

*

Talvez scenas duma nobre lucta obscura?... talvez uma grande alma despedaçada por uma desillusão?... talvez uma felicidade por muito tempo sonhada, reduzida ao pó, ao nada?...

Por quanto tempo fiquei eu neste scismar tão triste? Não sei...

A voz daquelle doido em que havia não sei o que de prophetico, de olhar tão vago e triste, as varias emoções daquella tarde, tudo me levou a uma extraordinaria excitação de espirito, a que se succedeu uma prostração de todo o meu ser, como consequencia de tão encontradas commoções, do cansaço e fadiga do passeio.

Sentei-me sobre a relva. Para o Oriente os cumes dos montes recortavam-se já debilmente nessa côr pallida do céu escassamente illuminado pelo agonizar dum sol moribundo; depois, pouco a pouco, a noite estendeu o seu manto de sombras, levemente pulverizadas de cinzas na planicie, de uma tonalidade intensamente carregada, escura, nos montes cobertos de pinhaes.

Nos echos dos campos repetia-se fracamente o cantico já longinquo das camponezas. A natureza ia recahindo por graus insensiveis no seu somno reparador... Como que havia na atmosphera qualquer fluido de natureza anesthesiante que me ia tambem, pouco a pouco, narcotizando. Por fim... adormeci e sonhei.

*

* *

Um vulto branco, de linhas vagamente desenhadas, apparecêra na sombra do bosque, avançando lentamente para mim. Dir-se-ia que antes pairava do que andava, tão de leve tocava o solo. Á luz da lua que se elevára serenamente pude então reconhecer e admirar o corpo ideal duma celestial mulher.

Vinha vestida de branco. O vestido tão leve e transparente, cingindo-se-lhe ao corpo, deixava-nos entrever toda a correcção e doçura de linhas dos seus contornos, o suave colorido da sua pelle, tão suave como o das petalas duma rosa ligeiramente corada.

Os cabellos loiros e brilhantes tinham esse reflexo que faz com que a fronte duma mulher nova e formosa pareça aureolada duma luz divina. Em ondas doiradas cahiam-lhe soltos, emoldurando-lhe suavemente a tez branca, tão branca como um lyrio branco.

Tinha no rosto a frescura duma madrugada, no olhar a suavidade duma aurora; mas, muitas vezes, esse olhar de tanta suavidade passava a uma expressão intraduzivel, misto de meiguice e de ironia; olhar que ora me attrahia irresistivelmente, fazendo-me entrever um mundo de promessas, ora me fazia recuar num como movimento de instinctivo receio.

Fitou-me e eu senti-me estremecer sob a influencia desse olhar, profundo como um mar e como

elle alternativamente meigo e irado, alegre e triste...

Quebrando em fim o torpor em que me lançara esse olhar, avancei para ella e perguntei ancioso:

— Quem és? Pertences tu a este mundo, ou és alguma dessas fadas que diz o povo vaguearem nas noites de luar? Quem és? Fala!

Ella então, sorrindo, respondeu-me:

— Eu sou aquella por quem os imperadores dariam os seus imperios, os reis as doiradas corôas, os sabios as sua sciencia, os heroes a almejada gloria, o millionario todo o oiro dos seus cofres...

— Mas quem és? — repliquei.

Ella, sem parecer ouvir a minha pergunta, continuou:

— És ambicioso?... Ambicionas riquezas? Dar-te-hei tanto ouro que verás a teus pés os homens rojarem-se servilmente, as mulheres mais formosas offerecem-te os seus labios... Ambicionas o poder? Collocarei na tua fronte um diadema... Gloria? Far-te-hei um heroe, verás as multidões applaudirem-te ebrias de enthusiasmo... Amor? Dar-te-hei uma noiva que porá na tua alma uma constante aurora, no teu coração uma constante primavera...

E, dizendo isto, embrenhou-se na floresta.

Seduzido, fascinado, pelo seu olhar, pela sua voz, pelas suas palavras, segui o seu vulto, em que havia o quer que era de intangivel, atravez das arvores. Subitamente perdi-a de vista, mas ouvia a sua voz que me dizia:

— Vem commigo... vem commigo!

Attrahido por aquella voz de sereia, caminhei, caminhei... Sahi da floresta; um deserto extenso e arido se offereceu a meus olhos; caminhava sempre, sempre; e, quando o cansaço começava a desanimar-me, ouvia a sua voz murmurar, num quasi suspiro:

— Vem commigo... vem commigo!

Cheguei, emfim, ao termo desse deserto e entrei num valle cheio de arvores, ameno e fresco; o corpo fatigado pedia-me repouso; deixei-me cahir prostrado e uma desolação infinita invadiu a minha alma... Olhei em roda. Proximo de mim branquejava um cemiterio...

Por quanto tempo caminhara eu naquelle deserto, extenso e arido, sempre atraz daquella voz enganadora? Os pés sangravam-me, o fato estava-me em pedaços, os cabellos começavam-me e branquejar... Uma infinita desolação, e uma saudade infinita do tempo passado me invadiram a alma... Então uma gargalhada ironica me chamou a attenção na direcção do cemiterio. Olhei. A enganadora mulher caminhava para mim e, antes que eu ti-

vesse tempo de proferir uma palavra, dirigiu-me estas :

— Louco, que assim tão cegamente te deixaste illudir! Julgavas tu acaso que te era dado desejar-me impunemente, que me podias alcançar? Louco! Soffre agora as consequencias da tua louca pretenção...

Mas eu, desviei-me insoffrido, interrompi-a, dizendo-lhe: — Mulher ou demonio, o que tens tu feito da minha vida? Onde estão as seductoras promessas que me fizeste? Onde? Fala! Quem és? — clamei já supplicante

Então a sua physionomia tomou a expressão encantadora e triste de quem se fecha na reflexão, hesitante em desfazer uma illusão que se presente muito amada, e no seu olhar houve um vislumbre de meiguice, talvez de dó, de compaixão, mas bem cedo retomou a sua cruel e amarga ironia, e soltando uma gargalhada estridente, que me fez estremecer todo, num como presentimento, numa como previsão instinctiva dum grande desastre, desappareceu por entre os tumulos, dizendo-me:

— Eu sou a Felicidade!

Acordei então. Uma voz me despertava. Era o doido das longas barbas brancas, de faces maceradas, de olhar tão melancolico que não havia quem,

ao vê-lo, se não quedasse triste, passando, no escuro da floresta a soltar o seu eterno estribilho :

— Ser feliz!... ser feliz!... nada desejar, nada ambicionar...

Coimbra—99.

O COFRE

O COFRE

Ao António de Noronha.

Resolvera voltar á aldêa. Annos se tinham passado numa vida de dissipações, de extravagancias, esteril e inútil, que lhe havia consumido a fortuna e a mocidade.

Senhor duma bôa casa, pouco tempo depois da morte dos paes, estava agora ameaçado duma quasi pobreza, se outra direcção não tomasse.

Cançado, extenuado, por aquella existencia sem um fim nobre e elevado que o guiasse na aspiração dum unico bem, com a velhice precoce duma mocidade gasta nos vãos gozos duma sociedade devastada pelo sopro impuro dum scepticismo corruptor, perdida a mocidade, para sempre, no grande vácuo das aspirações passadas, sentiu imperiosa necessidade de voltar para a remançosa e santa paz da sua aldêa, para o seio daquellas almas, formadas ao

contacto purificante da natureza, para a tranquillidade duma existencia repousada, livre de tédio e descrença que a contemplação do mundo nos deixa na alma.

Chegou no fim de novembro, quando os ramos das arvores, já quasi despidos das suas folhas, têem o aspecto aggressivo de braços descarnados, implorando, debalde, soccorro nas ultimas convulsões da morte; quando os primeiros gemidos do vento perpassam pelas quebradas e pinhais como almas em agonia...

Era um destes dias. Pelo ceu bronzeo passavam, rapidas, nuvens sobre nuvens, ennovelando-se, precipitando-se, densas e negras, numa louca correria, qual fumo de collossal locomotiva.

Alguma coisa de pesado opprimia a alma, naquella atmosphera carregada.

Dirigiu-se para a sua antiga casa que ficava ao fundo da povoação, um pouco afastada das ultimas habitações.

Ao atravessar a pequena aldêa, caras desconhecidas, ou já esquecidas, fitavam-no com expressão de immensa curiosidade, olhando-se interrogativamente.

Em alguns minutos chegou a casa. Então, uma grande tristeza se apossou da sua alma ao vê-la naquelle immenso abandono, quasi em ruinas. Limos cobriam-lhe as paredes, de ha muito por caiar, dum verde triste de zinabre; hervas damninhas nasciam no telhado, revolto pelas ventanias;

os vidros estavam partidos pelas pedradas do rapazio...

Tudo isto lhe dava um tal cunho de tristeza, que lhe fez entenebrecer a alma numa immensa desolação...

Empurrou a porta, quasi desconjunctada, e entrou.

Subiu a escada e dirigiu-se, preso de immensa commoção, para o seu antigo quarto.

Ao atravessar aquella casa solitaria e sinistra no immenso silencio do seu abandono, profunda commoção se apoderou delle, parecendo-lhe que aquellas paredes denegridas e esburacadas, se erguiam cheias de censuras e que o triste sybillar do vento era voz que saia dos buracos, abertos como enormes boccas, para o amaldiçoar...

Tremulo, cambaleante e opprimido, entrou no seu quarto, sentindo a necessidade de ar mais puro. Abriu a janella e, debruçando-se sobre o parapeito, sorveu o ar, impregnado de humidade.

A athmosphera continuava pesada e carregada.

As cabeças dos montes escondiam-se num denso e negro capello de nuves. Alguns penedos agrupados e envolvidos de nevoeiro semelhavam um castello em ruinas, evocando a lembrança dum passado longinquo...

Elle agora, mais sereno, passada aquella primeira impressão, evocava tambem a lembrança de outros tempos...

Que contraste não havia entre este dia e aquelle

em que partiu dalli! entre este dia de inverno e aquella manhã de primavera! entre esta triste paisagem, agora batida e assolada pelo sopro gélido do inverno, e aquella bella natureza em festa, banhada de luz, resplandecente de fulgores e inebriante de perfumes! Sim, como elle se ia agora recordando daquelle dia! como se lhe ia avivando na memoria aquella recordação!... Tinha elle dezoito annos, quando deixou a sua risonha aldêa...

Havia, afinal, conseguido licença do pae para partir, e, na vespera do desejado dia, tal alegria sentira que quasi não dormira. Levantando-se, mal rompera a manhã, fôra passear pelos campos, para enganar o tempo, com visões deslumbrantes, dessa vida nova que ia levar, a perpassar-lhe no cerebro, sonhando, confusamente, com triumphos, gloria e celebridade; cheio de contentamento por vêr, afinal, a sua ambição realizada, o seu sonho, por se vêr prestes a sair daquella aldêa, onde se sentia estiolar, morrer, na immensa nostalgia de uma vigorosa mocidade ardendo por sensações desconhecidas!

A sua alma sedenta de gozos, de novas emoções, sequiosa de liberdade, desfallecia nos fechados horisontes da sua aldêa. Sentindo necessidade impreterivel de movimento que esgotasse aquelle excesso de vida que transbordava do seu ser viril e robusto, anceava por vêr acabar a monotonia daquelles dias, por levar outra vida, cheia de sensações, febrilmente agitada pelas luctas e paixões dos grandes centros, que a sua imaginação delineava e

ornava com as côres hilariantes da sua phantasia.

A manhã estava gloriosa; dir-se-hia preparar-se para uma grande apotheose!

Os campos batidos pelo sol — como lhe iam occorrendo detalhes! — tinham grandes fulgurações de luz: nos milheiraes, ondulantes, com o leve sussurro de roçagar de sedas, tinha o scintillar de laminas prateadas; nos seixos e nas pedras do caminho, constellações de milhares de brilhantes; no rio, reverberações de espelhos.

Por toda a parte luz, e as proprias sombras dos pinhaes e dos montes só a faziam realçar com mais intensidade e brilho!

Banhados por esta immensa claridade, os prados succediam-se alternados nas suas côres, matizados de flôres, cortados de atalhos, separados por verdes tapumes, numa prodigiosa alacridade de tons e cambiantes de luz.

Elle caminhava indolentemente, na deliciosa indolencia de quem sentia a infinita sensação de bem-estar, sorvendo voluptuosamente o ar lavado, puro e oxygenado daquella manhã de sol.

Estas recordações acordavam-lhe outras. Lembravam-lhe os seus brinquedos com Emilia, a filha do Antonio lavrador, os seus castos amores, castos como as suas almas de creanças. Quantas vezes havia elle atravessado com ella aquelles mesmos campos, correndo, brincando, colhendo flôres, com que lhe enfeitava os negros cabellos! Quantas vezes se

haviam sentado, debaixo daquellas arvores, corações inundados de intima felicidade, trocando mil protestos de amor, nessas bellas tardes de primavera em que a natureza, tendo uma religiosa pacificação de prece, parecia desprender-se em mil bençãos nupciaes sobre as suas cabeças infantis!

Desde creanças que Emilia havia sido a sua companheira, ligando-os um affecto de irmãos.

Até aos 13 annos foi assim que se amaram; porém, depois, este affecto mudou de natureza.

Uma circumstancia, que marca quasi sempre um estado pathologico, havia contribuido para isso.

Lêra elle esse bello idyllio de Bernardin de Saint Pierre, e a sua fogosa imaginação quiz modulál-o por Paulo, fazer de Emilia uma Virginia...

Emilia tinha uma natureza contemplativa e meiga que o favorecia nas suas romanticas phantasias.

Assim haviam nascido os seus amores; mas ao passo que o delle era filho da sua imaginação exaltada, o de Emilia nascia espontaneo e sincero da sua alma de creança.

Por isso, dois annos haviam bastado para elle considerar esse amor como uma loucura de creança, de que agora se ria com a grande superioridade dos seus dezoito annos, superioridade que lhe fazia aborrecer a monotona vida de aldeia, onde a offervescencia da sua juventude não encontrava alimento.

Uma causa tambem havia operado esta mudança. Teria elle dezoito annos quando veiu á aldeia, de visita a sua familia, um rapaz que estudava pintura em Paris. Travaram conhecimento rapido e intimo.

Paulo contou-lhe a sua vida de Paris, dando-se ares ao narrar-lhe, com fingida despreoccupação, as suas aventuras amorosas, paixões loucas de actrizes, ceias, scenas lubricas d'orgias que lhe faziam vibrar a carne na intensidade de desejos subitamente despertos.

Datava daqui o seu extremo desejo de ir para uma cidade grande, de sentir e experimentar tambem aquellas sensações.

O scepticismo convencional de Paulo apparecia-lhe como um ideal de superioridade; começava mesmo a julgar-se humilhado da sua inferioridade, affectando um certo cynismo, rindo do seu romantismo com Emilia, reputando o seu antigo sentir como ridiculas e ingenuas pieguices.

Assim, a sua memoria caminhava de reminiscencia em reminiscencia, de recordação em recordação, reconstruindo-lhe todo aquelle passado. Agora era a imagem de Emilia que lhe apparecia, tão nitida e clara, que julgava estar ainda a vêl-a naquella belleza maguada da occasião da sua despedida.

Na manhã da sua partida, depois de vaguear, ao acaso, pelos campos, lembrara-se que não se havia despedido de Emilia; e, resolvendo ir dizer-lhe um ultimo adeus, dirigiu-se á pequena herdade.

Esta ficava na meia encosta duma collina, na outra margem do rio. Do meio das velhas oliveiras, que punham no ceu azul as manchas plumbeas dos seus ramos, apparecia a pequena casa, transpirando alguma coisa de puro e santo, levando a pensar com amor na singeleza daquellas ingenuas almas de camponezes.

Até a collina estendia-se uma ampla planicie, coberta de oliveiras, destacando-se a desoladora e melancholica nudez dos seus carcomidos troncos no chão verde e florente.

Junto do rio, uma rapariga colhia flôres silvestres e, na grande despreoccupação da sua mocidade, cantava uma canção d'amor, impregnada do frescor da sua garganta sadia... Era Emilia.

Ao vêl-o, corrêra para elle, e, com expressão de alegria, que lhe illuminava todo o rosto, dissera-lhe, ainda a distancia:

— Bravo! que milagre foi esse que o fez tão madrugador?

— Emilia — lhe respondeu elle — venho despedir-me de ti. Parto daqui a algumas horas. Consegui, afinal, licença de meus paes e não queria deixar de te dizer adeus. Eis o motivo que aqui me traz.

Ao ouvil-o, perpassára-lhe pelo rosto um resumbro de tristeza, como uma ligeira nuvem em ceu azul, os olhos marejaram-se-lhe de lagrimas e fôra com voz commovida que lhe dissera:

— Para que deixa a sua terra, a sua casa, todos

os que o amam? para que vae para tão longe? não se sente aqui bem? Não sei para que abandona a sua terra, se não precisa de procurar fortuna, pois é rico, se tem aqui todos os que lhe querem bem... se poderia ser aqui tão feliz!...

E ella tinha na voz lagrimas que a custo reprimia.

— Emilia, tu nunca sentiste desejo de conhecer, de vêr o que existe para além daquellas serras, para além destes estreitos horizontes?

— Não! Para que havia eu de desejar conhecer o que ha para além daquellas montanhas, se dentro dellas tinha todos os que amava?

E, dizendo isto, as lagrimas cahiram-lhe impetuosas dos bellos olhos negros e os soluços soltaram-se convulsos, fazendo-lhe ondular o seio, já opulento nas suas fórmas virginaes.

Elle sentia-se, então, commovido ao vêr chorar aquella linda rapariga, censurando-se intimamente por lhe ter dado aquelle desgosto, sentindo-se involuntariamente subjugado pela sua belleza, que as lagrimas dulcificavam.

Havia naquelles olhos negros e empanados pelas lagrimas reverberações de meiguice e de amor que lhe penetravam na alma, e em toda aquella belleza alguma coisa de quente e sensual que lhe subjugava os sentidos, irradiando tal frescor e vida que ella lhe parecia a mais viva e forte manifestação daquella exuberante natureza que o rodeava.

O seu collo, duma brancura impeccavel, emer-

gia meigamente das ultimas ondulações daquelle seio que, castamente, apparecia na ligeira abertura do corpete...

Elle mergulhava o seu olhar ardente por esta pequena abertura, percorrendo e despindo aquelle corpo, onde a sàdia robustez de camponeza se casava tão bem com a extrema correcção do busto. Tomara-o uma grande commoção, experimentando já um certo pezar, uma quasi saudade daquelle amor tão puro daquella ingenua rapariga; parecera-lhe por momentos que, desprezando aquelle sincero amor, abandonava a felicidade que lhe fallava por labios que não sabiam mentir; que só alli poderia ser feliz, tendo por unico ideal as doces emoções do coração. Por segundos sentira-se vacillar na resolução de partir. Tentara fugir áquella perturbação, dizendo-lhe:

— Não chores. Então choras quando estou alegre? Se és minha amiga deves regosijar-te com a idêa de que vou trabalhar para ser alguem aos olhos do mundo. Talvez um dia vejas o meu nome conhecido e admirado por todos... Não te alegra esta idêa?

— Não sei... só sei que o amo... — respondeu ella com voz imperceptivel, confundindo-se num soluço.

Querendo fugir de vez á commoção que o avassallava, cada vez mais, dissera-lhe abruptamente:

— É tempo de regressar a casa para me preparar. Adeus!

— Não parta, sem levar uma recordação minha; alguma coisa me diz que não o tornarei a vêr!

E assim fallando, arrancara, com um movimento febril, uma madeixa dos seus bellos cabellos e atando com elles o ramo de flôres silvestres, que havia colhido, dissera-lhe, offerecendo-o:

— Possa ao menos esta pequena lembrança fallar-lhe de mim.

Elle, então, pegara no ramo e cingindo-a contra o peito, estremamente, confundiu as suas lagrimas com as della, durante alguns minutos, numa expressão sincera de dôr. Depois fugira-lhe dos braços e voltara para casa.

Entrando no seu quarto, ainda debaixo daquella triste impressão, atirara o ramo para dentro dum pequeno cofre que estava sobre um velho movel.

Partira dalli a algumas horas, esquecendo-lhe o ramo.

Já livre da nuvem da tristeza que o affligira, durante algumas horas, entregava-se de novo ao ante-gozo dessa vida que ia iniciar e onde a lembrança daquella manhã se foi desvanecendo, apagando, até se diluir de todo no tropel daquella vida agitada...

Neste ponto das suas recordações, retirou-se da janella, e voltando para dentro, lançou um olhar por todo o aposento, como a vêr se ainda estaria alli o pequeno cofre.

Descobriu-o a um canto. Foi buscá-lo e, com

mão febril, abriu-o, mergulhando, com avidez, a vista no fundo do cofre...

Então, por aquelles olhos que ha tanto não haviam chorado, por onde durante annos só haviam passado reflexos de desejos impuros, faiscas de ironia e de cynismo, brotaram grossas lagrimas, sulcando-lhe as rugas daquella velhice precoce.

É que elle, no fundo do cofre, só achava do antigo ramo, agora quasi reduzido a pó, uma flôr intacta e essa flôr era... uma saudade.

Coimbra, 5 d'abril de 1900.

O LAR

O LAR

A M. J.

Os primeiros symptomas de gravidez não foram motivo para grandes alegrias no lar feliz...

O pae era o que chamamos vulgarmente um philosopho e tinha por theoria que a felicidade é uma somma tanto maior quanto menor fôr o numero de parcellas que collocarmos nas mãos dos outros. Logo, no casamento, as probabilidades de maior felicidade estavam na razão inversa do numero de filhos...

Por isso os primeiros symptomas de gravidez não foram motivo para grandes alegrias no lar feliz.

O casal era feliz. A sua vida corria na serenidade reciproca dum amor mutuo, tranquillo e constante.

A felicidade era completa para o marido.

Concentrar, porém, todos os affectos na esposa meiga era o seu ideal.

E a sua vida era a concretisação dum longo sonho de doze annos, em que elle, atravez da sua juventude sonhadora, criara sempre, no mais ardente recesso da sua alma, aquella união de dois corações enlaçados, fundidos tão fortemente como na fusão completa de todos os amores. Queria que o seu amor consubstanciasse a vivacidade quente de esposos apaixonados, a serenidade doce do amor fraterno, o terno carinho de irmãos amigos, as intimas e plenas expansões de camaradas leaes e francos.

Sorria-lhe tanto a ideia de sua esposa ser o primeiro dos seus amigos! uma companheira alegre na jornada triste da vida.

Em longas idealidades juvenis projectara reunir naquella rapariga a esposa doce e meiga á irmã terna e indulgente, ao amigo dedicado e tolerante.

Tinha dezeseis annos quando os seus sonhos de adolescente, as vagas e inominadas aspirações da sua alma nubil, as idealisações diaphanas da sua phantasia, começaram a tomar a fórma real daquella doce figurita de linhas ondulantes e flexiveis como a haste tenra da flôr em botão.

Ella sorria-lhe querençosa e grave quando passava, fitando-o demoradamente com os seus olhos dum castanho velludineo, quasi pretos, no assom-

breado fundo das suas olheiras, levemente carvoadas...

Ao contacto fecundante deste olhar as nebulosidades da sua imaginação, as linhas indefinidas daquellas miragens resplandecentes, mas informes, foram-se dissipando, como nuvens de manhãs claras ao calor dissolvente do sol e cedo surgiram á luz albente da sua alma juvenil com as fórmas definidas de delineadas ambições: Primeiro os loucos anhelos dum amor ideal, cheio de inebriantes e ineffaveis emoções, quasi immaterialisado pela grande pureza do seu sentir, pela communhão ilysia das suas almas gemeas, voejando nas regiões incommensuraveis do amor eterno e puro; depois planos duma vida mais pratica, mais positiva, mais humana e trivial.

Friamente, racionalmente, traçou com firmeza o largo e tranquillo trajecto da sua vida, tendo sempre a illuminar-lhe o futuro, os seus passos timidos e vacillantes nas desfalencias inevitaveis da existencia aquella limpida e clara luz do seu amor.

Sacudira rudemente a indolencia ingenita do seu temperamento e lançara-se ao trabalho e sem grande enforço conseguira tirar um curso que lhe permittira alcançar á eleita do seu coração uma vida sem privações embora mediana.

Aqui acabam todas as suas ambições; nada mais desejava que lhe pudesse perturbar a paz de uma serenidade de espirito constante e igual.

Era a realização de um longo sonho de doze

annos que o tempo e a reflexão iam sempre aperfeiçoando, adaptando cada vez mais ao seu caracter sereno e contemplativo.

Para conseguir esta tranquillidade d'alma tinha sempre presente no espirito o axioma de que a felicidade é uma resultante, um total, não de momentos de gosos intensos, mas de instantes não perturbados, embora monotonos. E para garantia daquella felicidade, trabalhára por ligar-se á esposa pelos multiplos laços de amor que descrevemos.

Nessa mesma ausencia de filhos via elle mais uma condição para serem felizes, porque estavam livres das preoccupações pelas incertezas dum futuro imprevisto de entes queridos. Ella tambem pensava da mesma fórma.

Convencêra-se da logica infallivel dos argumentos do marido. Era igualmente feliz e... todavia, ás vezes, um mal estar inexplicavel, uma tristeza subita a invadia e como que diminuia a intensidade do seu affecto. Então o marido sentia, por instantes, perpassar, na atmosphera tranquilla da sua felicidade, um sôpro algido, frio... O que seria?

Ao amor conjugal seria prejudicial aquella serenidade de affectos, aquella amizade de camaradas alegres e condescendentes com que quizera solidificar a sua felicidade? Seria antes indispensavel á

felicidade pelo amor os sentimentos exaltados, o amor ciumento que a cada momento levanta nuvens tormentosas no ceu da felicidade sonhada para, depois de desfeitas, o gosar mais limpido e sereno? A igualdadc monotona dum amor constante, sem incertezas, sem sobresaltos, nem alternativas, cansaria a alma como nos cansa a vista a monotonia azul de um lago pacifico, por não ter a variedade attrahente, mas ás vezes tormentosa, do oceano?

Eram estas as unicas interrogações, as unicas incognitas no problema do seu casamento... mas o casal, fóra destas ligeiras duvidas, vivia feliz e tranquillo...

Um dia appareceram os primeiros symptomas de gravidez. A noticia não trouxe grande alegria ao casal feliz e tranquillo...

Mezes depois, numa manhã de sol primaveril, saudado ao nascer pela toada alegre da passarada matutina, saltitando no arvoredo rociado e fresco, no lar agora perturbado pela doença inevitavel, um grito lancinante se ouviu e o chorar duma creança echoou fortemente na casa adormecida. Então, lagrimas serenas e silenciosas correram copiosas pela face pallida do pae ao vêr o clarão de divina luz que inundou subito, como aureola de entranhada e intima felicidade, a fronte santificada da mãe feliz.

E o pae, baixinho, no silencio das suas lagrimas e do seu coração enternecido, dizia:

— Era isto o que nos faltava.

Ponta Delgada, 5 — 4 — 907.

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc

Volumes publicados

1 — Tristezas á beira-mar, por Pinheiro Chagas.
2 — Contos ao luar, por Julio Cesar Machado.
3 — Carmen, trad. de M. Level.
4 — A Feira de Paris, por Iriel.
5 — O direito dos filhos, por George Ohnet.
6 — John Bull e a sua ilha, trad. de P. Chagas.
7 — Esgotado.
8 — A lenda da meia noite, por M. Pinheiro Chagas.
9 — A joia do vice-rei, por P. Chagas.
10 — Vinte annos de vida litteraria, por A. Pimentel.
11 — Honra d'artista, trad. de P. Chagas.
12 — Esgotado.
13 e 14 — A aventura d'um polaco, trad. de Maria A. Vaz de Carvalho
15 — Os contos do Tio Joaquim por R. Paganino.
16 — Esgotado.
17 — Noites de Cintra, por Alberto Pimentel.
18 e 19 — Esgotado.
20 e 21 — A irmã da caridade, por Emilio Castellar, trad. de L. Q. Chaves.
22 — Migalhas de historia portugueza, por P. Chagas.
23 — Esgotado.
24 — Contos, por Affonso Botelho.
25 — Esgotado.
26 — Esgotado.
27 — O naufragio de Vicente Sodré, por Pinheiro Chagas.
28 — Vida airada, por Alfredo Mesquita.
29 — O bacharel Ramires, por Candido de Figueiredo.
30 e 31 — Esgotado.
32 — As netas do Padre Eterno por A. Pimentel.

33 — Contos, por Pedro Ivo.
34 — O correio de Lyão, por Pierre Zaccone.
35 — Vida de Lisboa, por Alberto Pimentel.
36 — Historias de frades, por Lino d'Assumpção.
37 — Obras primas, por Chateaubriand.
38 — O exilado, por Mauricia C. de Figueiredo.
39 — Poema da Mocidade, por Pinheiro Chagas.
40 e 41 — A vida em Lisboa, por Julio Cesar Machado.
42 e 43 — Espelho de portuguêses, por Alberto Pimentel.
44 — A fada d'Auteuil, trad. de Pinheiro Chagas.
45 — A volta do Chiado, por E. de Barros Lobo.
46 — Séca e Méca, por Lino d'Assumpção.
47 — Ninho de guincho, por Alberto Pimentel.
48 — Vasco, por A. Lobo d'Avila.
49 — Leituras ao serão, por A. X. Rodrigues Cordeiro.
50 — Luz coada por ferros, por D. Anna A. Placido.
51 — Esgotado.
52 — Relampagos, por Armando Ribeiro.
53 — Historias rusticas, por Virgilio Varzea.
54 — Figuras humanas, por Alberto Pimentel.
55 — Dolorosa, por Francisco Acebal, trad. de Caïel.
56 — Memorias de um fura-vidas, por A. de Mesquita.
57 — Dramas da côrte, por Alberto de Castro.
58 — Os mosqueteiros d'Africa, por Mendes Leal.
59 — A divorciada, por José Augusto Vieira.
60 — Phototypias do Minho, po J. Augusto Vieira.
61 — Insulares, por Moniz de Bettencourt.
62 e 63 — Historia da civilisação na Europa, trad. do Marquez de Sousa Holstein.
64 — Triplice alliança, de Raul de Azevedo.
65 — Retalhos de verdade, por Caïel.
66 — A pasta d'um jornalista, peloVisconde de S. Boaventura.
67 — Os argonautas, por Virgilio Varzea.
68 — Fitas de animatographo, por Alberto Pimentel.
69 e 70 — Poesias do Abbade de Jazente, annotadas por Julio de Castilho.
71 — Aspectos e sensações, de Raul d'Azevedo.
72 — Contos e narrativas, por P. W. de Brito Aranha.
73 — Quadros e letras, historias e romancetes, por Sanches de Frias.
74 — Individualidades, por Henrique das Neves
75 — Alfacinhas, por Alfredo de Mesquita.
76 — Patria amada, pelo Visconde de S. Boaventura.
77 — Historias e romancêtes, por Sanches de Frias.
78 — Esbocetos individuaes, por Henrique das Neves
79 — Recordações da mocidade, por Adolpho Loureiro.
80 — Sorrisos, novellas e chronicas, por A. Campos.
81 — Lucta de sentimentos, por Maria O'Neill.
82 — Do Rocio ao Chiado, por P. de Vasconcellos.
83 — A dança do destino, por Luthgarda de Caires.
84 — Um drama de ciume, por Maria O'Neill.
85 e 86 — Resumo da origem de todos os cultos, por C. F. Dupuis
87 — Vencido, romance por F. A. M de Faria e Maia.
88 — Elogio da loucura, critica de costumes, por Erasmo.

OUTRAS OBRAS

Azevedo (Domingos de)

Diccionario (Grande) conten...
raneo francez-po...

Historia de Portugal, 10.ª ed. —
2 vols. br. e enc.